



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE (PPGES)
DEPARTAMENTO DE SAÚDE

SARA DE JESUS SANTOS

**EXPRESSÕES DAS MASCULINIDADES NOS COMPORTAMENTOS
DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS EM SEUS RELACIONAMENTOS
ÍNTIMOS**

JEQUIÉ
2026

SARA DE JESUS SANTOS

**EXPRESSÕES DAS MASCULINIDADES NOS COMPORTAMENTOS
DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS EM SEUS RELACIONAMENTOS
ÍNTIMOS**

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), área de concentração em Saúde Pública, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre.

Linha de pesquisa: Política, gestão e situação de saúde da população.

Orientadora: Prof^a. Dra. Aline Vieira Simões

**JEQUIÉ
2026**

S237e Santos, Sara de Jesus.

Expressões das masculinidades nos comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos / Sara de Jesus Santos. - 2026.

94f. : il., color.

Orientador(a): Profa. Dra. Aline Vieira Simões.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Área de Concentração em Saúde Pública. Jequié, 2026.

1. Jovens - Comportamento sexual. 2. Juventude - Brasil. 3. Estudantes universitários. 4. Masculinidade. I. Simões, Aline Vieira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde. III. Título.

CDD 305.31

Catálogo na fonte: Bibliotecária Eridiana Souza Silva - CRB-5/2129
UESB - Campus Jequié/BA

FOLHA DE APROVAÇÃO DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

SANTOS, Sara de Jesus. **Expressões das masculinidades nos comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos**. 2026. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, 2026.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ALINE VIEIRA SIMÕES**
Data: 06/04/2026 16:29:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Aline Vieira Simões

Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) –
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Documento assinado digitalmente
 **ANDERSON REIS DE SOUSA**
Data: 06/04/2026 17:02:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Anderson Reis de Sousa

Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGENF) –
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Documento assinado digitalmente
 **JULIANA COSTA MACHADO**
Data: 06/04/2026 17:32:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Juliana Costa Machado

Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) –
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Jequié - Bahia, 06 de abril de 2026

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, fonte de sustento, direção e cuidado, por renovar minhas forças nos momentos de exaustão, iluminar meus caminhos e permitir que eu chegasse até aqui.

À minha mãe, **Gildete**, meu maior alicerce. A ela devo não apenas esta conquista, mas quem me tornei ao longo do caminho. Seu amor incondicional, sua coragem silenciosa, suas renúncias e sua fé inabalável em mim foram o que me sustentaram nos dias difíceis e me impulsionaram a continuar. Esta vitória é, antes de tudo, nossa.

Ao meu pai, **Gilson**, pelo apoio e incentivo constante, contribuindo para que eu nunca desistisse dos meus objetivos.

À professora **Dra. Aline Vieira Simões**, minha “ori” desde a Iniciação Científica e o TCC, minha profunda gratidão por ter acreditado em mim desde os primeiros passos na pesquisa. Sua orientação firme e sensível foi essencial para minha formação acadêmica e pessoal. Ao longo dessa caminhada, a relação profissional transformou-se também em amizade, tornando o percurso ainda mais significativo. Você é e sempre será minha referência.

À professora **Dra. Daniela Neri**, pela supervisão no estágio docência e por me ensinar, de forma tão ética, sensível e construtiva, como exercer a docência com responsabilidade, cuidado e respeito. Sua delicadeza e seu afeto são inspirações para mim. Gratidão pelos ensinamentos que levarei para a vida.

À professora **Dra. Vivian Mara** e ao professor **Dr. Anderson Reis**, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação, pelas leituras atentas e apontamentos criteriosos que fortaleceram este trabalho. Em especial à professora Vivian, pelas riquíssimas contribuições nas aulas de “Narrativas de Vida”, que ampliaram meu olhar teórico e metodológico.

À professora **Dra. Juliana Machado**, pela disponibilidade e generosidade em aceitar compor a banca de defesa, pelo interesse nesta pesquisa e por sua reconhecida trajetória e produção científica, que dialogam com a temática investigada e certamente contribuirão para o aprofundamento das reflexões aqui desenvolvidas.

Ao **Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz**, meu querido GPVIO, em nome da professora **Dra. Vanda Palmarella**, expresso meu profundo carinho por esse coletivo que

se tornou família. Ao longo de mais de quatro anos de construção compartilhada, trocas e amadurecimento científico, as discussões ampliaram meu olhar crítico e qualificaram significativamente esta pesquisa.

Aos meus **amigos da vida**, que compreenderam minhas ausências, acolheram minhas angústias e celebraram cada pequena conquista, tornando a caminhada mais leve.

Às minhas amigas de turma, **Ranna, Daiane, Mary e Roberta**, companheiras do “Sobrevivendo além do Lattes”, por dividirem desafios, prazos e sonhos, tornando essa jornada mais possível e afetuosa. Em especial à Mary, que caminha comigo desde a graduação, compartilhando conquistas, inseguranças e vitórias ao longo de toda essa trajetória.

Aos professores e funcionários do **Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES)**, pelo compromisso com a formação acadêmica e pelo suporte institucional ao longo do curso.

Aos **jovens universitários** que aceitaram participar desta pesquisa, reservando tempo em meio às múltiplas demandas acadêmicas para compartilhar suas narrativas de vida. Ao confiarem a mim relatos marcados por intimidades, vulnerabilidades, dilemas, afetos e contradições, demonstraram coragem e generosidade. Com vocês, aprendi sobre identidade, resistência, fragilidades e possibilidades de reinvenção. Sem a escuta sensível e a confiança de cada participante, este trabalho simplesmente não existiria.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, pelo apoio e financiamento que viabilizaram a realização desta pesquisa.

*A lágrima de um homem vai cair,
Esse é o seu BO pra eternidade
Diz que homem não chora,
Tá bom, falou,
Não vai pra grupo irmão aí,
Jesus chorou!*

Racionais MC's, Jesus Chorou, 2002.

SANTOS, Sara de Jesus. **Expressões das masculinidades nos comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos**. 2026. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, 2026.

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de compreender as expressões de masculinidades nos comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos. A fundamentação teórica ancora-se na Teoria dos Roteiros Sexuais de John H. Gagnon e William Simon, que interpreta a sexualidade como fenômeno socialmente construído nos níveis intrapsíquico, interpessoal e cultural. Metodologicamente, a pesquisa assume abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, de natureza etnossociológica, pautada no método de Narrativas de Vida de Daniel Bertaux. Após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, a coleta iniciou-se mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O cenário é a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Jequié. Os participantes foram jovens do sexo masculino dos cursos de Enfermagem, Medicina, Fisioterapia, Farmácia e Odontologia, por serem ambientes predominantemente feminilizados, tensionam as performances de gênero. A seleção ocorreu via técnica *Snowball* e saturação narrativa. Participaram 15 discentes, com idades de 19 a 29 anos, do 1º ao 10º semestre, vivenciando no momento da coleta diferentes tipos de relacionamento afetivo. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário sociodemográfico e entrevistas narrativas; a análise seguiu as etapas de transcrição, codificação temática, recodificação e síntese das narrativas. Os resultados evidenciaram a família, a religião, amizades, escola, a sociedade, a mídia, o território e a universidade como instâncias normativas que orientam as expectativas sociais de masculinidade. No plano dos roteiros interpessoais, observou-se uma iniciação sexual precoce e tensões entre o desejo casual e a busca por intimidade. No plano intrapsíquico, emergem conflitos de identidade e dificuldades na expressão de vulnerabilidades, evidenciando que a persistência de traços hegemônicos coexiste com movimentos de resistência e resignificação do diálogo e da gestão emocional nos vínculos afetivo-sexuais, com tensões especialmente acentuadas entre homossexuais e bissexuais. Conclui-se que o estudo oferece subsídios para a qualificação do cuidado de enfermagem e a formulação de políticas de saúde voltadas ao público masculino jovem. Tais contribuições viabilizam a criação de estratégias de acolhimento e espaços de educação em saúde que problematizam as masculinidades hegemônicas, incentivando a construção de vínculos afetivo-sexuais mais saudáveis, equitativos e pautados na cultura de paz.

Palavras-chave: Jovens; Juventude; Estudantes universitários; Masculinidades.

SANTOS, Sara de Jesus. **Expressions of masculinities in the behaviors of young university students in their intimate relationships.** 2026. **Dissertation (Master's)** – Postgraduate Program in Nursing and Health, State University of Southwest Bahia, Jequié, Bahia, 2026.

ABSTRACT

This study aims to understand the expressions of masculinities in the behaviors of young university students within their intimate relationships. The theoretical framework is anchored in John H. Gagnon and William Simon's Sexual Scripts Theory, which interprets sexuality as a socially constructed phenomenon at the intrapsychic, interpersonal, and cultural levels. Methodologically, the research adopts a qualitative, descriptive, and exploratory approach of an ethnosociological nature, based on Daniel Bertaux's Life Narratives method. Following approval by the Research Ethics Committee, data collection began upon the signing of the Informed Consent Form. The setting is the State University of Southwest Bahia, Jequié campus. Participants were young males from the Nursing, Medicine, Physiotherapy, Pharmacy, and Dentistry programs; such environments, being predominantly feminized, tension gender performances. Selection occurred via the snowball technique and narrative saturation. Fifteen students participated, aged 19 to 29, from the 1st to the 10th semester, experiencing different types of affective relationships at the time of collection. Data collection was carried out through a sociodemographic questionnaire and narrative interviews; the analysis followed the stages of transcription, thematic coding, recoding, and synthesis of the narratives. The results evidenced family, religion, friendships, school, society, media, territory, and the university as normative instances that guide social expectations of masculinity. At the interpersonal script level, early sexual initiation and tensions between casual desire and the search for intimacy were observed. At the intrapsychic level, identity conflicts and difficulties in expressing vulnerabilities emerge, highlighting that the persistence of hegemonic traits coexists with movements of resistance and the re-signification of dialogue and emotional management in affective-sexual bonds, with tensions being especially acute among homosexual and bisexual individuals. It is concluded that the study offers subsidies for the qualification of nursing care and the formulation of health policies targeted at the young male public. Such contributions enable the creation of welcoming strategies and health education spaces that problematize hegemonic masculinities, encouraging the construction of healthier, more equitable affective-sexual bonds grounded in a culture of peace.

Keywords: Young people; Youth; University students; Masculinities.

LISTA DE SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COREQ	<i>Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research</i>
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
LGBTQI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo e outras identidades de gênero e orientações sexuais
Medline	<i>Medical Literature Analysis and Retrieval System Online</i>
MeSH	<i>Medical Subject Headings</i>
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
PBE	Prática Baseada em Evidências
PNJ	Política Nacional de Juventude
PNAISH	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem
PRISMA	<i>Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses</i>
PubMed	<i>Portal da National Library of Medicine</i>
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VPI	Violência por parceiro íntimo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Recodificação das unidades temáticas	43
Quadro 2 – Síntese: distribuição dos agrupamentos temáticos	44
Quadro 3 – Recorrência e distribuição das subcategorias e categoria analítica	45

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fluxograma do processo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos.	21
Figura 2 - Fluxograma analítico das etapas de codificação à síntese	44

SUMÁRIO

1 Introdução	14
2 Revisão de Literatura	20
2.1 As construções socio-históricas das masculinidades	23
2.2 O processo de transição da adolescência e as vivências das juventudes	25
2.2.1 Perfil dos jovens universitários	26
2.3 Os comportamentos dos jovens em seus relacionamentos íntimos	27
3 Referencial teórico	30
3.1 Teoria dos Roteiros sexuais - Gagnon e Simon	30
4 Aspectos metodológicos	34
4.1 Tipo de Pesquisa	34
4.1.1 Referencial teórico-metodológico: Daniel Bertaux	34
4.2 Cenário da Pesquisa	36
4.3 Participantes da Pesquisa	37
4.4 Instrumentos e Técnicas para Coleta de Dados	39
4.5 Técnica para análise de dados	41
4.6 Aspectos Éticos da Pesquisa	46
5 Resultados e discussão	47
5.1 Manuscrito – Masculinidades em construção: influências socioculturais nos relacionamentos íntimos de jovens universitários	48
5.2 Manuscrito – Expressões das masculinidades nos roteiros interpessoais e intrapsíquicos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos	58
Referências	75
APÊNDICES	83
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE	84
APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados	86
APÊNDICE C - Historiograma	87
APÊNDICE D– Perfil sociodemográfico dos participantes	90
ANEXOS	91
ANEXO A- Parecer consubstanciado do CEP	92

1 Introdução

A juventude corresponde a uma etapa de transição que ocorre após a adolescência até a fase adulta, mediada por diversas transformações de cunho biofisiológico. Esse período também envolve mudanças psicológicas e sociais, devido à maior intensidade das interações e construções proporcionadas por esse momento. Neste estudo, compreende-se como jovem as pessoas na faixa etária entre 15 e 29 anos, conforme preconiza o Estatuto da Juventude, o qual aborda questões de políticas públicas para essa população (Brasil, 2013; Castro Júnior *et al.*, 2024).

No Brasil, esse contingente representa cerca de 45 milhões de jovens que se encontram em uma fase importante de transição no ciclo vital, mas em diferentes perspectivas de vida que afetam diretamente o processo de desenvolvimento, visto que, a juventude enfrenta a transversalidade das desigualdades em seus múltiplos aspectos. Ao analisar a distribuição por sexo na juventude brasileira, observa-se que a maior população constitui o público masculino entre 15 e 24 anos, e tornando majoritariamente feminino nas idades subsequentes (Barão *et al.*, 2021; IBGE, 2023).

Atribuições sociais e culturais posicionam homens e mulheres em lugares hierarquizados, com privilégios historicamente associados ao masculino. Essas assimetrias são reproduzidas em diferentes espaços sociais e sustentadas por um regime heteropatriarcal que naturaliza desigualdades (Brasil, 2025). Sob essa ótica, o gênero é compreendido não como um dado biológico, mas como um elemento constitutivo de relações sociais e uma forma primária de significar as relações de poder (Scott, 1995).

Tais normas, produzidas socialmente, funcionam como roteiros culturais que orientam expectativas e papéis atribuídos ao longo do ciclo de vida. Nessa perspectiva, a sexualidade passa a ser compreendida como um aprendizado socialmente organizado e interpretado pelos sujeitos. Essa abordagem permite analisar como as pressões estruturais se transformam em significados e práticas nas vivências íntimas dos seres humanos (Gagnon; Simon, 1973; 2006).

A compreensão das masculinidades como construções relacionais implica reconhecê-las como organizadas em estruturas hierárquicas, nas quais determinados modelos se tornam socialmente dominantes e legitimam posições de poder. A noção de masculinidade hegemônica evidencia que não existe uma única forma de ser homem, mas arranjos que se sobrepõem e se subordinam entre si, produzindo privilégios para alguns e marginalização para outros (Connell, 2005; Connell; Messerschmidt, 2005).

Ao longo do desenvolvimento, esses roteiros culturais são incorporados e transformados em roteiros interpessoais por meio de práticas de socialização que demarcam simbolicamente a passagem de “meninos” para “homens”, reforçando expectativas de virilidade, autocontrole e distanciamento do feminino. Esse processo ocorre nas interações familiares, escolares e entre pares, onde comportamentos considerados inadequados ao ideal masculino tendem a ser corrigidos ou sancionados, consolidando padrões hegemônicos (Sánchez-Sicilia; Roncallo, 2021; Huang *et al.*, 2025).

Transmitidas de forma intergeracional, essas expectativas consolidam parâmetros de comportamento associados à força, autoridade e negação da vulnerabilidade, compondo o estereótipo do “macho” viril (Nolasco, 1993). Entretanto, tais padrões não se manifestam de maneira homogênea. As masculinidades articulam-se a marcadores interseccionais, como classe, raça, religião e sexualidade, produzindo experiências diversas que podem tanto tensionar quanto reproduzir hierarquias de gênero (Butler, 2018; Sales; Silva, 2021).

Dentre as múltiplas juventudes, este estudo centra-se nos jovens universitários, compreendendo que o ingresso no ensino superior representa uma transição singular no ciclo vital. A universidade constitui um espaço privilegiado de produção de identidades, onde novos sentidos sobre subjetividades e vínculos são constantemente produzidos e ressignificados (Mendonça; Diniz; Maia, 2021; Khumalo *et al.*, 2021). Embora associada à mobilidade social, a permanência nesse ambiente é marcada por desigualdades que impactam diretamente o posicionamento social desses jovens (Maia *et al.*, 2022).

Nesse cenário, os relacionamentos afetivo-sexuais são atravessados por processos de socialização e expectativas normativas compartilhadas entre pares e instituições. O espaço permite que os jovens reavaliem e expressem suas masculinidades de formas distintas de outros contextos, mobilizando múltiplas formas de ser homem conforme as normas vigentes (Khumalo *et al.*, 2021). Assim, a universidade torna-se um laboratório de performances, onde se negociam padrões de virilidade que repercutem na dinâmica íntima (Almeida; Carvalho, 2022; Souza, 2023).

As experiências de gênero são tensionadas pela pluralidade, e as negociações de poder não se restringem aos heterossexuais, estendendo-se também aos homossexuais. Nestes grupos, a hierarquização de papéis pode reproduzir lógicas de subordinação semelhantes aos modelos tradicionais (Ferrari *et al.*, 2021; Neves; Correia; Borges, 2023; Souza; Silva; Beira, 2022). Tais dinâmicas revelam como as normas de gênero são resilientes e se manifestam de formas complexas dentro do ambiente universitário.

Frequentemente, as expectativas sociais na academia associam-se a festas e encontros casuais, roteiros que influenciam a performance das masculinidades e a manutenção de estereótipos. Evidências indicam que a formação universitária, por si só, não garante rupturas com modelos hegemônicos. Por isso, é fundamental fomentar espaços de reflexão e estratégias formativas que promovam transformações reais nas práticas masculinas e nos relacionamentos (Thorpe; Kuperberg, 2021; Franco; Parra, 2021).

Dentro das relações afetivo-íntimas, esses padrões operam na interface entre o social e o intrapsíquico, orientando expectativas sobre fidelidade, iniciativa sexual e demonstração de afeto. Nessa perspectiva, os roteiros sexuais influenciam profundamente a dinâmica dos vínculos estabelecidos pelos universitários (Gagnon; Simon, 1973; 2006). Tais modelos repercutem na forma como esses jovens exercem poder, expressam suas vulnerabilidades ou negociam limites (Silva; Menezes, 2021; Sánchez-Sicilia; Roncallo, 2021; Verríssimo *et al.*, 2022).

Diante dessas repercussões, o debate sobre masculinidades articula-se às agendas globais de promoção da saúde e equidade, especialmente aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), como o ODS 3 (saúde e bem-estar) e o ODS 5 (igualdade de gênero), que enfatizam o enfrentamento das desigualdades estruturais e das normas de gênero que impactam a saúde masculina (ONU, sd). No contexto brasileiro, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), instituída em 2009, representa marco para a organização do cuidado integral a essa população (Brasil, 2009).

Assim, a motivação para o desenvolvimento deste estudo emergiu do envolvimento da pesquisadora em um grupo de pesquisa dedicado às temáticas da violência, saúde e cultura de paz e da participação em projeto de iniciação científica que aborda sobre relações afetivas de jovens universitários, desde 2020 na graduação em Enfermagem. Ao longo do tempo, e com base nos resultados obtidos das diversas atividades de pesquisa e das ações extensionistas realizadas, começaram a emergir questionamentos sobre os comportamentos dos universitários em seus relacionamentos íntimos.

Ademais, experiências como Facilitadora em Círculos de Diálogos, com foco em gênero, violência e promoção da cultura de paz pela Justiça Restaurativa, trouxe à pesquisadora a percepção do crescimento dos estudos sobre gênero e masculinidades. No entanto, o foco principal dessas ações e reflexões costuma recair sobre os homens acusados de cometer violência contra a mulher. É necessário, portanto, ampliar os estudos para outros grupos masculinos que não estejam vinculados ao sistema de justiça, visto que pesquisas tem revelado

comportamentos comuns entre os homens, caracterizados por traços da masculinidade hegemônica.

Nos últimos anos, a temática tem ganhado maior centralidade nas agendas institucionais. Em 2025, o Ministério da Saúde lançou a consulta pública para o “Caderno de Atenção Básica nº 42 – Saúde dos Homens”, reconhecendo as masculinidades como determinantes sociais relevantes para a Atenção Primária (Brasil, 2025). De modo convergente, o Conselho Federal de Enfermagem instituiu o “Grupo de Trabalho em Enfermagem na Saúde do Homem”, reforçando o protagonismo da categoria diante dos desafios relacionados à consolidação da PNAISH e à elevada morbimortalidade masculina por causas evitáveis (COFEN, 2025).

A atuação da enfermagem frente a essa temática permite transcender o enfoque biomédico e qualificar a assistência integral à saúde masculina. Ao reconhecer que comportamentos, vulnerabilidades e relações de poder são moldados por determinantes históricos e sociais, o cuidado torna-se mais equitativo e alinhado às necessidades reais dessa população (Mgopa *et al.*, 2021; Lantiere *et al.*, 2022). Essa perspectiva exige que as práticas de saúde e educação considerem os roteiros sexuais e as subjetividades, promovendo uma reestruturação do cuidado que respeite a diversidade das vivências masculinas (Mello *et al.*, 2023).

Embora a literatura sobre masculinidades tenha crescido nas últimas décadas, ainda predomina o foco em adolescentes escolares ou homens envolvidos em situações de violência. Poucos estudos investigam especificamente como jovens universitários vivenciam suas masculinidades em contextos afetivo-sexuais, especialmente em relação às normas de gênero que moldam comportamentos, expectativas e vínculos. Essa lacuna evidencia a necessidade de explorar a dimensão relacional e subjetiva das masculinidades nesse grupo, permitindo compreender experiências e desafios ainda pouco documentados.

Diante dessa lacuna, reafirma-se a relevância da Teoria dos Roteiros Sexuais, de John H. Gagnon e William Simon (1973; 1984; 2006) como referencial adotado, visto considerar a dimensão simbólica e social das práticas afetivo-sexuais. À medida que concebe a sexualidade e os comportamentos afetivo-sexuais como aprendidos socialmente e organizados por roteiros culturais, interpessoais e intrapsíquicos. Tal fundamentação configura um marco analítico voltado à dimensão simbólica das interações, aos significados compartilhados e às estruturas socioculturais que atravessam as experiências relacionais no contexto universitário.

À luz dessas discussões, propõe-se a seguinte questão norteadora:

De quais maneiras os jovens universitários expressam suas masculinidades em seus relacionamentos íntimos?

Diante dessa questão e para alcançar a proposta do presente estudo, foram elaborados os seguintes objetivos:

Objetivo geral: Compreender as expressões de masculinidades nos comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos.

Objetivos específicos:

- Identificar os fatores socioculturais que influenciam os comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos;
- Conhecer os roteiros interpessoais e intrapsíquicos que orientam os comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos;
- Analisar as expressões das masculinidades dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos.

Este estudo é relevante por abordar um tema pouco explorado que é a configuração das masculinidades nos relacionamentos íntimos de jovens universitários. Embora existam pesquisas sobre adolescentes ou homens em contextos de violência, poucas examinam como normas de gênero moldam práticas afetivo-sexuais em ambientes universitários. Explorar essas experiências permite compreender dimensões da masculinidade ainda pouco divulgadas e sua influência na vida emocional e relacional desses jovens.

Ao valorizar as narrativas dos jovens, a pesquisa oferece um espaço de escuta e reflexão, permitindo compreender a complexidade das construções sociais da masculinidade e como elas influenciam as relações afetivo-sexuais. Essa abordagem reconhece o papel ativo dos sujeitos na produção de sentidos sobre intimidade, afetividade e vínculos interpessoais, ampliando a reflexão sobre práticas e expectativas ainda pouco exploradas na literatura.

No campo da saúde, compreender essas expressões de masculinidade é essencial para problematizar práticas que limitam a comunicação emocional, aumentam o isolamento e dificultam a criação de vínculos saudáveis. O conhecimento produzido pode subsidiar intervenções educativas e estratégias institucionais que promovam cuidados mais integrados, sensíveis às especificidades masculinas e alinhados à promoção do bem-estar.

Dessa forma, a pesquisa contribui para a formação crítica dos jovens e para o desenvolvimento de ações que incentivem relações mais conscientes e equitativas. Esses achados possuem implicações para a prática do cuidado, especialmente na Atenção Primária,

ao subsidiar estratégias de ações mais integrais, visando a promoção da saúde, por intermédio do acolhimento, escuta qualificada e educação em saúde, ampliando assim a atuação da Enfermagem, com olhar para vivências e condições que influenciam na saúde dos graduandos.

2 Revisão de Literatura

Para a realização desta revisão de literatura integrativa, foram efetuadas buscas eletrônicas por periódicos no portal de Periódicos Scientific Electronic Library Online (SciELO), na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), na base de dados Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline) do portal da National Center for Biotechnology Information da National Library of Medicine (PubMed, no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), além do próprio Portal de Periódicos da CAPES.

A Prática Baseada em Evidências (PBE) orienta os pesquisadores na aplicação de estratégias de busca direcionadas durante a consulta a periódicos e outras fontes de saber. Nesse contexto, a formulação de questões de pesquisa utilizando o mnemônico PICO em estudos não clínicos constitui uma abordagem metodológica sistemática, voltada para assegurar a qualidade do estudo. No mnemônico, a letra P refere-se a Paciente, População ou Problema, a letra I indica o Interesse e as letras Co representam o Contexto (Araújo, 2020).

A estratégia de busca inicialmente visava encontrar na literatura os trabalhos produzidos sobre as masculinidades nos comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos. Entretanto, a produção científica nos últimos cinco anos com trabalhos deste perfil específico não apresenta um quantitativo elevado, o que exigiu que a estratégia fosse ampliada. Assim, foram elaboradas duas estratégias de busca distintas para o desenvolvimento desta revisão, sendo também incluídos livros e dados estatísticos para complementar a fundamentação teórica.

A questão norteadora definida para este estudo foi: “Como as masculinidades influenciam os comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos?”. Para operacionalizá-la, a configuração da estratégia PICO estabelecida consistiu na População: jovens e estudantes universitários, no Interesse: masculinidades e no Contexto universidade e sociedade.

Foram utilizados os descritores e seus sinônimos em português, pertencentes aos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), e em inglês, os pertencentes ao *Medical Subject Headings* (MeSH): “jovens”, “estudantes universitários”, “universidade” e “masculinidade”, interconectados pelos operadores booleanos *AND* e *OR*.

Para a seleção dos estudos oriundos desta primeira estratégia, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão rigorosos. Os critérios de inclusão compreenderam: pesquisas disponibilizadas gratuitamente e na íntegra, pertinentes ao objeto de estudo, publicados no

período de 2020 a 2025, com foco no assunto principal: masculinidade e homens. Como critério de exclusão principal, optou-se por desconsiderar os estudos duplicados nas bases.

A segunda estratégia buscou abarcar as evidências científicas especificamente voltadas ao objeto de pesquisa dos relacionamentos íntimos de jovens e/ou jovens universitários. Esta etapa permitiu uma visão mais aprofundada sobre as dinâmicas afetivas, integrando fontes bibliográficas adicionais para suprir as lacunas encontradas na produção periódica inicial.

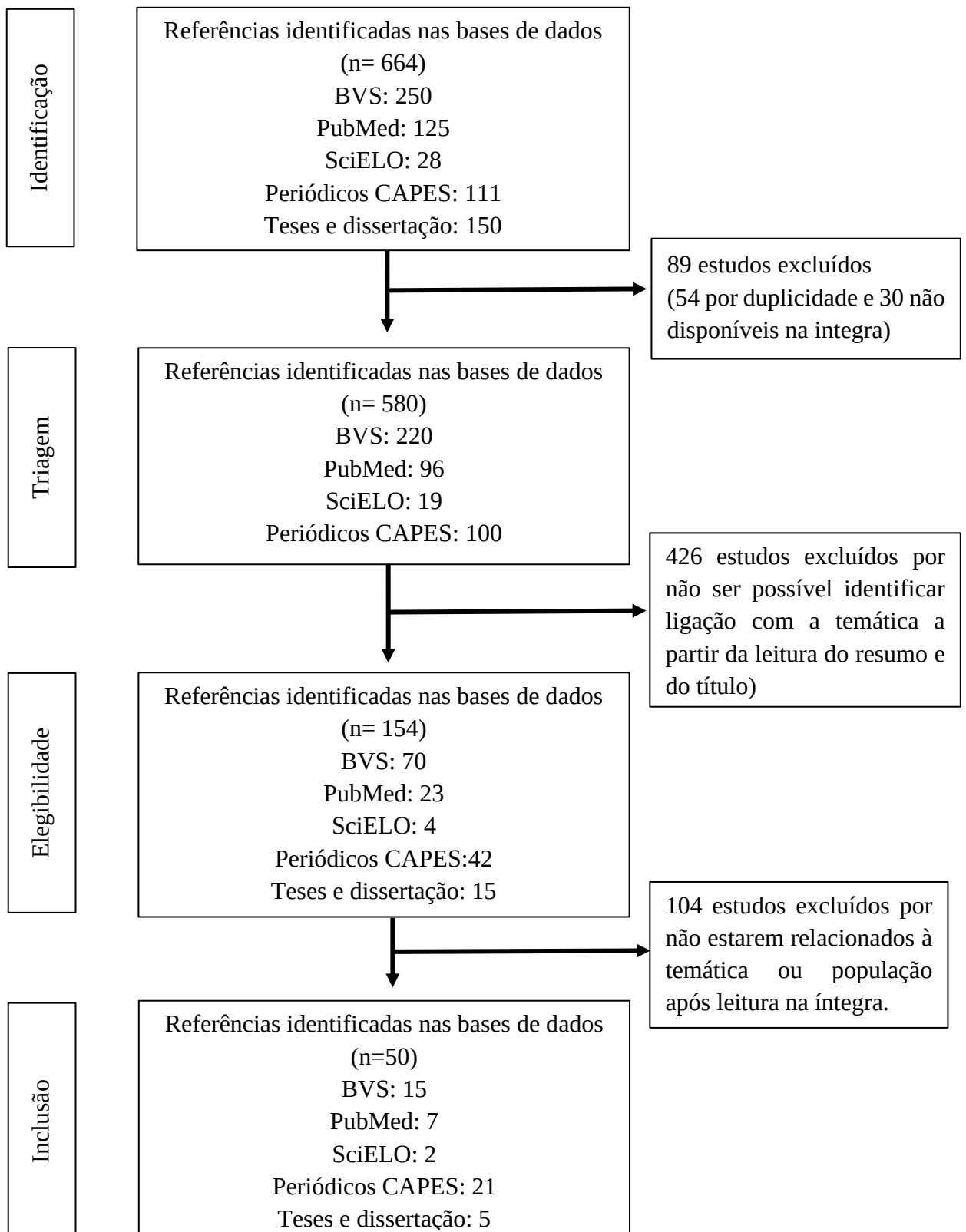
Nesta segunda estratégia PICO, utilizou-se: População: jovens e estudantes universitários; Interesse: masculinidades; Contexto: relacionamentos íntimos, namoro e relações afetivas. Foram utilizados os termos do DeCS e do MeSH: “jovens”, “estudantes universitários” e “masculinidade”, interconectados pelos operadores AND e OR, além dos termos livres: “relacionamentos íntimos”, “namoro” e “relações afetivas”.

Os critérios de seleção desta etapa também focaram em estudos disponibilizados gratuitamente e na íntegra, pertinentes ao objeto, publicados entre 2020 e 2025 nos idiomas inglês, português e espanhol. Novamente, o critério de exclusão consistiu na remoção de pesquisas duplicadas, garantindo que a análise final fosse composta por estudos únicos e relevantes.

Após a aplicação dos filtros nas bases de dados, a primeira busca resultou em 381 estudos; após a leitura de títulos, resumos e textos na íntegra, selecionaram-se 30 trabalhos. A segunda busca encontrou 283 estudos, dos quais 20 foram selecionados após análise criteriosa. No total, as estratégias somaram 664 registros iniciais, resultando em uma amostra final de 50 estudos selecionados para a revisão.

Para esquematizar visualmente o processo de seleção e os achados, apresenta-se, a seguir, o modelo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), devidamente adaptado (Mendes, 2022; Page *et al.*, 2021).

Figura 1 – Fluxograma do processo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos.



Fonte: Autora, 2025.

2.1 As construções socio-históricas das masculinidades

O conceito de masculinidade não comporta uma definição unívoca, sendo compreendido como um constructo relacional derivado de processos sociais e culturais específicos. Para Connell (2005), essa construção transcende o determinismo biológico, estabelecendo-se por meio de normas sociais que se transformam historicamente. Assim, as vivências masculinas são plurais e variam conforme os contextos em que os sujeitos são inseridos desde o nascimento.

Essa identidade se molda em um processo dinâmico, atravessado por influências raciais, religiosas e trajetórias de vida. Desde a infância, os meninos enfrentam pressões de instituições como a família e a igreja para se adequarem a padrões normativos (Sánchez-Sicilia; Roncallo, 2021; Almeida; Carvalho, 2022). Tais mecanismos buscam definir a identidade sexual e de gênero sob uma ótica heteronormativa, muitas vezes silenciando subjetividades (Silva; Angerami, 2020).

Atualmente, ainda que se admita a existência de masculinidades plurais, observa-se que o distanciamento do padrão hegemônico gera sentimentos de desajuste e insegurança em muitos homens. Essa dinâmica é fruto de uma masculinidade pautada na conformidade social, que compele o sujeito a internalizar e performar condutas pré-estabelecidas como condição para ser validado coletivamente e evitar sanções ou julgamentos (Glutter *et al.*, 2021).

Nesse cenário de pressões, Connell (2005) destaca a multiplicidade das masculinidades, refutando a ideia de um "caráter fixo". As configurações práticas de gênero orientam comportamentos e relacionamentos, sendo categorizadas em quatro tipos principais: hegemônica, subordinada, conivente e marginalizada. A masculinidade hegemônica, pilar do patriarcado, associa o homem ao poder e à competitividade, negando-lhe a vulnerabilidade (Oliveira, 2004; Nolasco, 1993).

A manutenção desse modelo hegemônico impõe ao homem a performance ininterrupta de virilidade, força e autoridade, estabelecendo um padrão idealizado no sujeito branco e heterossexual (Santos; Iriart, 2021; Baptista, 2020). Qualquer distanciamento dessa norma dispara mecanismos de vigilância e sanções sociais, especialmente nos primeiros ciclos de socialização, punindo o desvio (Amaral; Bock, 2021).

Essa negação sistemática da alteridade busca proteger a suposta superioridade masculina, mas converte essa exigência em uma carga exaustiva que gera profunda vulnerabilidade emocional (Franco; Parra, 2021; Costa *et al.*, 2023). Como resultado, a

subjetividade masculina é forjada sob pressões internas que exigem racionalidade absoluta e domínio, interditando o acesso às próprias fragilidades (Mendoza *et al.*, 2024).

Em contraposição a esse modelo de domínio, a masculinidade subordinada agrupa sujeitos que divergem do padrão hegemônico, como homens gays ou indivíduos com traços associados ao feminino. Sob a égide das normas heteronormativas, esses homens sofrem estigmatização sistemática, sendo relegados a posições inferiores na hierarquia de gênero por não corresponderem ao padrão esperado (Ferrari *et al.*, 2021).

Dentro dessa mesma hierarquia, a masculinidade conivente abrange aqueles que, embora não performem a agressividade hegemônica, usufruem passivamente dos privilégios estruturais do patriarcado (Connell, 2005). Por outro lado, as masculinidades marginalizadas evidenciam a intersecção entre gênero e raça, em que homens negros enfrentam o racismo estrutural como barreira para o reconhecimento social (Ware *et al.*, 2022).

Toda essa complexidade reitera que o gênero opera como um sistema de poder disciplinador de corpos, fixando lugares sociais distintos e excludentes (Lopes; Ribeiro; Vargas, 2024). Tais dinâmicas geram tensões constantes e disputas por legitimação, revelando como a identidade masculina é atravessada por múltiplas camadas de privilégio e opressão que se iniciam nas bases da convivência (Ware *et al.*, 2022).

Historicamente, a família opera como a primeira "tecnologia de gênero", organizando códigos baseados no binarismo e incentivando o arquétipo do "homem provedor" (Palumbo; López, 2023). Nesse processo, escola e universidade são espaços ambivalentes: enquanto a primeira reproduz o heterossexismo, o ambiente acadêmico pode funcionar como polo de resistência (Olegário; Marques Junior, 2023; Franco, Parra; Zapata, 2023).

Em convergência, a universidade ainda reproduz divisões patriarcais ao naturalizar a apropriação masculina de espaços de saber, refletindo a vigilância de instituições como igreja e família (Peña-Axt; Henríquez; Brevis, 2023). Esse "heteropatriarcado" instala-se nos desejos dos jovens, utilizando humor e deboche como ferramentas pedagógicas para manter a homofobia e a misoginia (Amaral; Bock, 2021; Baptista, 2020).

Para além dos espaços físicos, as tecnologias digitais propiciaram o surgimento de novos campos de reforço patriarcal, onde discursos misóginos tratam o avanço dos direitos femininos como ameaça à identidade masculina. Paralelamente, emergem masculinidades híbridas que adotam um discurso superficial de igualdade para preservar privilégios estruturais sem romper, de fato, com a lógica de dominação (Zabalgoitia, 2022).

Diante dessa hegemonia, inclusive digital, identidades que divergem do binarismo cisheteronormativo enfrentam a colonização de suas subjetividades por discursos que centralizam o falo e marginalizam expressões não convencionais (Cardoso; Zimmermann, 2021). Contudo, o ambiente universitário tem permitido que jovens reconheçam o machismo e as relações de poder, mesmo quando ainda apresentam inseguranças conceituais sobre o tema (Cano; Brancaleoni 2021).

A desconstrução desses modelos hegemônicos exige, portanto, a ressignificação de mandatos de controle, abrindo espaço para formas plurais e interseccionais de "ser homem" fundamentadas na equidade e na não violência (Almeida; Carvalho, 2022; Mendoza *et al.*, 2024). Espaços educativos democráticos e movimentos terapêuticos têm sido cruciais para desestabilizar padrões tóxicos e incentivar a exploração da vulnerabilidade (Santos; Brito, 2023).

Por fim, superar a necessidade de provar a virilidade, frequentemente resulta em estresse, negligência com o autocuidado e frustração interna, e requer uma visão relacional da existência (Rivera; Scholar, 2020; Ocampo; Posada; Mora, 2024). Ao compreenderem o gênero como construção humana, os universitários conquistam liberdade para expressar traços alternativos guiados por desejos autênticos e pela busca da emancipação social (Franco; Parra; Zapata, 2023).

2.2 O processo de transição da adolescência e as vivências das juventudes

A juventude mundialmente é definida como o período entre os 15 e 24 anos (UNESCO, 2024), enquanto no Brasil a Política Nacional de Juventude (PNJ) estende esse marco até os 29 anos. Esta categoria social não é estática, sendo influenciada diretamente pelos contextos geográficos e socioeconômicos que moldam vivências plurais e superam a visão meramente etária em favor de uma perspectiva sociocultural (OPAS/OMS, 2019; Almeida; Carvalho, 2022).

Ao caracterizar a realidade brasileira sob esse prisma, observa-se que a juventude é majoritariamente negra, com 51% de pardos e 10% de pretos enfrentando vulnerabilidades geradas pelo racismo estrutural. Grupos de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais e outras designações (LGBTQI+), indígenas e rurais permanecem frequentemente invisibilizados em dados oficiais, especialmente em regiões como o Norte e Nordeste, onde a precariedade econômica é mais acentuada (Barão *et al.*, 2021).

Nesse cenário complexo, a transição da infância para a adolescência envolve profundas transformações identitárias e mudanças na forma de pensar e agir, marcadas pela descoberta do corpo e novas responsabilidades (Guimarães, 2023). Esse desenvolvimento está atrelado a uma combinação de alterações hormonais, socioambientais e culturais, exigindo uma atenção que transcende o aspecto físico para alcançar o psíquico e o social (Brasil, 2013).

Como consequência desse desenvolvimento, o engajamento em novos papéis sociais permite que os jovens acessem referenciais distintos daqueles oferecidos pelas famílias de origem durante a infância (Silva; Angerami, 2020). Tais vivências, manifestadas em grupos de amigos e relacionamentos amorosos, têm o potencial de redefinir condutas e valores sobre gênero e sexualidade, embora esse processo não ocorra de maneira linear (Carvalho; Cárdenas, 2021).

Entretanto, a experimentação dessas novas identidades gera tensões com as normas heteronormativas internalizadas, especialmente quando o ambiente social impõe vigilância sobre comportamentos considerados desviantes. Gestos cotidianos, como a demonstração de afeto entre meninos, tornam-se carregados de risco e expostos a correções normativas que tentam enquadrar o jovem no modelo de masculinidade hegemônica (Olegário; Marques Júnior, 2023).

Complementarmente, ritos de passagem, embora mais difusos na contemporaneidade, continuam a ditar comportamentos masculinos entrelaçados a ideais de virilidade, força e coragem (Santos; Iriart, 2021). Esses processos demonstram que jovens dissidentes enfrentam fissuras sociais que podem impedir vivências afetivas típicas da adolescência, tornando o primeiro amor ou a iniciação sexual experiências condicionadas e frágeis diante das exigências sociais (Olegário; Marques Júnior, 2023).

2.2.1 Perfil dos jovens universitários

O ingresso no ensino superior reflete desigualdades estruturais profundas, em que a pressão para concluir os estudos e acessar o mercado de trabalho é, muitas vezes, mal compreendida pelos familiares diante da precariedade laboral contemporânea (Senkevics; Carvalho, 2023). Nesse cenário, as trajetórias educacionais de jovens entre 18 e 24 anos revelam que o acesso à universidade ainda é um privilégio limitado, atingindo de forma significativamente mais severa a população negra (Menezes; Santos, 2023).

Dados de 2022 corroboram essa disparidade ao mostrar que 33,7% dos jovens negros estavam fora do sistema educacional e do mercado de trabalho, em contraste com 23,9% de

jovens brancos e amarelos (Menezes; Santos, 2023). Essa exclusão está diretamente ligada à baixa representatividade no ensino superior e à necessidade frequente desse grupo em conciliar estudos e trabalho em contextos de extrema vulnerabilidade econômica (Cortez, 2022).

Apesar desses entraves, o cenário das Instituições de Ensino Superior em 2023 registrou um aumento de 36,2% nas matrículas de bacharelado, com ênfase em Enfermagem e Medicina. Contudo, o perfil dos concluintes revela um gargalo de gênero e permanência: embora haja predominância feminina geral, os homens em instituições públicas somaram 891.259 matriculados, mas apenas 104.220 conseguiram finalizar a graduação no período analisado (INEP, 2024).

Assim, a graduação permanece como um rito de passagem crucial para a autodescoberta e a ruptura com preconceitos herdados da família e da religião (Cano; Brancaleoni, 2021). O contato cotidiano com a diversidade e com outras formas de estar no mundo promove o respeito mútuo, permitindo que os jovens questionem a lógica disciplinar da instituição e busquem novas identidades (Franco; Parra; Zapata, 2023).

Nesse processo de mudança, os grupos de referência e os coletivos sociais tornam-se fundamentais para oferecer o suporte necessário contra as pressões normativas, permitindo transformações graduais nas masculinidades (Franco; Parra; Zapata, 2023). Ao final, a universidade consolida-se como um espaço potencial de denúncia e emancipação, fortalecendo a autonomia dos estudantes na construção de relações mais equitativas e democráticas (Cano; Brancaleoni, 2021).

2.3 Os comportamentos dos jovens em seus relacionamentos íntimos

Os jovens contemporâneos estão adotando uma abordagem mais plural e flexível na construção de seus relacionamentos, buscando conexões baseadas em acordos mútuos em vez de seguir ritos tradicionais (Rivera; Scholar, 2020). Esse comportamento reflete a lógica do "amor líquido", onde as relações tornam-se dinâmicas e experimentais, marcadas por uma preferência por vínculos que priorizam a satisfação imediata (Bauman, 2004; Risk *et al.*, 2023).

As novas visões sobre a afetividade, incluindo a não monogamia e o poliamor, criam espaços abertos que permitem maior liberdade sexual, desde que fundamentada em consensos claros entre os parceiros (Rivera; Scholar, 2020). Ao iniciarem essas relações, os jovens refletem sobre a informalidade e a autonomia, buscando formas de convivência que não dependam da pressão de normas institucionais clássicas, visando uma experiência afetiva mais independente (Risk *et al.*, 2023).

As evidências científicas apontam que a iniciação sexual entre jovens ocorre de forma precoce, situando-se em uma média que varia dos 12 aos 17 anos (Spinola, 2020; Sena Filho, 2022). Esse ingresso na vida afetiva é frequentemente marcado pela carência de diretrizes educacionais sólidas, uma vez que tabus sociais ainda restringem o diálogo aberto e seguro sobre a sexualidade, gerando lacunas informativas (Spinola, 2020).

Essa falta de instrução estruturada induz os adolescentes a adotarem condutas de risco, tornando as primeiras experiências suscetíveis à desinformação e à ausência de práticas de autocuidado (Abreu, 2021). Embora muitos declarem utilizar métodos de barreira, nota-se uma inconsistência no uso de preservativos, especialmente quando as relações se tornam fixas ou envolvem múltiplos parceiros, o que compromete a segurança biológica (Sena Filho, 2022).

Apesar das transformações em direção à fluidez, estruturas tradicionais e resquícios de valores patriarcais ainda exercem forte influência nas interações íntimas da juventude (Souza; Silva; Beiras, 2022). Valores históricos continuam moldando comportamentos de gênero, evidenciando uma resistência de padrões conservadores que impactam diretamente as expectativas sociais sobre os vínculos afetivos (Almeida *et al.*, 2023).

Durante o estabelecimento de novas relações, as normas sociais de conduta mostram-se diretamente ligadas às atitudes e aos pensamentos dos jovens (Taquette *et al.*, 2020; Carvalhaes; Cárdenas, 2021). Essas imposições, por vezes de origem religiosa, pressionam para a valorização de vínculos conjugais precoces, criando um conflito entre o desejo de experimentação individual e a necessidade de adequação social (Risk *et al.*, 2023).

Sob a pressão dessas normas, muitos jovens sentem a necessidade de demonstrar condutas de dominação, virilidade e hipersexualidade como forma de validação perante seus pares (Taquette *et al.*, 2020; Carvalhaes; Cárdenas, 2021). A priorização do sexo sobre o afeto e a crença na infidelidade como traço natural acabam por desequilibrar a reciprocidade e a confiança nos relacionamentos íntimos da atualidade (Veríssimo *et al.*, 2022; Souza; Silva; Beiras, 2022).

No campo universitário, as percepções sobre a sexualidade são mediadas por um binarismo que vincula o feminino à emoção e o masculino à racionalização técnica do ato. Essa lógica naturaliza a iniciativa masculina precoce e sustenta o estigma do "pegador", consolidando uma performance de virilidade que prioriza a autogratificação em detrimento do vínculo emocional (Assunção e Silva; Tilio, 2022).

Recentemente, o abuso digital emergiu como uma nova e perversa manifestação de controle nas relações amorosas entre estudantes universitários (Carvalhaes; Cárdenas, 2021;

Reed *et al.*, 2021). O compartilhamento não consentido de imagens íntimas e mensagens privadas é utilizado como forma de punição intencional após conflitos, demonstrando como o sexismo se torna explícito e violento no ambiente virtual (Alsawalqa; Alrawashdeh, 2022; Zabalgoitia, 2022).

Dados indicam que um em cada três estudantes já vivenciou algum tipo de violência por parceiro íntimo (VPI), com maior prevalência de abusos psicológicos e virtuais, sobretudo em relações casuais (Valério *et al.*, 2024). As representações sociais dos próprios universitários reconhecem o relacionamento abusivo como uma dinâmica disfuncional que combina afeto, dependência, possessividade e machismo estrutural (Sardinha, 2023).

Nas relações entre homossexuais, as normas autoritárias também se manifestam de forma interseccionada, criando assimetrias marcadas pelo medo da exposição e estigmatização (Souza; Silva; Beiras, 2022). A hierarquia entre parceiros pode desencadear dinâmicas de poder que marginalizam aqueles com traços vistos como mais afeminados, gerando ciclos de ansiedade e depressão que afetam gravemente a saúde mental (Hall *et al.*, 2020; Alsawalqa; Alrawashdeh, 2022).

No que tange à saúde sexual, observa-se uma vulnerabilidade persistente devido ao uso inadequado de métodos contraceptivos, pela dispensa do preservativo em namoros fixos (Monteiro, 2021). Essa realidade demonstra que, mesmo em cursos da área da saúde, o autocuidado é frequentemente negligenciado em prol de uma confiança simbólica depositada no parceiro (Spindola *et al.*, 2020; Marinho *et al.*, 2021).

Por fim, a graduação surge como um espaço de potencial ressignificação dessas práticas afetivas através da interação com a diversidade e movimentos sociais (Mendoza *et al.*, 2024). A busca por relações mais igualitárias e a recusa de atitudes machistas demonstram um compromisso crescente com a não violência e o cuidado mútuo nas trajetórias juvenis, visando romper com o sistema patriarcal externo (Cano; Brancaloni, 2021; Mendoza *et al.*, 2024).

3 Referencial teórico

Os comportamentos e atitudes dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos constituem o objeto de estudo desta pesquisa, com foco nas influências de diversos fatores que contribuem para as construções das masculinidades. Dessa forma, compreender esses aspectos permitirá identificar como as interações íntimas refletem as expressões da formação das masculinidades entre os universitários. Para tanto, o referencial teórico da Teoria dos Roteiros Sexuais ou "Scripts Sexuais" de Gagnon e Simon (2006), norteará a análise do objeto de estudo desta pesquisa.

A partir dessa abordagem, é possível explorar como os roteiros sexuais orientam as atitudes masculinas nos níveis individual, interpessoal e cultural. Esses roteiros representam a complexidade da socialização, evidenciando como as identidades masculinas são moldadas ao longo da formação social dos jovens, refletindo os padrões de gênero e as expectativas culturais que estruturam suas interações e vivências afetivas.

Essas análises ganham relevância em contextos em que as masculinidades definem condutas sociais, especialmente nos relacionamentos íntimos. Normas de gênero e papéis masculinos, promovidos por instituições como a família, amigos, escola, igreja e universidade, influenciam a forma como esses jovens estruturam suas relações íntimas, legitimando comportamentos socialmente padronizados (Nolasco, 1993; Gagnon, 2006).

Analisar essas condutas nos relacionamentos íntimos oferece uma compreensão ampliada dessas dinâmicas. O enfoque revelará as influências que permeiam as práticas e atitudes dos jovens, ajudando a entender como essas interações refletem construções de gênero e padrões de comportamento que definem suas vivências afetivas.

3.1 Teoria dos Roteiros sexuais - Gagnon e Simon

A Teoria dos Roteiros Sexuais, proposta pelos sociólogos John H. Gagnon e William Simon, trouxe uma perspectiva inovadora sobre os estudos da sexualidade, ao sugerir uma interpretação social e cultural do comportamento sexual, a partir dos estudos publicados em 1973. Ao desafiar as explicações biológicas e psicanalíticas tradicionais, os autores argumentam que o desejo sexual não é uma força interna ou uma característica pessoal, mas sim, um fenômeno socialmente construído, determinado por normas e valores culturais de cada grupo (Gagnon; Simon, 1973; Gagnon, 2006).

Para os autores, essas condutas devem ser analisadas por meio de "roteiros" ou "*scripts*", que guiam as atitudes e ações dos indivíduos em diferentes contextos. Sendo organizados em três níveis: intrapsíquico, interpessoal e cultural, que demonstram como as interações sociais e os cenários culturais moldam as condutas sexuais (Gagnon; Simon, 1973; Gagnon, 2006).

Os cenários culturais são instruções fornecidas por instituições sociais, como família, escola e religião, que orientam os papéis sociais e moldam normas de comportamento. Esses roteiros influenciam a entrada, o exercício e a saída desses papéis, sendo guiados por fatores como idade, etnia e classe. Embora sejam abstratas e nem sempre se traduzam diretamente em ações, eles regulamentam, de forma explícita ou implícita, as expectativas sociais sobre o comportamento (Gagnon, 2006; Gagnon; Simon, 1984).

Os roteiros interpessoais conectam normas culturais ao comportamento real, estruturando as interações e orientando ações conforme expectativas coletivas. Eles permitem que os indivíduos ajustem condutas para reforçar a autorrepresentação e a identidade perante o grupo. Assim, organizam a projeção de uma imagem socialmente aceita, facilitando as interações e fortalecendo a construção da identidade (Gagnon, 2006; Gagnon; Simon, 1984).

Em contextos íntimos, esses roteiros reduzem incertezas e legitimam comportamentos, promovendo a compreensão mútua entre os parceiros. Atuam como interface entre a vida mental e social, auxiliando na criação de identidades alinhadas às necessidades relacionais. Nesse processo, o indivíduo ajusta continuamente sua conduta para manter a coerência entre as expectativas externas e a própria percepção de legitimidade (Bozon, 2004; Gagnon, 2006; Gagnon; Simon, 1984).

Já os roteiros intrapsíquicos envolvem diálogos internos nos quais o sujeito utiliza símbolos culturais para moldar seu comportamento e desejos. Construídos a partir de experiências e fantasias, esses roteiros reorganizam a realidade de modo simbólico. No caso de jovens universitários, tais representações refletem experiências de masculinidade, organizadas como planos e metas que orientam suas condutas nas relações íntimas (Gagnon, 2006; Gagnon; Simon, 1984).

Ao se aproximarem de interações concretas, esses roteiros tendem a ganhar forma mais clara, ajustando-se ao contexto da relação e às expectativas envolvidas. Nos relacionamentos íntimos, esses roteiros intrapsíquicos fornecem uma base para entender experiências passadas e antecipar situações futuras, construindo identidades sexuais e afetivas que dialogam com as expectativas sociais, mas que também respeitam as particularidades do próprio desejo e vivência pessoal (Bozon, 2004; Gagnon, 2006; Gagnon; Simon, 1984).

As interações dinâmicas desses fatores atuam como guias que permitem aos indivíduos reconhecer, interpretar e estabilizar suas condutas. Essas diretrizes, que abarcam elementos simbólicos e comportamentos, facilitam a análise das ações atuais e a projeção de condutas futuras (Arent, 2011; Gagnon, 2006). Os roteiros não são apenas propostas de comportamentos, mas revelam como as ações não se limitam ao biológico, e sim, envolvem motivações diversas (Bozon, 2004; Paiva, 2000).

Nesse interim, essa teoria possui grande relevância para fenômenos de saúde pública, pois enfatiza que as ações das pessoas e o risco associado a elas são culturalmente condicionados, dependendo dos ambientes sociais em que estão inseridos. Dessa forma, a sexualidade assume significados particulares para diferentes grupos, e o comportamento não pode ser padronizado sem considerar os cenários culturais em que ocorre (Gagnon; Simon, 1973; Gagnon, 2006).

Para Gagnon (2006), essa estrutura de “roteiros” é aplicável a várias condutas sociais, ressaltando que as pessoas vivem por meio de “scripts” que orientam suas etapas de vida. Assim, essa teoria fornece uma base para compreender as motivações sociais que moldam o comportamento humano, especialmente em contextos íntimos, revelando como as interações afetivas e as identidades são influenciadas por construções socioculturais e pelas normas que guiam suas vivências afetivas.

Entretanto, os roteiros não devem ser vistos como ações fixas e imutáveis. De acordo com os sociólogos, existe uma diversidade de roteiros devido às variações nos significados simbólicos das situações, que se modificam de acordo com a percepção de cada indivíduo. Dessa forma, uma mesma atitude pode ter diferentes significados para os envolvidos, tanto para grupos diferentes, quanto para os indivíduos dentro de um mesmo cenário (Gagnon, 2006; Gagnon; Simon, 1984)

Esses elementos espelham as diversas socializações que o indivíduo experimenta durante seu ciclo de vida, sendo particularmente significativos na adolescência, fase em que ocorre a transição para a vida adulta. Nesse contexto, a vida social facilita a absorção das identidades por meio de um processo de interiorização. A concepção de um "roteiro" para a produção de comportamentos permite entender, assim como em outras esferas da vida, que nos relacionamentos, os cenários culturais fornecem as narrativas essenciais para o desempenho dos papéis sociais (Gagnon, 2006).

Assim, os roteiros funcionam como metáforas para a construção de ações na vida social, funcionando como esquemas cognitivos estruturados que orientam os indivíduos a identificar e

agir diante de determinadas situações. Eles podem ser entendidos como guias que atribuem significado a contextos, palavras, sensações e estados corporais. Por serem flexíveis, adaptáveis e passíveis de reformulação, esses roteiros se ajustam às novas circunstâncias, embora sejam limitados e ligados ao processo de socialização do indivíduo (Arent, 2011; Gagnon, 2006; Gagnon; Simon, 1986).

Para os jovens universitários, a aplicação da Teoria dos Roteiros Sexuais é relevante, pois além de abordar a pluralidade das masculinidades, permite analisar como suas vivências influenciam os relacionamentos íntimos, visto que, cada indivíduo vivencia as normas de gênero de maneira única, sob a influência de fatores como história familiar, classe social e estágio de vida. Esse processo, particularmente intenso na transição para a vida adulta, facilita a adaptação às expectativas sociais e contribui para a construção das masculinidades e papéis afetivos conforme normas internalizadas desde a infância.

Na compreensão da masculinidade, especialmente no contexto da juventude, onde as normas culturais, interpessoais e intrapsíquica desempenham um papel central na construção social dos homens, os roteiros sexuais, não apenas refletem as dinâmicas culturais, mas também indicarão como as expressões das masculinidades ocorrem nas vivências nos relacionamentos íntimos desses jovens, guiados por normas que são internalizadas desde a infância até a vida adulta.

Ao considerar o ambiente universitário, essas expressões de masculinidade podem se manifestar de maneira complexa, influenciando os comportamentos, as dinâmicas de poder e as relações entre os jovens universitários. A partir dessa perspectiva, o estudo dessas masculinidades é importante para compreender como as normas de gênero são internalizadas e vivenciadas, afetando não apenas a interação entre homens, mas também as relações diversas.

Nesse sentido, ao explorar os roteiros sexuais que orientam os relacionamentos íntimos, amplia-se a compreensão de como as expectativas socioculturais modelam as atitudes afetivas e a identidade masculina no contexto universitário, possibilitando novas interpretações sobre as dinâmicas relacionais que emergem entre esses jovens.

4 Aspectos metodológicos

4.1 Tipo de Pesquisa

Este estudo caracteriza-se como descritivo e exploratório, de natureza qualitativa. A abordagem qualitativa mostrou-se adequada para investigar aspectos subjetivos, simbólicos e sociais envolvidos com as expressões das masculinidades. Ao buscar compreender como jovens universitários vivem e expressam seus comportamentos nos relacionamentos íntimos, essa abordagem possibilita uma escuta sensível das experiências, acessando significados que não se traduzem por meio de dados estatísticos (Minayo, 2014).

A pesquisa descritiva possibilita identificar características e nuances dos comportamentos afetivo-sexuais dos participantes, enquanto a vertente exploratória favoreceu a familiarização com o objeto de estudo, permitindo o aprofundamento em temas nem sempre debatidos de forma explícita entre os sujeitos pesquisados (Gil, 2010; 2019; Minayo, 2014).

Optou-se como método de natureza qualitativa para essa pesquisa, o referencial teórico-metodológico de Daniel Bertaux, *Narrativas de Vida*, visto tratar-se de pesquisa que valoriza a trajetória dos sujeitos e oferece espaço para que compartilhem, em seus próprios sentidos atribuídos às suas experiências (Bertaux, 2010).

Dessa forma, o estudo qualitativo de caráter descritivo e exploratório possibilitou uma compreensão ampliada das formas como os jovens constroem e manifestam suas masculinidades no contexto dos relacionamentos íntimos. Essa abordagem também permite interpretar de que maneira essas expressões se articulam com suas práticas afetivo-sexuais e influenciam suas experiências nas relações.

4.1.1 Referencial teórico-metodológico: Daniel Bertaux

A expressão “narrativa de vida” foi introduzida na França pelo sociólogo Daniel Bertaux com o propósito de diferenciar o relato das experiências vividas da chamada “história de vida”, termo anteriormente utilizado nas ciências sociais e traduzido do inglês *life history*. Essa distinção surgiu a partir de debates entre realistas, os quais defendiam que os sujeitos relatavam fielmente suas trajetórias, que questionavam a possibilidade de reconstruir fielmente a realidade vivida, considerando a subjetividade do relato (Bertaux, 2010).

O sociólogo Bertaux, há duas décadas, faz menção a esta estratégia metodológica que permite ao pesquisador solicitar à uma pessoa, nomeada como “sujeito” ou “depoente”, para que conte sobre parte ou toda sua experiência vivenciada. Diante disso, consolidou-se o uso da

narrativa de vida como uma forma de captar não apenas o que foi vivido, mas como os sujeitos interpretam e expressam suas experiências (Bertaux, 2010).

Esse método se caracteriza por um tipo específico de entrevista em que o pesquisador solicita ao participante que compartilhe, de forma espontânea e subjetiva, parte ou toda sua trajetória relacionada ao objeto de estudo. Ao possibilitar que o indivíduo conte sua história, a narrativa de vida fornece subsídios profundos para a compreensão dos sentidos atribuídos às vivências, mesmo a partir de um número reduzido de casos (Bertaux, 2010).

Diferentemente da autobiografia ou de relatos biográficos lineares, esse referencial se estrutura a partir das experiências significativas que emergem de uma questão norteadora e filtros temáticos propostos pelo pesquisador (Bertaux, 2010). Ao narrar suas trajetórias a partir desse recorte, que visa cumprir os objetivos propostos pelo presente estudo, os participantes trouxeram elementos que permitiram analisar como seus comportamentos se alinham, resistem ou transformam-se.

A utilização do método das narrativas de vida, ancora-se na perspectiva etnossociológica, que possibilita a compreensão aprofundada de fenômenos sociais. Essa abordagem permite que os participantes relatem suas trajetórias de maneira livre, trazendo em suas próprias palavras as experiências vividas, os percursos construídos, os conflitos enfrentados e as formas encontradas para lidar com diferentes situações (Bertaux, 2010).

Ademais, possibilita que durante a coleta das narrativas, o pesquisador não precise seguir uma ordem cronológica ou comprovar fatos. O enfoque está nas percepções individuais diante de acontecimentos que moldam trajetórias pessoais, valorizando o olhar singular de cada entrevistado e os significados que emergem de seu contexto de vida (Bertaux, 2010).

A perspectiva não busca apenas interpretar os discursos dos sujeitos de forma isolada, mas compreendê-los em relação a estruturas sociais mais amplas, como cultura, ideologia, valores e processos históricos. Nesse sentido, ao analisar as narrativas, foram consideradas não apenas as ações individuais, mas também os contextos sociais que moldam essas ações. Assim, a narrativa de vida serviu como ponte entre o vivido e o coletivo, entre a experiência e a estrutura (Bertaux, 2010).

Entre os objetos sociais abordados pela etnossociologia, destacam-se os mundos sociais, as trajetórias sociais e as categorias de situação. Este estudo se alinhou à terceira categoria, ao considerar os jovens universitários inseridos em uma etapa de transição marcada por descobertas afetivas, responsabilidades acadêmicas e construção identitária. As narrativas

permitiram acessar os processos pelos quais esses sujeitos atravessam tal situação, como a conduzem e, eventualmente, como a transformam ou resistem a ela (Bertaux, 2010).

O uso das narrativas também oferece um meio de valorizar a singularidade dos depoimentos, possibilitando que cada depoente expusesse sua própria versão dos fatos, suas interpretações e memórias. Essa escuta ativa é fundamental para que o pesquisador acesse conteúdos sensíveis que dificilmente seriam identificados por meio de metodologias estruturadas ou com perguntas fechadas (Bertaux, 2010).

Ao reunir e comparar os diferentes relatos, a metodologia possibilita identificar recorrências e contrastes nas experiências narradas, permitindo identificar os mecanismos sociais que influenciam os comportamentos dos jovens. A riqueza dos dados obtidos por meio da narrativa de vida supera a simples coleta de informações, à medida que permite captar os sentidos atribuídos às práticas e aos sentimentos, revelando camadas profundas das vivências (Bertaux, 2010).

Dessa forma, a narrativa de vida, enquanto método de pesquisa na perspectiva etnossociológica, mostrou-se eficaz para acessar dimensões culturais, subjetivas e coletivas dos participantes, favorecendo a compreensão de como constroem e expressam suas masculinidades nos relacionamentos íntimos. Essa abordagem permitiu alcançar conteúdos simbólicos e sociais que dificilmente emergiriam em métodos mais estruturados, fornecendo subsídios valiosos para analisar os objetos sociais que configuram as experiências masculinas.

4.2 Cenário da Pesquisa

A pesquisa foi realizada na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), localizada no interior do sudoeste da Bahia, especificamente no *campus* de Jequié. Esse município está situado a cerca de 364 km da capital, Salvador, e apresenta população estimada de 158.813 habitantes e área territorial de aproximadamente 2.969 km², conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, constituindo um importante centro regional, devido à sua infraestrutura urbana e dinâmica econômica (IBGE, 2022; UESB, 2023).

A universidade possui sede administrativa em Vitória da Conquista, no Centro-Sul baiano, a aproximadamente 517,5 km da capital, e conta com mais um *campus*, localizado no município de Itapetinga (IBGE, 2022; UESB, 2023). A criação da UESB partiu do resultado da política de interiorização do ensino superior, em 1980, mais precisamente em 30 de dezembro (UESB, 2020)

A universidade oferece um total de 47 cursos de graduação, distribuídos entre três *campus*. Em Vitória da Conquista, são ofertados cursos mais destinados às Ciências Humanas, Sociais e Exatas. Enquanto o campus de Itapetinga se destaca pela oferta de cursos com maior concentração nas Ciências Agrárias e Engenharias. A diversidade de áreas contempladas reflete o compromisso institucional com a formação de profissionais, pesquisadores e docentes voltados para diferentes campos do saber (UESB, 2023).

Por vez, o campus de Jequié dispõe de 16 cursos de graduação divididos entre licenciatura e bacharelado, sendo cinco deles voltados para a área das Ciências da Saúde: Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina e Odontologia (UESB, 2023). A presença desses cursos foi relevante para a escolha do cenário da pesquisa, dada a relação direta com o perfil dos participantes envolvidos no estudo.

4.3 Participantes da Pesquisa

A abordagem etnossociológica, presente na metodologia das Narrativas de Vida, proposta por Daniel Bertaux, pressupõe que a construção da amostragem não se limite à análise de um único caso, mas sim à análise de múltiplas narrativas que possibilitem a comparação entre vivências sociais distintas. Nesse sentido, a variedade de casos se apresenta como elemento essencial para o aprofundamento das narrativas, considerando que os relatos, ao apresentarem semelhanças e divergências, contribuem para a compreensão das dinâmicas sociais em suas múltiplas manifestações (Bertaux, 2010).

Ainda segundo essa perspectiva, é imprescindível que os participantes componham um grupo heterogêneo no que se refere às experiências de vida e à forma como interpretam suas posições sociais. A diversidade de percepções diante de contextos semelhantes é compreendida como elemento-chave na análise das ações dos sujeitos e das estratégias de enfrentamento construídas por eles no cotidiano. Assim, a noção de diferenciabilidade, aponta que, mesmo ocupando lugares institucionais e sociais parecidos, os indivíduos constroem modos distintos de viver, significar e reagir aos desafios impostos pelas estruturas sociais (Bertaux, 2010).

Partindo desses pressupostos, os critérios de seleção da amostra buscaram contemplar essa diversidade. Foram estabelecidos como critério de inclusão: jovens do sexo masculino, com idades entre 18 e 29 anos, regularmente matriculados em semestres diversos nos cursos da área da saúde, à saber: Enfermagem, Odontologia, Farmácia, Medicina e Fisioterapia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Como critério de exclusão, considerou-se as

ausências nas atividades acadêmicas no momento da coleta de dados, ainda que o discente estivesse formalmente matriculado.

A escolha pelos cursos da área da saúde fundamenta-se no fato de que esses espaços formativos são majoritariamente marcados por uma forte presença feminina, o que tensiona e reconfigura as experiências de masculinidade vivenciadas por jovens universitários. Tal contexto configura-se como um campo privilegiado para analisar como esses homens constroem sentidos sobre si, sobre o cuidado e sobre suas relações afetivas, em diálogo com normas de gênero presentes tanto na formação acadêmica quanto na cultura mais ampla.

Além disso, o número de participantes foi definido com base na proposta de saturação por reincidência de informações. Essa técnica consiste em identificar, ao longo das entrevistas, a repetição de conteúdos relevantes para os objetivos do estudo, indicando o ponto em que novas inserções não acrescentariam dados significativos à análise, sendo um critério confiável para delimitação amostral em pesquisas qualitativas (Bertaux, 2010).

No momento da coleta, o curso de Fisioterapia contava com 223 graduandos, dos quais 164 eram do sexo feminino e 58 do masculino. Em Enfermagem, havia 192 estudantes matriculados, sendo 144 mulheres e 48 homens. No curso de Medicina, estavam inscritos 176 graduandos, distribuídos em 92 do sexo feminino e 84 do masculino. Já em Farmácia, havia 175 discentes, sendo 118 mulheres e 57 homens. O curso de Odontologia, havia 184 graduandos, sendo 140 mulheres e 44 homens (UESB, 2025).

O recrutamento dos participantes teve início após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Considerando a predominância feminina nos cursos da área da saúde, a formação de uma amostra composta exclusivamente por homens exigiu estratégias específicas. Optou-se, então, pela *Snowball Technique* (técnica bola de neve), amplamente utilizada em pesquisas com públicos de difícil acesso ou com baixa representatividade em determinados contextos (Bertaux, 2010; Vinuto, 2014; Bockorni; Gomes, 2021).

Inicialmente, foram contatados participantes que já tinham vínculo prévio com a pesquisadora, esses por sua vez, indicaram outros colegas que atendiam aos critérios do estudo. No total, 23 jovens universitários foram convidados, desses cinco recusaram o convite e, ao alcançar 15 entrevistas, identificou-se a saturação, momento em que os dados passaram a se repetir, sem trazer novas contribuições relevantes ao objeto do estudo. Com base nisso, os três últimos estudantes que aguardavam confirmação de agendamento foram dispensados.

Todos os participantes da pesquisa se autodeclararam homens e, no momento da coleta de dados, estavam regularmente matriculados entre o 1º e o 10º semestre dos cursos

selecionados, sendo três estudantes de cada um desses cinco cursos, totalizando uma distribuição equilibrada entre as graduações. As idades variaram entre 19 e 29 anos, abrangendo distintas fases da juventude universitária. Para preservar a identidade dos participantes, cada um foi identificado por uma letra "P" seguida por um número sequencial de 1 a 15 (exemplo: P1, P2, P3...), obedecendo à ordem das entrevistas.

Durante a coleta, a organização das entrevistas exigiu sensibilidade e flexibilidade diante da rotina acadêmica dos participantes. Os cursos de saúde são diurnos, possuindo carga horária elevada, além do envolvimento dos estudantes em outras atividades, como grupos de pesquisa e estágios. A fim de respeitar a disponibilidade dos entrevistados, os agendamentos foram realizados conforme os horários vagos identificados na grade curricular de cada um, buscando garantir um ambiente propício para a escuta atenta e a construção cuidadosa das narrativas.

4.4 Instrumentos e Técnicas para Coleta de Dados

Inicialmente, a pesquisadora apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A), detalhando o objeto de estudo, os objetivos da pesquisa e os fundamentos que justificam a escolha da temática. Após os devidos esclarecimentos e a resolução de eventuais dúvidas, os participantes consentiram voluntariamente sua participação, assinando-o. Em seguida, foi apresentado o instrumento de coleta de dados (APÊNDICE B), composto por um formulário de caracterização sociodemográfica, seguido de uma questão norteadora e filtros temáticos, com o propósito de orientar a construção das narrativas.

A entrevista seguiu os princípios do método da narrativa de vida, o qual valoriza o protagonismo do participante enquanto narrador de sua própria história. Coube à pesquisadora estimular o relato, exercendo uma escuta atenta e responsiva, com interrupções mínimas, limitadas a pedidos de esclarecimentos ou explicações complementares quando os relatos se apresentavam vagos ou fragmentados. A escuta foi acompanhada de sinais de interesse, como expressões faciais e gestos afirmativos, para favorecer um ambiente de confiança e fluidez narrativa (Bertaux, 2010).

O procedimento de coleta teve início com o preenchimento do perfil sociodemográfico dos jovens, a fim de contextualizar suas vivências e identificar possíveis relações com os aspectos sociais e afetivos abordados nas entrevistas. Posteriormente, foram repassadas orientações sobre o desenvolvimento da entrevista gravada, a fim de facilitar a participação ao longo da narrativa e mantê-la relacionada ao objeto da pesquisa.

Após as orientações iniciais e a leitura dos materiais impressos, os participantes sinalizavam quando se sentiam prontos para começar. Nesse momento, o gravador era ligado, e as entrevistas eram iniciadas a partir da questão norteadora: “Conte-me sobre seus comportamentos nos relacionamentos íntimos”. Essa pergunta foi elaborada a partir do objetivo central da pesquisa, que buscou compreender como os jovens universitários expressam suas masculinidades nos relacionamentos íntimos.

Nesse momento, a pesquisadora assumia uma postura de escuta atenta, intervindo o mínimo possível, apenas quando necessário para esclarecer algum ponto ou incentivar o aprofundamento de uma fala, mantendo os princípios da metodologia, que valoriza a liberdade do entrevistado em conduzir seu próprio relato (Bertaux, 2010).

Ademais, para auxiliar a condução das narrativas, foram desenvolvidos filtros temáticos, a saber: ensinamentos sobre ser homem (família, amigos, escola, igreja, cultura e outros); referências masculinas que influenciam suas atitudes nos relacionamentos (família, amigos, mídia, religião etc.); pressão social sobre comportamentos masculinos; início das experiências afetivas e sexuais; comportamentos que considera masculinos dentro dos relacionamentos; formas de lidar com sentimentos (afeto, intimidade, raiva, frustração e outros); conflitos vivenciados nas relações íntimas (ciúmes, controle, brigas, traição e outros); maneiras de demonstrar ou reprimir emoções nas relações; relação com outros homens e impacto nos vínculos afetivos; sexualidade, práticas sexuais e influência da masculinidade nesses contextos; tipos de relacionamentos (monogâmicos, casuais, fixos e outros); aplicativos de relacionamento e comportamentos associados; convivência com mulheres e papéis de gênero nos relacionamentos; inseguranças como homem nas relações; vivências como homem na sociedade; influência dos saberes universitários nos relacionamentos.

Os mesmos foram apresentados em formato impresso, com o intuito de facilitar a consulta durante a fala e manter o foco nas vivências relacionadas ao objeto do estudo. Esses filtros funcionam como âncoras temáticas, permitindo que o participante abordasse livremente os aspectos que consideraram significativos em sua trajetória. Eles são os únicos elementos predefinidos que direcionam a entrevista para dentro dos contornos do tema pesquisado, minimizando intervenções diretas da pesquisadora (Bertaux, 2010)

Durante a gravação, foi mantido um diário de campo, no qual registrou-se observações complementares não verbais, como expressões faciais, posturas corporais, hesitações e alterações no tom de voz dos participantes. Essas anotações foram consideradas relevantes para a compreensão da narrativa e integraram o material interpretativo da análise. Paralelamente, foi

elaborado um historiograma (APÊNDICE C), uma síntese das principais informações trazidas pelo participante junto ao diário de campo, com a finalidade de organizar os conteúdos e facilitar a compreensão das histórias narradas.

As entrevistas ocorreram entre os meses de abril e julho de 2025, com duração média de 40 minutos, variando entre 23 e 75 minutos, totalizando 609 minutos de gravação e 130 páginas de transcrição, em espaçamento 1,5cm, o que favoreceu o processo posterior de análise textual. As entrevistas foram realizadas em espaços reservados dentro do *campus* universitário, utilizando um dispositivo do tipo *smartphone* para gravação. A coleta foi encerrada com base no critério de saturação, compreendido como o momento em que não emergem novas informações relevantes ao objeto de estudo (Bertaux, 2010).

Ao término de cada entrevista, solicitou-se ao participante que confirmasse suas falas gravadas, sendo também informados sobre a possibilidade de novo contato, caso houvesse necessidade de retomada ou esclarecimento. Todos os participantes concordaram, e apenas um solicitou, espontaneamente, a continuação de seu relato cinco minutos após o encerramento da entrevista, a fim de complementar uma informação que inicialmente havia preferido omitir, não sendo necessário novo agendamento.

4.5 Técnica para análise de dados

Visando assegurar a qualidade, a transparência e o rigor na apresentação dos dados oriundos de entrevistas em pesquisa qualitativa, foram considerados os critérios do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ) (Souza *et al.*, 2021).

Os dados socioeconômicos que foram coletados no instrumento, resultaram em uma tabela que apresenta um panorama com o perfil dos discentes participantes da pesquisa (APÊNDICE D).

A análise das narrativas, ancora-se na abordagem etnossociológica, a mesma ocorre de forma simultânea à coleta dos dados, o que permite um olhar atento sobre os elementos subjetivos presentes nos relatos, respeitando as singularidades de cada participante. A partir dessa escuta minuciosa, busca-se identificar aspectos que, embora individuais, compartilhassem sentidos comuns, possibilitando o agrupamento dos conteúdos por similaridade temática (Bertaux, 2010).

De acordo com Bertaux (2010), nas investigações que utilizam relatos de vida, é fundamental que a análise seja iniciada logo após a coleta dos dados, ocorrendo de forma paralela à organização e compreensão das narrativas. Essa abordagem permite acompanhar as

singularidades de cada história e identificar elementos recorrentes que orientam a construção dos sentidos ao longo do estudo.

As três primeiras entrevistas foram conduzidas como etapa balizadora, servindo de teste para o instrumento de coleta e a dinâmica da abordagem. Após cada sessão, as transcrições foram realizadas na íntegra, preservando pausas e interrupções relevantes, com o auxílio do *smartphone* utilizado na gravação e do diário de campo. Posteriormente, procedeu-se à edição minuciosa dos textos mediante a escuta atenta dos áudios, corrigindo lacunas de transcrição automática onde a voz foi identificada como indetectável pelo dispositivo.

A leitura flutuante constituiu o primeiro contato com o material, permitindo uma visão geral do conteúdo, a seleção de aspectos relevantes e a identificação inicial das unidades de significado. Em seguida, realizaram-se leituras sucessivas e mais aprofundadas dos relatos, conduzidas pela própria pesquisadora. Esse processo não apenas favoreceu a compreensão das narrativas, mas também possibilitou uma reflexão crítica sobre sua posição como entrevistadora, contribuindo para o aprimoramento da escuta e da condução das entrevistas.

Essa imersão nas transcrições permitiu a codificação inicial dos dados, com marcação por cores distintas conforme a natureza dos conteúdos. Essa etapa denominada de codificação possibilitou a visualização de 74 unidades temáticas nas narrativas (Bertaux, 2010).

Em continuidade, deu-se início ao processo de recodificação. Por meio de novas leituras, as unidades inicialmente identificadas foram reorganizadas, com o objetivo de eliminar duplicidades, refinar interpretações e garantir a coerência analítica, preservando significado original das falas, mandando as mesmas atribuições às cores iniciais. Esse processo sistemático culminou em 35 unidades temáticas, conforme exposto no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 - Recodificação das unidades temáticas

1	Ensinaamentos e influências familiares sobre comportamentos masculinos
2	Ensinaamentos e influências da religião sobre os comportamentos masculinos
3	Pressões sociais sob os heterossexuais
4	Comportamentos que considera masculinos
5	Inseguranças como homem
6	Influências e ensinamentos maternos e mulheres da família sobre comportamentos masculinos
7	Características masculinas pessoais
8	Influências e ensinamentos positivos sobre ser homem por parte do pai e de homens da família
9	Influências e ensinamentos negativos sobre ser homem por parte do pai e de homens da família
10	Tipos de relacionamentos
11	Início das interações afetivas-sexuais
12	Pressões sociais sob os homossexuais/bissexuais
13	Vulnerabilidades de gênero
14	Inseguranças no relacionamento
15	Práticas e experiências sexuais
16	Influências territoriais, midiáticas e culturais sobre a masculinidade
17	Formas positivas de lidar com sentimentos
18	Formas negativas de lidar com os sentimentos
19	Percepções sobre masculinidades
20	Papeis de gênero na sociedade e nas relações

21	Referências masculinas
22	Referência e influência dos amigos
23	Expectativas e percepção sobre relacionamentos
24	Expectativas da sociedade sobre os homens
25	Vivências e questionamentos sobre a sexualidade
26	Comportamento e/ou falas machistas
27	Necessidade de atenção aos homens
28	Vivências universitárias e influência na masculinidade e relacionamentos
29	Comportamentos masculinos que é contra
30	Características que procura no parceiro
31	Vivências no relacionamento afetivo-íntimo atual
32	Vivências no relacionamento afetivo-íntimo anterior
33	Puberdade e comportamentos masculinos na adolescência
34	Uso de aplicativos de relacionamento e comportamentos associados
35	Nunca usou aplicativos

Fonte: Autora, 2025.

A etapa final da análise correspondeu à síntese, momento em que as unidades recodificadas foram organizadas e agrupadas em eixos mais amplos. Esse processo permitiu a construção de cinco grandes grupos, nomeados de acordo com o conteúdo das narrativas, apresentados no Quadro 2 a seguir, que concentram as principais dimensões abordadas pelos participantes.

Quadro 2 – Síntese: distribuição dos agrupamentos temáticos

Ensinaamentos sobre masculinidade no contexto familiar	
1	Ensinaamentos e influências familiares sobre comportamentos masculinos
6	Influências e ensinaamentos maternos e mulheres da família sobre comportamentos masculinos
8	Influências e ensinaamentos positivos sobre ser homem por parte do pai e de homens da família
9	Influências e ensinaamentos negativos sobre ser homem por parte do pai e de homens da família
21	Referências masculinas

Relacionamentos afetivos-íntimos e experiências sexuais	
10	Tipos de relacionamentos
11	Início das interações afetivas-sexuais
14	Inseguranças no relacionamento
15	Práticas e experiências sexuais
23	Expectativas e percepção sobre relacionamentos
31	Vivências no relacionamento afetivo-íntimo atual
32	Vivências no relacionamento afetivo-íntimo anterior
34	Uso de aplicativos de relacionamento e comportamentos associados
35	Nunca usou aplicativos

Influências socioculturais	
2	Ensinaamentos e influências da religião sobre os comportamentos masculinos
22	Referência e influência dos amigos
26	Influências territoriais, midiáticas e culturais sobre a masculinidade
28	Vivências universitárias e influência na masculinidade e relacionamentos

Sexualidade, emoções e comportamentos masculinos	
4	Comportamentos que considera masculinos
5	Inseguranças como homem
7	Características masculinas pessoais
16	Comportamento e/ou falas machistas
17	Formas positivas de lidar com sentimentos
18	Formas negativas de lidar com os sentimentos
19	Percepções sobre masculinidades
25	Vivências e questionamentos sobre a sexualidade
27	Necessidade de atenção aos homens
29	Comportamentos masculinos que é contra
30	Características que procura no parceiro
33	Puberdade e comportamentos masculinos na adolescência

Pressões sociais e vulnerabilidades de gênero	
3	Pressões sociais sob os heterossexuais
12	Pressões sociais sob os homossexuais/bissexuais
13	Vulnerabilidades de gênero
24	Expectativas da sociedade sobre os homens
20	Papéis de gênero na sociedade e nas relações

Fonte: Autora, 2025.

Ademais evidenciou-se a recorrência, que consistiu em contabilizar quantas vezes as unidades temáticas apareceram nos diferentes relatos, essa contagem não se restringe à repetição literal de termos, mas considerou a presença de sentidos comuns, condizentes com o objeto da pesquisa.

Por fim, os eixos foram sistematizados sob uma categoria analítica central, da qual derivaram três subcategorias fundamentadas no referencial da Teoria dos Roteiros Sexuais. Essa organização permitiu agrupar os achados conforme as dimensões cultural, interpessoal e

intrapsíquica, garantindo coerência entre os dados e o marco teórico adotado (Gagnon; Simon, 1973).

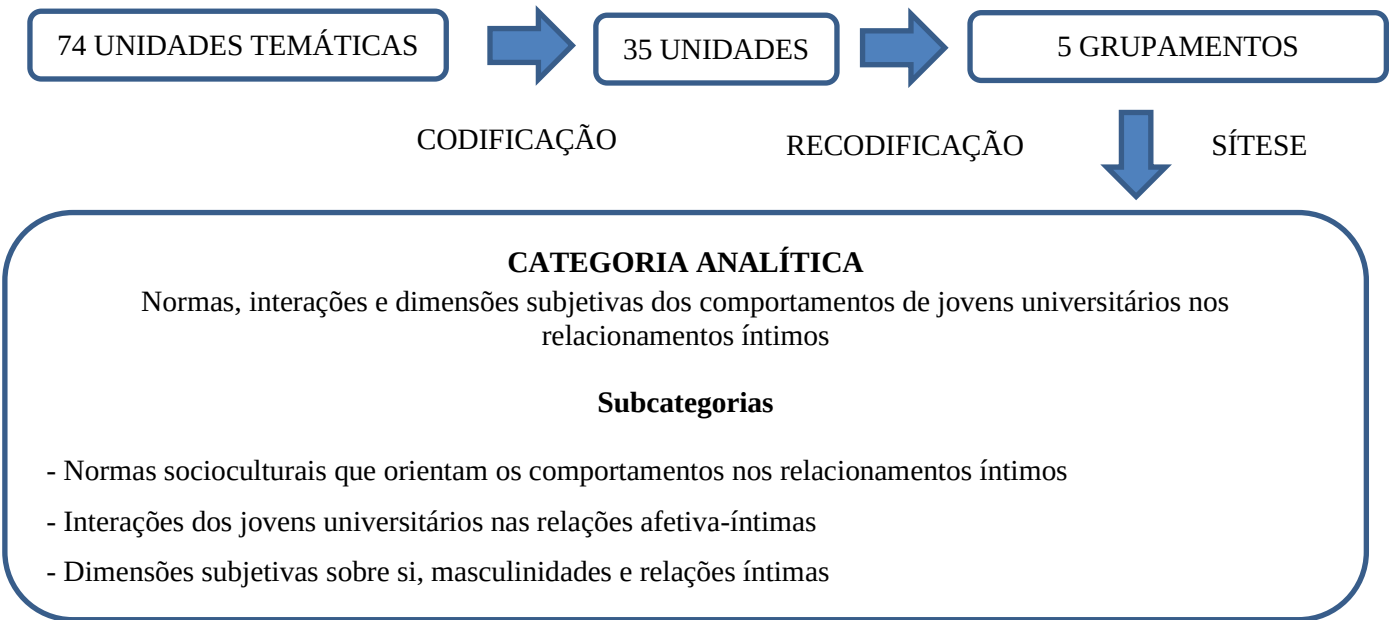
Quadro 3 – Recorrência e distribuição das subcategorias e categoria analítica

Agrupamento das Unidades temáticas	Total	Subcategoria	Categoria
Ensinaamentos sobre masculinidade no contexto familiar	72	Normas socioculturais que orientam os comportamentos nos relacionamentos íntimos	Normas, interações e dimensões subjetivas dos comportamentos de jovens universitários nos relacionamentos íntimos
Influências socioculturais	60		
Pressões sociais e vulnerabilidades de gênero	50		
Relacionamentos afetivos-íntimos e experiências sexuais	108	Interações dos jovens universitários nas relações afetivas-íntimas	
Sexualidade, emoções e comportamentos masculinos	128	Dimensões subjetivas sobre si, masculinidades e relações íntimas	

Fonte: Autora, 2025.

A Figura 2 apresenta o fluxograma de contextualização para construção dessa análise, desde a criação das unidades às categorias analíticas, como proposta por Bertaux (2010).

Figura 2 - Fluxograma analítico das etapas de codificação à síntese



Fonte: Autora, 2025.

4.6 Aspectos Éticos da Pesquisa

A presente pesquisa respeitou os preceitos éticos estabelecidos pelas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012; 2016), que normatizam as diretrizes para estudos envolvendo seres humanos. O projeto foi submetido à Plataforma Brasil e encaminhado à análise do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), tendo sido aprovado mediante parecer consubstanciado nº 7.434.335, sob o CAAE 86663325.0.0000.0055, no mês de março (ANEXO A). Após a aprovação ética e a autorização da instituição responsável, a coleta de dados teve início em abril.

Todos os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos, procedimentos e possíveis implicações da pesquisa. O TCLE foi apresentado antes das entrevistas e, após a leitura e os devidos esclarecimentos, foi assinado pelos participantes, que também receberam uma via do documento. A adesão à pesquisa foi voluntária, garantindo-se o direito à recusa ou à desistência a qualquer momento, sem prejuízo ou constrangimento.

Durante a coleta, reconheceu-se a possibilidade de surgimento de emoções e lembranças sensíveis, considerando o teor subjetivo e íntimo dos relatos. Diante disso, foram adotados cuidados éticos para preservar o bem-estar dos envolvidos, como o respeito ao tempo de cada entrevistado, a liberdade de interromper ou encerrar a entrevista a qualquer momento, além da possibilidade de não responder a alguns filtros. Tais medidas visam resguardar a dignidade, a autonomia e a integridade emocional dos estudantes.

Em contrapartida, os benefícios deste estudo possibilitaram que os jovens narrassem suas histórias de vida e refletissem sobre seus comportamentos e relações. Essa escuta ativa contribuiu para valorizá-los como sujeitos da pesquisa e ampliou o espaço para debates sobre masculinidades. Os relatos coletados poderão subsidiar novas investigações e fomentar discussões críticas e construtivas entre outros jovens, estimulando o desenvolvimento de perspectivas mais plurais e reflexivas sobre o ser homem na atualidade.

5 Resultados e discussão

Os resultados e discussão deste estudo são apresentados em dois manuscritos científicos, os quais foram elaborados de acordo às normas dos periódicos selecionados. Abaixo segue o título do manuscrito, periódico que será submetido e link das instruções aos autores.

Manuscrito 1: Masculinidades em construção: influências socioculturais nos relacionamentos íntimos de jovens universitários

Revista de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Instrução aos autores: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/about/submissions>

Manuscrito 2: Expressões das masculinidades nos roteiros interpessoais e intrapsíquicos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos

Revista de Enfermagem de São Paulo (USP)

Instrução aos autores: https://revistas.usp.br/reeusp/pt_BR/information/authors

5.1 Manuscrito – Masculinidades em construção: influências socioculturais nos relacionamentos íntimos de jovens universitários

Masculinidades em construção: influências socioculturais nos relacionamentos íntimos de jovens universitários

Sara de Jesus Santos^I; Aline Vieira Simões^{II}

RESUMO

Objetivo: identificar os fatores socioculturais que influenciam os comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos. **Método:** pesquisa qualitativa, descritivo-exploratória, fundamentada na narrativa de vida como referencial teórico-metodológico. Realizaram-se entrevistas individuais abertas com 15 jovens universitários dos cursos da saúde de uma universidade pública da Bahia, entre abril e julho de 2025, submetidas à análise interpretativa da perspectiva etnossociológica das narrativas de vida. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados:** as narrativas evidenciaram família, amigos, escola, religião, território, universidade, pressões sociais e mídias digitais como instâncias normativas que orientam expectativas de masculinidade nas relações afetivas. Os achados revelaram roteiros socialmente construídos, atravessados por normas culturais que influenciam comportamentos, afetos e experiências relacionais, conforme a perspectiva da Teoria dos Roteiros Sexuais de Gagnon e Simon. **Conclusão:** os comportamentos dos estudantes universitários nos relacionamentos íntimos são influenciados por fatores socioculturais que orientam expectativas de masculinidade e experiências afetivas.

Descritores: Masculinidades; Jovens; Estudantes Universitários.

INTRODUÇÃO

A juventude constitui um fenômeno social complexo que transcende delimitações etárias, configurando-se como uma construção histórica e sociocultural atravessada por múltiplas formas de vivência. Trata-se de um período marcado por uma interseção de classe, etnia, território, valores religiosos e outros, que produzem trajetórias diversas e heterogêneas. Nesse cenário de cultura juvenil, as trajetórias individuais se articulam a estruturas sociais e se apresenta de modo transversal nas condutas^{1,2}.

Para compreender essas dinâmicas, o gênero apresenta-se como uma categoria fundamental, ao ultrapassa as diferenças biológicas e organiza as relações sociais baseadas em hierarquias de poder, estruturando as expectativas e comportamentos atribuídos a homens e mulheres. Essa perspectiva é complementada pela compreensão que define o gênero não como um atributo fixo, mas como algo produzido e reiterado por meio de práticas cotidianas. Tal caráter instável evidencia que, embora as normas de gênero exerçam pressão sobre os indivíduos, elas são passíveis de transformação e ressignificação³.

É sob essa lente que os estudos sobre masculinidades se consolidam como um campo de investigação, compreendendo-as não como uma essência fixa ou biológica, mas como construções socioculturais múltiplas e relacionais. Propõem-se que a masculinidade deve ser entendida como uma configuração de práticas estruturadas em torno das relações de gênero, manifestando-se em uma pluralidade de formas que coexistem e se tensionam no tecido social⁴.

No contexto universitário, os relacionamentos afetivo-sexuais são atravessados por processos de socialização, negociação identitária e expectativas normativas compartilhadas. As concepções sobre intimidade, compromisso e sexualidade entre jovens universitários são socialmente construídas e variam conforme contextos socioculturais e experiências pessoais⁵⁻⁶. Nesse espaço, os jovens podem reavaliar e expressar suas masculinidades de formas distintas de outros contextos sociais, mobilizando múltiplas formas de ser homem conforme as normas e culturas acadêmicas⁵.

Sob a ótica da Enfermagem, o estudo das subjetividades masculinas amplia a compreensão para além do biológico, ao reconhecer que as condutas dos homens são atravessadas por fatores socioculturais que exigem uma assistência integral. Assim, a produção do cuidado deve considerar as múltiplas formas de vivenciar o *ser homem*, incluindo vínculos socioafetivos, expressões da sexualidade e vulnerabilidades sobrepostas, favorecendo práticas equitativas e alinhadas às reais necessidades de saúde⁷⁻⁸.

Assim, o presente estudo tem como objetivo identificar os fatores socioculturais que influenciam os comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Teoria dos Roteiros Sexuais, formulada por Gagnon e Simon⁹, propõe que a sexualidade deve ser compreendida como uma construção sociocultural, e não apenas como expressão biológica ou psicológica. Nessa perspectiva, os comportamentos sexuais são organizados por normas, valores e significados compartilhados socialmente, que orientam expectativas e práticas em contextos específicos.

Os autores⁹ estruturam esses roteiros em três níveis inter-relacionados: cultural, interpessoal e intrapsíquico. Os roteiros culturais fornecem normas e modelos socialmente legitimados; os interpessoais organizam as interações concretas entre os sujeitos; e os intrapsíquicos dizem respeito às interpretações, fantasias e diálogos internos que orientam a ação individual.

Esses roteiros são dinâmicos, contextuais e passíveis de negociação, refletindo processos de socialização ao longo da vida. Assim, as condutas nos relacionamentos íntimos são moldadas por experiências, interações e cenários sociais, nos quais os indivíduos reinterpretem e ajustam normas coletivas às suas trajetórias pessoais⁹.

No contexto da juventude universitária, a teoria permite compreender como normas de gênero e expectativas socioculturais influenciam a construção das masculinidades e os comportamentos afetivo-sexuais. Ao evidenciar a pluralidade de experiências, os roteiros sexuais contribuem para analisar as dinâmicas relacionais, identidades e práticas que emergem nas interações íntimas.

METODOLOGIA

Estudo descritivo e exploratório, de natureza qualitativa, fundamentado na perspectiva das narrativas de vida proposta por Daniel Bertaux¹⁰. Essa abordagem permitiu compreender as experiências e os significados atribuídos pelos jovens universitários aos seus comportamentos nos relacionamentos íntimos.

O cenário do estudo foi a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, localizada em um município do sudoeste baiano. Para seleção da amostra, adotaram-se como critérios de inclusão: jovens do sexo masculino, com idades entre 18 e 29 anos, regularmente matriculados em diferentes semestres dos cursos de Enfermagem, Odontologia, Farmácia, Medicina e Fisioterapia. Como critério de exclusão, considerou-se a ausência de frequência acadêmica no período da coleta, mesmo que o discente estivesse formalmente matriculado.

Utilizou-se a *Snowball Technique* (técnica bola de neve) como estratégia para formação da amostra exclusivamente masculina, dada a predominância de mulheres nos cursos da saúde. A seleção dos cursos considerou a inserção da pesquisadora na área da saúde e o potencial desses espaços formativos para tensionar normas de gênero, especialmente em profissões historicamente associadas ao cuidado feminino. A amostra final foi definida por saturação das informações¹⁰.

As entrevistas foram realizadas entre abril e julho de 2025, em local privativo da instituição, gravadas em áudio, via *smatphone*, com duração média de 40 minutos. A questão norteadora da narrativa foi: *Conte-me sobre seus comportamentos nos relacionamentos íntimos*, conduzida por filtros temáticos. Os dados sociodemográficos foram coletados por meio de formulário estruturado, e registros em diário de campo complementaram as informações.

A análise dos dados ocorreu de maneira simultânea à coleta. As entrevistas foram transcritas integralmente e submetidas à leitura flutuante e à codificação temática, seguida de reagrupamento temático, a fim de eliminar duplicidades e agregar temas, culminando na etapa final de síntese. Os dados sociodemográficos subsidiaram a caracterização dos participantes.

A interpretação das narrativas foi orientada pela perspectiva etnossociológica de Daniel Bertaux¹⁰, considerando os contextos socioculturais, interacionais e subjetivos que atravessam os comportamentos nos relacionamentos íntimos, em diálogo com a Teoria dos Roteiros Sexuais de Gagnon e Simon⁹.

Na etapa de síntese, as unidades foram agrupadas e organizaram a categoria analítica central *Normas, interações e dimensões subjetivas dos comportamentos de jovens universitários nos relacionamentos íntimos* e três subcategorias interpretativas: Normas socioculturais que orientam os comportamentos nos relacionamentos íntimos; Interações dos jovens universitários nas relações afetiva-íntimas; e Dimensões subjetivas sobre si, masculinidades e relações íntimas.

A pesquisa seguiu os princípios éticos estabelecidos pelas resoluções vigentes para pesquisas com seres humanos, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob parecer consubstanciado nº 7.434.335 e CAAE 86663325.0.0000.0055. Os dados foram coletados após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para garantir o anonimato, os participantes foram identificados pela sigla P, acompanhada de sequência numérica conforme a ordem das entrevistas (P1, P2, P3 [...]). O estudo foi conduzido conforme os critérios do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados no presente estudo, oriundos da dissertação de mestrado *Expressões das masculinidades nos comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos*, correspondem a um recorte analítico da primeira subcategoria, intitulada *Normas socioculturais que orientam os comportamentos nos relacionamentos íntimos*, orientada pela Teoria dos Roteiros Sexuais de Gagnon e Simon⁹.

Embora essa teoria compreenda três dimensões interligadas, a saber: o roteiro cultural, interpessoal e intrapsíquica⁹, este estudo destaca apenas a dimensão dos roteiros culturais, por terem se sobressaído de forma predominante nas narrativas. Tal ênfase permite compreender como normas e expectativas socioculturais moldam as condutas afetivo-sexuais dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos.

Caracterização dos participantes

Participaram do estudo 15 jovens com idades entre 19 e 29 anos, sendo a média de idade de 24 anos. A amostra constituída de três estudantes dos respectivos cursos Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Odontologia e Medicina, com distribuição entre os semestres iniciais e finais.

Quanto à autodeclaração de cor, seis se identificaram como pretos, cinco como pardos e quatro como brancos. Em relação à religião, sete se declararam cristãos, cinco católicos e três não possuem religião. Oito participantes se identificaram como heterossexuais, cinco como homossexuais e dois como bissexuais. A maioria está solteiro, com exceção de um, que vive em união estável há 5 meses. Entre os solteiros, cinco mantêm relacionamentos amorosos estáveis (com duração de quatro meses a dois anos), dois estavam ficando e sete não possuíam vínculos afetivos no momento da entrevista.

A análise do diário de campo possibilitou evidenciar que, apesar de iniciarem a entrevista com diferentes níveis de timidez ou segurança, a maioria dos jovens demonstrou crescente conforto para relatar suas experiências. Muitos mencionaram nunca ter compartilhado alguns episódios ou sentimentos antes, descrevendo a entrevista como um espaço acolhedor para refletir sobre si e revisitar vivências pessoais. De modo geral, mostraram-se cooperativos, envolvidos e abertos à narrativa.

Normas socioculturais que orientam os comportamentos nas relações afetivas-intimas

O roteiro cultural corresponde ao conjunto de normas, valores e expectativas compartilhadas socialmente, que orientam a forma como indivíduos compreendem e desempenham seus papéis nas interações⁹. Nas narrativas de vida dos jovens universitários foi possível identificar múltiplas influências socioculturais que moldam e direcionam comportamentos nos relacionamentos, revelando a centralidade das experiências familiares, seguido das influências sociais mediante às pressões. Não obstante, as normas religiosas, midiáticas e culturais, também se mostraram presentes nesse processo.

Os participantes relataram diferentes configurações familiares, especialmente no que se refere à presença ou ausência da figura paterna. Entre aqueles que vivenciaram fragilização ou ausência do pai, os principais referenciais de socialização foram mães, avós, tios, padrastos e outros homens da família, configurando trajetórias marcadas tanto pela valorização de modelos alternativos quanto pela rejeição de comportamentos paternos considerados negativos.

Desde a infância eu nunca tive um referencial masculino muito forte, o que eu sei sobre ser homem veio da minha mãe, de negar certos comportamentos que meu pai tinha para comigo e com ela. (P 3)

Meu pai não me criou, abandonou a minha mãe grávida, então eu me baseio mais em não ser como ele. O que aprendi foi com quem eu considero importante, no caso meu tio, meu padrasto, meus avós, eles sempre me ajudaram muito. (P 5)

Eu tive muita influência de minha família, principalmente de minha mãe, de minha avó e de alguns primos. Mesmo que meu pai estivesse de certa forma presente em minha vida, ele nunca foi presente, a questão de ensinar a ser homem, faltou na minha educação com meu pai. (P 15)

A ausência paterna revela uma normatização da estrutura do abandono que, longe de ser um fenômeno moderno, constitui uma realidade histórica invisibilizada que se manifesta precocemente na gestação e é replicada sistematicamente por gerações¹¹. Esse cenário, sustentado por modelos patriarcais que eximem o homem da responsabilidade afetiva, sobrecarrega milhões de mulheres e compromete o desenvolvimento emocional e os padrões de apego dos jovens¹². Diante da fragilização desses referenciais, a presença de múltiplas figuras de apoio torna-se essenciais para a construção de trajetórias identitárias adaptativas e a resignificação dos vínculos na vida adulta¹³⁻¹⁵.

Os relatos também apontam diferenciações na transmissão de valores de gênero no interior da família. Enquanto figuras maternas foram associadas a valores de cuidado, respeito e expressão emocional, os homens da família foram frequentemente vinculados à legitimação de expectativas relacionadas à virilidade, força e desempenho sexual.

Com meu pai, aprendi a ser cachorro [risos], me incentivava ser pegador, até meus tios, a pegar várias mulheres, se desapegar, ao passo que com minha mãe, minhas tias, amigas, aprendi o contrário, ficar mais de boa, não bagunçar com as meninas, a se expressar, não ser cachorro. (P 2)

Sempre a família me influenciando a respeitar, ser um parceiro fiel, em relação à quando ser solteiro, podendo ter liberdade, ser homem que pega várias mulheres. (P 9)

Desde pequeno, a minha família, como todas as famílias raízes, trazia mais o costume em que a gente já precisava ter a masculinidade firme e não poderia mostrar fraqueza. (P 13)

Os relatos evidenciam o uso de figuras metafóricas como o *cachorro* e o *pegador* para legitimar o desapego e o desempenho sexual como provas de virilidade. Esse mecanismo alicerça-se em modelos hegemônicos onde a paternidade atua como modelo de gênero, definindo como o jovem irá demonstrar seus comportamentos^{14,16}. Tais prescrições, ao associarem o *ser masculino* à força e ao autocontrole, são internalizadas desde a infância e tensionam a expressão afetiva, produzindo conflitos entre os diferentes referenciais de masculinidade propostos no ambiente familiar^{14, 17-19}.

Em ambientes familiares conservadores, jovens que não se enquadram nos padrões heterossexuais ou nas normas tradicionais de masculinidade enfrentam maiores restrições na expressão identitária. As falas evidenciam pressões para cumprir expectativas de provisão, heterossexualidade e liderança masculina, além de vigilância sobre comportamentos considerados desviantes.

Eu venho de um lugar quando a gente faz 18 anos, nós homens precisamos ser provedores, ter as nossas responsabilidades. E eu fico meio frustrado porque eu sou um homem gay, então como é que um homem gay sai de uma família conservadora, onde aprende que ele precisa procriar, construir uma família com uma mulher, então isso impacta nas minhas relações. (P 11)

Ser parecido com eles em relação a comportamento, o homem ser o cabeça da casa, a mulher auxiliadora. Pelo menos eu nunca tive essa questão de que homem não chora, do homem ser durão, mas em relação ao comportamento: não dança muito assim porque senão vai desmunhecar, não pode brincar com outras coisas, não pode fazer certas coisas. (P 8)

Tento ao máximo não seguir a masculinidade que me foi apresentada no meu contexto familiar, porque pra mim são masculinidades de pessoas com comportamentos ruins, quanto mais eu conseguir criar um conceito novo de masculinidade pra mim, melhor vai ser. (P 7)

Estudos indicam que a heterossexualidade é imposta como o modelo legítimo de masculinidade, tornando a vivência homossexual uma subversão estressora das lógicas sociais e psicológicas tradicionais^{14,20}. Em contextos conservadores, transgredir essas normas resulta em estigmatização e vinculação a masculinidades marginalizadas, expondo o jovem a violências simbólicas²¹. Esse cenário de exclusões e hierarquias força o sujeito a negociar sua identidade diante de uma cultura que correlaciona obrigatoriamente virilidade e heteronormatividade²²⁻²⁴.

As influências geracionais estão presentes no processo de aprendizagem dos papéis de gênero e são transmitidas expectativas sobre comportamentos masculinos e femininos. Mesmo na ausência de proibições explícitas, persistem normas que associam ao homem a autoridade e a provisão, e à mulher o cuidado e as tarefas domésticas. Esses referenciais familiares influenciam a forma como os jovens compreendem, reproduzem ou questionam tais papéis em seus relacionamentos íntimos.

Os homens da minha família querem passar uma visão de que a mulher tem que fazer as coisas, o homem não precisa, homem só precisa trabalhar e a mulher ficar em casa não vejo dessa forma, esses papéis do gênero. (P 13)

Na minha família geralmente a mulher que faz aquelas tarefas mais domésticas, seguindo aquela questão mais cultural, mas acredito que hoje em dia isso mudou. (P 9)

As cobranças advindas da família configuram fatores importantes na construção da identidade masculina, especialmente no que se refere ao cumprimento de expectativas sociais e ao desempenho de papéis tradicionalmente atribuídos aos homens²³. A constituição do masculino ocorre, em grande parte, em espaços de socialização entre homens, nos quais se reforça a dissociação do feminino e se reproduzem hierarquias de gênero, inseridas em um regime heteropatriarcal que naturaliza a heterossexualidade e a desigualdade entre homens e mulheres. Tais experiências contribuem para tensões internas e impulsionam processos de resignificação dos papéis de gênero, frente às exigências normativas de virilidade e controle emocional²⁴⁻²⁵.

Embora a família seja o primeiro vínculo social e as relações interpessoais se estabelecem em segundo pilar, exercendo influência marcante sobre os comportamentos, os jovens também são moldados por padrões e normas sociais mais amplos, que estabelecem expectativas sobre como os homens devem se comportar, sentir e se relacionar. Essas pressões, presentes desde a infância, definem atitudes consideradas apropriadas socialmente, fundamentando-

se em papéis de gênero socialmente construídos e influenciando diretamente os comportamentos dos jovens em seus relacionamentos.

Essa pressão com as mulheres é bem mais fácil de presenciar, agora com os homens é bem mais velado. O homem não pode sentir, o homem não pode ter um problema, se tem um problema e vai conversar com alguém sobre, muitas vezes é estigmatizado. (P 3)

O homem é muito cobrado nesse quesito de força, ser másculo, maduro o tempo inteiro, não pode mostrar fragilidade, tem que mostrar força o tempo inteiro, você não pode ser visto chorando. (P 14)

Tem gente que fala que o homem sofre mais. Besteira! Acho que todo mundo tem a própria realidade e que a condição que a pessoa vive, independente de gênero, mas de acordo com o próprio contexto socioeconômico, cultural, eu acho que isso é mais da pessoa do que de gênero. (P 5)

Essas normas limitam a expressão emocional, reforçam estereótipos de masculinidade e podem gerar insegurança e medo de julgamento, influenciando diretamente as atitudes e decisões dos jovens em contextos afetivos. Os padrões sociais rígidos sobre como os homens devem se comportar atuam como determinantes na construção da sua identidade, estabelecendo expectativas desde a infância, como demonstrar força, autocontrole e heterossexualidade. Além disso, a pressão para se enquadrar em padrões de grupo leva os jovens a adotarem comportamentos que nem sempre correspondem às suas vontades^{6,19}.

Os relatos a seguir emergem de jovens oriundos de diferentes cidades do interior, os quais se deslocaram de seus territórios de origem para cursar o ensino superior. Essa condição de migração acadêmica revela que, embora provenientes de localidades distintas, as vivências são marcadas por um pano de fundo comum: o conservadorismo de cidades pequenas que operam como espaços de vigilância. Nesses contextos de origem, o controle social é intensificado pela proximidade das relações, onde a manutenção de normas patriarcais dita as possibilidades de expressão da identidade.

Eu moro em um interior. Por ser um lugar pequeno, isso acaba influenciando na cabeça dos nossos pais sobre ter filho homossexual, isso pode gerar conversa, isso pode gerar piadinha. Quando eu comecei a jogar vôlei houve muitos boatos na minha cidade, a que vôlei só pra gay, eu quis mudar de cidade, porque eu não queria passar por isso. (P 6)

Eu venho de uma cidade pequena com cerca de 30.000 habitantes, que tem muito aquela questão conservadora, então foi ensinado sobre o homem culturalmente tradicional. Em cidade pequena, sempre tem aquela brincadeira, a viado, não sei o que. (P 9)

De onde eu venho, homens gays não merecem respeito ou não é levado a sério. Minha cidade, por ser pequena, minha família conservadora, eu não podia me relacionar com pessoas de lá. (P 11)

Compreende-se, assim, que as masculinidades são atravessadas por fatores como território, em que o conservadorismo local atua na produção e naturalização de normas de gênero, influenciando vivências afetivo-sexuais⁶. Em sociedades marcadas pelo patriarcado, a socialização desde a infância favorece a internalização de expectativas normativas de masculinidade e mecanismos de controle social¹⁹. Nesse contexto, o fortalecimento de discursos conservadores no Brasil reforça padrões heteronormativos e tradicionais de gênero, especialmente em cidades pequenas, onde relações de proximidade intensificam práticas de vigilância, julgamento e silenciamento de experiências dissidentes²⁰⁻²¹.

Além das pressões sociais gerais sobre os homens, existe um recorte específico relacionado às questões de gênero, até dentro da própria comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais e outras designações (LGBTQI+). Alguns participantes se referem a esse fenômeno como a *caixa de homem gay* ou a *sociedade gay*, que estabelece normas e expectativas próprias, exercendo pressões adicionais sobre comportamentos, atitudes e formas de se relacionar.

As pessoas vão me moldando pra pertencer a caixa de homem gay. Tem coisas que esperam de você, queriam eu fosse de um jeito: “você é um gay todo errado, não sabe maquiar, você se veste mal, não sabe pranchar cabelo”. Essas caixas são estereótipos que querem que a gente adquira. (P 7)

A sociedade gay é bem machista, tem muito estereótipo do homem masculino. Isso, querendo ou não, me mudou também. Por exemplo, vou evitar gemer fino, vou evitar qualquer coisa que seja feminina, porque vai que essa pessoa perca a libido. Tem uma pressão de ser masculino. (P 12)

As atitudes em relação à orientação sexual são socialmente construídas e influenciadas por diferentes normas especialmente em contextos patriarcais que tendem a normatizar expressões de gênero e sexualidade. A não conformidade a esses padrões pode gerar estigmatização, discriminação e pressões para adequação comportamental²⁶, inclusive dentro da própria comunidade LGBTQI+. Esses contextos contribuem para a internalização de expectativas normativas de masculinidade, produzindo conflitos identitários e afetivos²⁶⁻²⁷.

O ambiente escolar emergiu nas narrativas como um possível espaço de controle dos comportamentos masculinos. Desde a infância e adolescência, interações entre colegas e, por vezes, entre educadores, reproduzem discursos sutis ou explícitos que regulam gestos, expressões e atitudes consideradas adequadas ao ideal masculino. O que impacta a construção identitária e a forma como os jovens passam a se posicionar afetiva e socialmente.

Sempre tem aquela brincadeira na escola: Ah, viado, não sei o que. Então, eu acho que essas brincadeiras na escola acabam influenciando, e isso é uma coisa ruim, e você tem que seguir esse padrão de homem pegador, homem que pega várias mulheres. (P 10)

Eu comecei a estudar em um colégio extremamente rígido, meus trejeitos pegavam muito. É tanto que eu cheguei a sofrer homofobia lá e quando fui atrás de autoridades, falaram que eu não me dava o respeito. (P 8)

Quando eu era criança por exemplo, a gente vê muitos comentários, até entre professores mesmo, coisas de machismo, homofóbicas mesmo, sutis, mas homofóbicas. Isso, querendo ou não, gera pressão sobre um comportamento que a gente tem que ter adequado no contexto social. (P 13)

Estudos indicam que práticas cotidianas, como brincadeiras e comentários, atuam como mecanismos de vigilância que naturalizam a heteronormatividade e orientam o desempenho masculino²⁸⁻³⁰. Nesse cenário, a escola torna-se um espaço onde múltiplas referências de masculinidade interagem de forma performativa, mas sob a persistente ideia de uma masculinidade tida como normal. Essa visão impõe processos de normalização que sujeitam aqueles que não seguem os padrões normativos a violências físicas e simbólicas, forçando estudantes a adaptarem suas expressões e repetirem atos de afirmação viril para assegurar o pertencimento ao grupo e evitar a exclusão²².

As amizades no contexto social configuram-se como importantes instâncias de influência na construção dos comportamentos masculinos. As interações estabelecidas, sobretudo durante a adolescência e a juventude, favorecem a reprodução de expectativas associadas à performance masculina, como a valorização da virilidade, da experiência sexual e da validação pelos pares. Esses espaços de sociabilidade exercem o reconhecimento e cobrança, ainda que nem todos os jovens incorporem tais padrões de forma homogênea em suas trajetórias pessoais.

No sentido de amizade, a questão do comportamento masculino, principalmente na adolescência e juventude, é de jogar bola com os meninos e interagir para conquistar as meninas, você ser o melhor da turma, agradá-las. (P 1)

Meus amigos começaram a beijar muito cedo, perderam a virgindade muito cedo, eles meio que botam a pressão: Pô véi, tu já tá nessa idade aí não conseguiu ainda. (P 2)

Muitas amizades que eu já tive, induziu a ter comportamentos que considero machistas. Embora eu não tenha aderido a essas práticas, já tinha visto pessoas do ciclo próximo exercendo práticas que a sociedade impõe, abusivas, não só em relação à parte física, mas também verbal e psicológica. (P 11)

Nota-se que os grupos de amizade mediam a reprodução de expectativas associadas à masculinidade, especialmente no desempenho sexual e na validação entre pares. A pressão para iniciar a vida sexual e relatar conquistas íntimas funciona como marcador de pertencimento social, levando jovens a adotarem práticas que nem sempre condizem com seus valores pessoais. Essas normas hegemônicas podem incentivar comportamentos sexuais de risco e expor relações de poder entre os próprios homens, reforçando a necessidade de adequação aos padrões dominantes^{5,18}.

Ademais, dentre os outros diferentes contextos externos que moldam os comportamentos masculinos, destaca-se a presença dos ensinamentos religiosos sejam de lares protestantes ou católicos, que por vezes funcionam como referências conservadoras que orientam e/ou restringem.

Eu cresci na igreja e fui ensinado que o sexo só depois do casamento, isso foi um baque muito grande pra mim quando ocorreu a primeira vez, porque eu fiquei nessa briga dentro de mim mesmo. (P 4)

A igreja mesmo tem seus princípios que homem tem que se relacionar com mulher. Eu, sendo um homem hétero, entendi desde novo como é que tinha que ter essa construção. (P 13)

Minhas referências de homem vêm de São José: ele é trabalhador, um homem voltado aos valores, a Deus. Como eu não tive muito exemplo, então acabei me apegando a essa figura religiosa. (P 14)

No caso dos participantes homossexuais, a vivência religiosa mostrou-se ainda mais conflituosa devido a condição de ser considerado pecador por parte das tradições cristãs, resultando em sentimentos de repressão e exclusão. Essa imposição moral não apenas tensionou suas relações familiares e sociais, como também trouxe impactos significativos para a saúde mental.

Dentro de um contexto de religião, ouvi sim algumas reclamações, que a religião condena. Eu ouvi várias vezes falar: Um homem com outro homem não pode, a Bíblia condena. (P 1)

Eu tinha aprendido na igreja evangélica que era pecado, que iria arder no fogo do inferno. Me causava muita estranheza, ficar ali no superficial das minhas relações. (P 7)

Tentava me calar, tentava pedir pra Deus me curar, pedia pra Deus me salvar, tirar isso da minha cabeça, que isso erra errado, [...] eu ainda tava na igreja sendo líder das coisas, comecei a ter muita ansiedade, muita ansiedade, aquele peso nas costas. (P 8)

Estudos apontam que a religião exerce forte influência sobre as decisões afetivo-sexuais dos jovens, orientando o início das experiências sexuais e a manutenção de preceitos como a castidade³¹. Essa base fundamentalista favorece o padrão heteronormativo e estigmatiza minorias ao regular comportamentos por valores morais, tais interpretações religiosas são frequentemente manipuladas para validar a desigualdade e controle de gênero, legitimando condutas abusivas sob o pretexto da obediência e consolidando uma cultura de silêncio e impunidade³².

Além da religião, os jovens também internalizam padrões presentes nas mídias e redes sociais, que funcionam como referências cotidianas. Essas influências, de forma explícita ou implícita, moldam percepções, orientam escolhas e delimitam modos de agir e expressar-se nas relações, incorporando normas e valores observados em seu entorno.

A rede social sempre influencia, no quesito de você tentar se mostrar um pouco mais superior no relacionamento, você mandar, em relação de você sempre estar à frente da mulher. Infelizmente, a mídia social sempre influencia nesse sentido. (P 10)

Quando era jovem não tinha referência de gay na mídia, na TV, em revista, em qualquer lugar era coisa errada. O que eu via de ser homem, de relacionamento, tinha a ver com ser hétero, ser masculino, não ser afetivo, o homem que gosta de futebol, essas coisas bem banais da masculinidade que tinha de referência, não tinham nada de positivo. (P 12)

Eu sempre tive como referência Homem-Aranha, a forma que ele lida com alguns problemas da juventude, sexualidade, influência com drogas, com bebida e até de espiritualidade. Essa visão de como se portar, se cuidar, as relações dele, tanto amorosas quanto de questão de estudo, me influencia muito. (P 15)

A mídia contemporânea atua como um poder que não apenas demonstra a realidade, mas a produz, validando discursos heteronormativos enquanto silencia manifestações alternativas de sexualidade. Esse repertório molda a percepção de si e estrutura a sociedade ao impor modelos de masculinidade que orientam as escolhas e os comportamentos nas relações afetivas³³. Tal impacto na compreensão humana exige uma atenção crítica, pois as mídias participam cotidianamente da construção de identidades e modos de vida. Contudo, o ambiente digital também possibilita a circulação de novos discursos que permitem a reinterpretção do ideal de *masculinidade saudável*, tensionando os padrões tradicionais³⁴.

Não obstante, o ingresso na universidade emergiu como um espaço de ampliação das vivências sociais, marcado tanto por oportunidades de experimentação quanto pela reprodução de padrões já conhecidos. Esse contexto favorece encontros, amplia redes de interação e possibilita novas formas de se relacionar, ao mesmo tempo em que mantém dinâmicas que reforçam expectativas e desigualdades de gênero, influenciando as experiências afetivo-sexuais dos jovens.

Nas festas como é um ambiente mais propício, a galera tá mais na intenção, tem as bebidas, vários jovens reunidos, todo mundo solteiro e acaba rolando com mais facilidade essas coisas casuais. (P 2)

Entrar na universidade pra mim foi um fator muito importante, porque a gente amadurece muito, tem as calouradas que pode fazer pontes pra você conhecer novas pessoas. E isso, em si só, facilita ali um relacionamento íntimo. (P 6)

Embora muita gente não admita, existe um comportamento muito tóxico dentro das universidades, principalmente em relação aos homens, existe uma suavização dos comportamentos masculinos. Quando fala das mulheres o contexto muda, difamam elas, é uma masculinidade tóxica. (P 3)

A universidade configura-se como uma arena dinâmica de transição para a autonomia, onde a socialização e a busca pela experiência universitária plena permitem aos jovens explorar múltiplas masculinidades e reconfigurar normas de gênero conforme o contexto^{5,35}. Contudo, esse espaço de liberdade também abriga tensões, nas quais a interação entre pares pode reforçar a heteronormatividade e pactos de cumplicidade que suavizam condutas masculinas em detrimento das femininas ou não-heterossexuais^{5-6,35-36}. Assim, embora oportunize novas expressões de si, o ambiente acadêmico frequentemente reatualiza estereótipos tradicionais, demonstrando que o ingresso no ensino superior não assegura, por si só, a ruptura com modelos hegemônicos⁶.

É evidente que as normas culturais influenciam diretamente os comportamentos dos jovens universitários em suas relações, seja pela família, religião, território, amizades, vivências universitárias ou mídias, moldando expectativas e formas de agir nos relacionamentos. Esses referenciais orientam tanto práticas cotidianas quanto atitudes mais íntimas,

revelando como as identidades são construídas em meio a pressões, cobranças e aprendizados transmitidos por diferentes espaços sociais.

Limitações do estudo

As limitações deste estudo concentram-se na composição do grupo, embora a saturação teórica tenha sido atingida e a amostra contemple diversidade de orientações sexuais, observou-se uma homogeneidade quanto à identidade de gênero, sendo composta exclusivamente por homens cisgêneros. A ausência de homens trans ou pessoas com identidades não-binárias restringe a compreensão de como a masculinidade é performada fora da matriz cisnormativa.

Além disso, embora os participantes apresentassem diferentes pertencimentos raciais, as questões étnico-raciais não emergiram de forma expressiva nas narrativas, limitando aprofundamentos acerca das intersecções entre raça, masculinidades e relacionamentos íntimos.

Ademais, o vínculo exclusivo dos participantes a cursos da área da saúde em uma única instituição pública pode refletir vieses de formação específicos. Recomenda-se, portanto, que investigações futuras explorem cenários socioculturais diversificados e identidades de gênero plurais para ampliar o entendimento sobre as masculinidades contemporâneas.

CONCLUSÃO

Nesse sentido, os achados apresentados neste artigo correspondem a um recorte analítico que privilegia a dimensão dos roteiros socioculturais, sem desconsiderar sua articulação com os roteiros interpessoais e intrapsíquicos. Assim, tornou-se evidente que os comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos são atravessados por múltiplas influências socioculturais, dialogando com os pressupostos da Teoria dos Roteiros Sexuais. As narrativas revelam que normas, valores e expectativas socialmente compartilhados orientam, em diferentes níveis, as formas como esses jovens percebem, vivenciam e significam suas experiências afetivo-sexuais, sem que tais influências operem de maneira homogênea ou determinista.

A família destacou-se como um dos principais espaços de socialização dessas normas, sobretudo no que se refere à construção das masculinidades. A presença ou ausência da figura paterna, assim como a atuação materna e de outros familiares, foi descrita como relevante na transmissão de valores. No entanto, esses referenciais apareceram de modo ambivalente, sendo ora incorporados como modelos orientadores, ora questionados e rejeitados, evidenciando processos de negociação e resignificação ao longo das trajetórias dos jovens.

Para além do núcleo familiar, outros contextos sociais exerceram influência significativa sobre os comportamentos masculinos nos relacionamentos íntimos. As interações com amigos, as vivências escolares e universitárias, especialmente em contextos territoriais marcados por forte controle social e conservadorismo. Tais experiências contribuíram tanto para a reprodução de expectativas hegemônicas quanto para o surgimento de conflitos, inseguranças e tensões no modo como os jovens se posicionam afetivamente.

A religião e a mídia também emergiram como instâncias normativas relevantes, ao reproduzirem valores heteronormativos e moralizantes que regulam comportamentos e delimitam possibilidades de expressão da sexualidade. Esses discursos mostraram-se especialmente tensionadores para jovens homossexuais e bissexuais, ao reforçarem estigmas, discriminações e sentimentos de inadequação, impactando a saúde emocional e as vivências nos relacionamentos íntimos. Nesse sentido, a orientação sexual interagiu com normas socioculturais mais amplas, produzindo vulnerabilidades específicas.

Apesar da força desses referenciais tradicionais, os achados indicam que alguns jovens não se posicionam de forma passiva diante das normas socioculturais. As narrativas evidenciaram movimentos de reflexão, questionamento e resignificação, sobretudo em contextos que ampliam o contato com a diversidade. Observa-se, assim, a coexistência de permanências de modelos hegemônicos de masculinidade com tentativas de construção de relações mais pautadas na afetividade, no diálogo e na autonomia, indicando que a construção das masculinidades se dá em um processo contínuo, marcado por tensões, negociações e transformações.

REFERÊNCIAS

1. Medina ACR, Couto ACP, Machado CS, Nogueira CSN, Moreira JVF, Marivoet S. Concepts, spaces, and leisure practices from the perspective of youth. *Motriz: Rev Educ Fis.* 2022 [cited 2026 Feb 12]; 28:e10220014721. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1980-657420220014721>
2. Capulo S, Maldonado L, Silva Junior GM. Juventudes, a universidade é para todos? A importância do engagement estudantil no ensino superior, aspectos da realidade para a não evasão. *Rev Observatorio Econ Latinoam.* 2024 [cited 2026 Jan 16]; 22(7):1-14. Available from: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/5761/3688>
3. Butler J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Aguiar R, tradutor. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2018.
4. Connell RW. Masculinidades. 2ª ed. Cambridge: Polity Press; 2005.
5. Khumalo S, Mabaso M, Makusha T, Taylor M. Intersections Between Masculinities and Sexual Behaviors Among Young Men at the University of KwaZulu-Natal, South Africa. *Sage Open.* 2021 [cited 2026 Feb 20]; 11(3). DOI: <https://doi.org/10.1177/21582440211040114>
6. Franco BEC, Parra JAC. Masculinity in Universities: State of the Art. *Masculinities and Social Change.* 2021 [cited 2026 Jan 17]; 10(1):77-108. DOI: <https://doi.org/10.17583/MCS.2021.5487>
7. Mgopa LR, Rosser BRS, Ross MW, Lukumay GG, Mohammed I, Massae AF, *et al.* Cultural and clinical challenges in sexual health care provision to men who have sex with men in Tanzania: a qualitative study of health professionals' experiences and health students' perspectives. *BMC Public Health.* 2021 [cited 2026 Feb 20]; 21:713. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-021-10696-x>
8. Lantieri AE, Rojas MA, Bisson C, Fitch E, Woodward A, Stevenson EL. Men's Involvement in Sexual and Reproductive Health Care and Decision Making in the Philippines: A Systematic Review of the Literature. *American Journal of Men's Health.* 2022 [cited 2026 Feb 12]; 16(4). DOI: <https://doi.org/10.1177/15579883221106052>
9. Gagnon JH, Simon W. Sexual conduct: the social sources of human sexuality. New Jersey: Aldine Transaction; 1973.
10. Bertaux D. Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos. Cavalcante ZAC, Lavallée DMG, tradutores. 2ª ed. São Paulo: Paulus; 2010.
11. Morosini A. Paternidade responsável: uma reflexão sociológica do abandono paterno. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.* 2023 [cited 2026 mar 15]; 1(3):42-52. DOI:
12. Lima LLS, Monteiro AV. Abandono afetivo paterno: as consequências de um pai ausente na fase infanto juvenil. *Contemporânea.* 2024 [cited 2026 Mar 13]; 4(11):01-16. DOI: <https://doi.org/10.56083/RCV4N11-051>
13. Duarte AF, Gonçalves APCS, Faria CB. Estilo de apego: impactos da ausência paterna no comportamento adulto. *Rev Ibero-Am Hum Ciênc Educ.* 2025 [cited 2026 Jan 26]; 11(12):585-602. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i12.23089>
14. Cleary A. Emotional constraint, father-son relationships, and men's wellbeing. *Front. Sociol.* 2022 [cited 2026 Jan 25]; 7:1-13. Doi: <https://doi.org/10.3389/fsoc.2022.868005>
15. Mendonça TP, Oliveira MASL. Os impactos do abandono afetivo paterno no desenvolvimento infantil. *Rev Multidiscip Nordeste Mineiro.* 2025 [cited 2026 Mar 13]; 1: 1-22. DOI: <https://doi.org/10.61164/rmnm.v1i1.3418>
16. Oliveira MA, Cruz MA, Estrela FM, Silva AF, Magalhães JR, Gomes NP, *et al.* Papel paterno nas relações familiares: revisão integrativa. *Acta Paul Enferm.* 2022 [cited 2026 Mar 14]; 35:1-10. DOI <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO0306345>
17. Sá NN, Silva LTP, Szyllit R. Masculinidades e o contexto dos cuidados paliativos pediátricos: uma perspectiva de gênero. In: Souza RM, Maciel Jr PA, Defendi EL, organizadores. *Ensaio sobre masculinidades na atualidade.* São Paulo: EDUC; 2022. p. 88-101.
18. Merdassa AB. Traditional masculinity, peer pressure, and sensation seeking as correlates of risky behaviours. *Int J Adolesce Youth.* 2024 [cited 2026 Feb 12]; 29(1). DOI: <https://doi.org/10.1080/02673843.2023.2298087>
19. Zarling A, Berta M, White A. Psychological flexibility, traditional masculinity ideology, and parenting among fathers in IPV intervention programs. *Fam Process.* 2025 [cited 2026 Feb 12]; 64(4). DOI: <https://doi.org/10.1111/famp.70095>
20. Defendi EL. Ser um jovem gay afeminado na comunidade LGBT. In: Souza RM, Maciel Jr PA, Defendi EL, organizadores. *Ensaio sobre masculinidades na atualidade.* São Paulo: EDUC; 2022. p. 65-76.
21. Oliveira KS, Nóbrega PRC. "Resistir para existir": conservadorismo, gênero e sexualidade no contexto educacional. *Educ Form.* 2025 [cited 2026 Mar 13]; 10:e14015. DOI: <https://doi.org/10.25053/redufor.v10.e14015>
22. Bogéa AF, Nunes IML. Os discursos normativos de gênero configurando masculinidades no espaço escola. *Civitas.* 2022 [cited Feb 22]; 22:1–12. doi:10.15448/1984-7289.2022.1.41072. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2022.1.41072>
23. Kislev N, Saguy T. Parents' aversion to the possibility of having a gay or lesbian child predicts gendered parenting. *PLoS One.* 2025 [cited 2026 Jan 24]; 20(12). DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0338209>

24. Huang Y, Liang J, Huang G, Liu J, Zhu D, Liu J, Hu J. The impact of father-son relationship on suicidal ideation in Chinese gay and bisexual men: the mediating role of masculinity and self-esteem. *BMC Psychol.* 2025 [cited 2026 Feb 12]; 13(1):1387. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40359-025-03709-6>
25. Amaral MM, Bock AMB. Significações de jovens gays ricos e pobres sobre a masculinidade na escola. *Olhares.* 2021 [cited 2026 Feb 25]; 9(2):176–196. Available from: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/11103/8656>
26. Mogano NTH, Letsoalo DL, Oduaran CA. Effects of masculine culture on the mental health of Northern Sotho male youth. *BMC Psychol.* 2025 [cited 2026 Feb 25]; 13(1). DOI: <https://doi.org/10.1186/s40359-025-02934-3>
27. Pedreira AG, Santos AS, Carminati A. Vozes da diversidade: perspectivas sobre a homossexualidade através das experiências pessoais. *Rev Ibero-Am Hum Ciênc Educ.* 2024 [cited 2026 Feb 23]; 10(6):1758-70. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i6.14493>
28. Semi BE. University students' perspectives on sexual orientations. *Athens J Soc Sci.* 2024 [cited 2026 Feb 23]; 11(3):201-220. DOI: <https://doi.org/10.30958/ajss.11-3-4>
29. Gueiro JEC, Brasilino JCB. Educação e masculinidades: a escola como território de (re)produção de sentidos sobre gênero. *Rev Observatorio Econ Latinoam.* 2025 [cited 2026 Jan 27]; 23(4):1-6. DOI: <https://doi.org/10.55905/oelv23n4-174>
30. Albuquerque PP, Souza DAA. “Relembrando os tempos de escola”: A homofobia na perspectiva de estudantes universitários. *Rev Psicol.* 2022 [cited 2026 Jan 14]; 13(1):17-29. Available from: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/64145>
31. Costa MIL, Rocha AP, Jerónimo MAD, Gaspar P, Luz AMB, Moleiro P. Religiousness and sexual behaviors in young. *Braz J Health Rev.* 2023 [cited 2026 Feb 03]; 6(5):22986-99. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv6n5-320>
32. Thelma CC. Cultural factors contributing to gender-based violence in Zambian societies. *World J Adv Res Rev.* 2024 [cited 2026 Feb 16]; 22(2):123-38. DOI: <https://doi.org/10.30574/wjarr.2024.22.2.1368>
33. Santos GSD, Alexandre AKA, Rocha JS, Costa LVP, Sales MGG, Evangelista MLG, *et al.* A representação homoafetiva masculina na mídia contemporânea: Um panorama sobre visibilidade, estereótipo e Impacto Social. *Interference: J Audio Cult.* 2025 [cited 2026 Feb 23]; 11(2):1457-91. DOI: <https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p1457-1491>
34. Denkin BL, Balieiro F de F. Masculinidades e aconselhamento nas mídias digitais: subjetivação e empreendedorismo de si em páginas do Instagram. *Sex, Salud Soc (Rio J).* 2023 [cited 2026 Feb 22]; (39):e22308. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2023.39.e22308.a.pt>
35. Thorpe S, Kuperberg A. Social motivations for college hookups. *Sex Cult.* 2021 [cited 2026 Feb 22]; 25(2):623-45. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12119-020-09786-6>
36. Irigaray HAR, Langerhorst AV, Adorno D. Vida universitária nos cursos de administração: jogos vorazes ou os melhores anos de nossas vidas?. *REAd Rev eletrôn adm (Porto Alegre)* [Internet]. 2021 [cited 2026 Mar 12]; 27(2):375–99. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-2311.318.103971>

5.2 Manuscrito – Expressões das masculinidades nos roteiros interpessoais e intrapsíquicos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos

Expressões das masculinidades nos roteiros interpessoais e intrapsíquicos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos

Sara de Jesus Santos; Aline Vieira Simões

RESUMO

Objetivo: Conhecer os roteiros interpessoais e intrapsíquicos que orientam os comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos e analisar as expressões das masculinidades nos relacionamentos íntimos de jovens universitários. **Método:** Pesquisa qualitativa, descritivo-exploratória, fundamentada na abordagem de narrativas de vida de Daniel Bertaux. Realizaram-se entrevistas individuais abertas com 15 estudantes da área da saúde, de 19 a 29 anos, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, entre abril e julho de 2025. A análise dos dados foi guiada pela abordagem etnossociológica das narrativas e pela Teoria dos Roteiros Sexuais. O estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados:** Os roteiros interpessoais revelaram iniciação sexual precoce, uso de aplicativos e tensões entre desejo casual e busca por intimidade. No plano intrapsíquico, emergiram conflitos relacionados à identidade masculina, dificuldades na expressão de vulnerabilidades e permanência da masculinidade hegemônica, marcada pela ausência de referenciais masculinos dialógicos. **Conclusão:** As narrativas demonstram que a construção das masculinidades ocorre de forma dinâmica, atravessada por conflitos, negociações e resistências aos modelos tradicionais de dominação.

DESCRITORES: Masculinidades; Jovens; Estudantes Universitários; Universidade.

INTRODUÇÃO

A juventude constitui-se como uma construção histórica e sociocultural plural e heterogênea, atravessada por marcadores como classe, raça, gênero, território e valores culturais, não podendo ser compreendida apenas pela idade cronológica, definida no contexto brasileiro entre 15 e 29 anos. Assim, são expressas de múltiplas formas de viver, pensar e se relacionar, articulando experiências individuais a estruturas sociais situadas em contextos históricos específicos ⁽¹⁻²⁾.

Nos processos de socialização, as identidades de gênero são aprendidas e negociadas ao longo da vida, sendo construídas em experiências sociais, culturais e históricas. O gênero é produzido nas interações cotidianas por normas e discursos que orientam comportamentos e expectativas, mas que também podem ser tensionados e transformados ⁽³⁻⁵⁾.

No interior dessas relações de gênero, as masculinidades, podem ser compreendidas como modos de “ser homem”, variando conforme contextos históricos, culturais e sociais. Embora múltiplas formas coexistam, algumas se sobrepõem a outras, evidenciando hierarquias e relações de poder ⁽⁶⁾. Reconhecê-las como plurais exige considerar intersecções de gênero, raça e classe, compreendendo como essas dimensões orientam práticas, relações e modos de viver ^(2,5-6).

Nesse cenário, os jovens universitários constituem um grupo relevante para a compreensão das masculinidades contemporâneas, pois suas experiências afetivo-sexuais são atravessadas por situações de vulnerabilidades ⁽⁷⁾, violência nas relações íntimas ⁽⁸⁻⁹⁾, construções e questionamento das identidades masculinas ⁽¹⁰⁾ e outras condições que tensionam normas de gênero, sendo, portanto, vivências com implicações para a saúde sexual, mental e relacional ^(2,5).

Mesmo com discursos críticos sobre gênero, elementos de masculinidade hegemônica continuam presentes e impactando a forma como os jovens se percebem e se posicionam em relações afetivas ⁽¹¹⁾. Ao mesmo tempo, observam-se tentativas de ruptura simbólica e busca por formas de masculinidade mais alinhadas aos valores individuais e às experiências contemporâneas, evidenciando o caráter dinâmico e tensionado dessas construções ⁽¹²⁾.

Apesar dos avanços, ainda existem lacunas na compreensão das expressões das masculinidades entre universitários, especialmente na articulação entre experiências interpessoais, processos subjetivos e normas de gênero. Para investigar essa questão, o estudo utilizou a Teoria dos Roteiros Sexuais de Gagnon e Simon ⁽¹³⁾, permitindo dar voz às experiências dos jovens universitários mediante a organização de suas vivências afetivo-sexuais.

Diante disso, o objetivo deste estudo é conhecer os roteiros interpessoais e intrapsíquicos que orientam os comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos e analisar as expressões das masculinidades nos relacionamentos íntimos de jovens universitários.

METODOLOGIA

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, de natureza qualitativa. A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar a compreensão de aspectos subjetivos, simbólicos e sociais relacionados às expressões das masculinidades, permitindo acessar significados que não se expressam por dados quantitativos. O caráter descritivo permitiu identificar características dos comportamentos afetivo-sexuais dos participantes, enquanto a vertente exploratória favoreceu a aproximação com um objeto ainda pouco problematizado ⁽¹⁴⁻¹⁵⁾.

Como referencial metodológico, utilizou-se a abordagem das Narrativas de Vida, na perspectiva etnossociológica proposta por Daniel Bertaux, que possibilita compreender as experiências dos sujeitos a partir de seus próprios relatos, valorizando a interpretação que atribuem às suas trajetórias ⁽¹⁶⁾.

Como referencial teórico, adotou-se a Teoria dos Roteiros Sexuais, proposta por Gagnon e Simon, a qual compreende os comportamentos afetivo-sexuais como construções socialmente produzidas e orientadas por normas culturais, interações sociais e dimensões subjetivas. A teoria organiza-se em três níveis interdependentes: os roteiros culturais, relacionados às normas e expectativas socialmente compartilhadas; os

roteiros interpessoais, construídos nas interações e negociações entre os sujeitos; e os roteiros intrapsíquicos, vinculados aos desejos, significados e interpretações subjetivas das experiências vividas ⁽¹³⁾.

A articulação entre esses referenciais possibilitou compreender como os jovens organizam e atribuem sentidos às suas experiências nos relacionamentos íntimos, considerando aspectos subjetivos, culturais e sociais presentes em suas narrativas.

Local

O estudo foi desenvolvido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no campus de Jequié, localizada na região sudoeste da Bahia.

População e critério de seleção

A composição da amostra seguiu os pressupostos da abordagem etnossociológica das Narrativas de Vida, que enfatiza a análise de múltiplas trajetórias como estratégia para apreender a diversidade de experiências sociais. O número de participantes foi definido por saturação teórica, identificada pela reincidência de informações relevantes ao objetivo do estudo, momento em que novas entrevistas deixaram de acrescentar elementos analíticos significativos ⁽¹⁶⁾.

Foram incluídos jovens do sexo masculino, entre 18 e 29 anos, matriculados nos cursos de Enfermagem, Odontologia, Farmácia, Medicina e Fisioterapia. A escolha desses cursos considerou a inserção da pesquisadora na área da saúde, campo marcado por relações e conflitos de gênero, no qual a presença masculina tensiona modelos de masculinidade. Como critério de exclusão, considerou-se a ausência de frequência acadêmica no período da coleta, mesmo com matrícula ativa.

O recrutamento ocorreu após aprovação ética, utilizando-se a *Snowball Technique* “técnica bola de neve” ⁽¹⁷⁾, em virtude da baixa representatividade masculina nos cursos da área da saúde. Participantes iniciais indicaram novos colaboradores até atingir-se a saturação, houve recusa de cinco graduandos e os conseguiram participar evidenciaram dificuldade para agendamento da entrevista devido a carga horaria dos cursos.

Coleta de dados

Inicialmente, os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, sendo apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após os esclarecimentos e resolução de dúvidas, os jovens consentiram voluntariamente sua participação, formalizando-a por meio da assinatura do termo. Em seguida, foi apresentado o instrumento de coleta de dados, composto por um formulário de caracterização sociodemográfica, uma questão norteadora e filtros temáticos, elaborados para orientar a construção das narrativas.

A coleta de dados iniciou-se com o preenchimento do formulário sociodemográfico. Posteriormente, as entrevistas foram iniciadas com a questão norteadora: “Conte-me sobre seus comportamentos nos relacionamentos íntimos”, direcionada por filtros temáticos. Durante o processo, a pesquisadora adotou uma postura de escuta atenta, intervindo apenas quando necessário para esclarecimentos ou aprofundamento das falas, respeitando os pressupostos da metodologia de narrativa de vida.

As entrevistas foram realizadas entre abril e julho de 2025, em espaços reservados no campus universitário, com duração média de 40 minutos, sendo gravadas por meio de dispositivo *smartphone*. Durante a coleta, foi mantido um diário de campo para registro de observações complementares.

Análise e tratamento dos dados

A análise de dados ancora-se na abordagem etnossociológica ⁽¹⁶⁾ e ocorreu de forma simultânea após a realização de cada entrevista. Os dados sociodemográficos subsidiaram a caracterização dos participantes e os registros do diário de campo uma síntese de cada narrativa, incluindo aspectos não verbais.

As entrevistas, foram transcritas integralmente de forma automática pelo gravador do próprio *smaprtrphone* e submetidas a leituras sucessivas, com pequenas correções de digitação, pela pesquisadora.

As etapas sucederam a leitura flutuante para identificação de fragmentos de significado, permitindo codificação de 74 unidades temáticas, que após novas leituras críticas foram recodificadas, resultando em 35 unidades.

Ao final, as mesmas passaram pela fase de síntese, onde foram agrupadas em cinco conjuntos interpretativos das principais dimensões abordadas, e em seguida reunidas em uma categoria analítica central, intitulada de “Normas, interações e dimensões subjetivas dos comportamentos de jovens universitários nos relacionamentos íntimos” e três subcategorias interpretativas, sendo: Normas socioculturais que orientam os comportamentos nos relacionamentos íntimos; Interações dos jovens universitários nas relações afetiva-íntimas e Dimensões subjetivas sobre si, masculinidades e relações íntimas.

Foram considerados os critérios do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ).

Aspectos éticos

O estudo seguiu as Resoluções nº 466/2012 ⁽¹⁸⁾ e nº 510/2016 ⁽¹⁹⁾ sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UESB segundo o Parecer nº 7.434.335 e CAAE: 86663325.0.0000.0055. Para garantir o anonimato, os participantes foram identificados pela letra “P” seguida de numeração sequencial, conforme a ordem das entrevistas.

RESULTADOS

Os resultados deste manuscrito integram a dissertação “Expressões das masculinidades nos comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos”, correspondendo ao recorte analítico da segunda e terceira subcategoria, intitulada “Interações dos jovens universitários nas relações afetivas-íntima” e “Dimensões subjetivas sobre si, masculinidades e relações íntimas”, analisados à luz da Teoria dos Roteiros Sexuais de Gagnon e Simon ⁽¹³⁾.

Embora a teoria articule três níveis de roteiros o cultural, interpessoal e intrapsíquico, este artigo concentra-se nos roteiros interpessoais e intrapsíquicos, como parte de uma estratégia analítica de aprofundamento teórico. Tal recorte permite examinar como normas de gênero são negociadas nas interações íntimas e internalizadas nos processos subjetivos que orientam as vivências afetivo-sexuais dos jovens universitários.

Descrição dos participantes

O estudo contou com 15 jovens universitários, do sexo masculino, com idades entre 19 e 29 anos, distribuídos igualmente entre os cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Odontologia e Medicina, em semestres iniciais e finais da graduação. Quanto à autodeclaração racial, seis se identificaram como pretos, cinco como pardos e quatro como brancos. Em relação à religião, sete declararam-se cristãos, cinco católicos e três não possuíam filiação religiosa. Quanto à orientação sexual, oito se identificaram como heterossexuais, cinco como homossexuais e dois como bissexuais.

A maioria encontrava-se solteira, sendo que um participante relatou união estável. Entre os solteiros, cinco mantinham relacionamentos estáveis, dois vínculos afetivos informais e sete não possuíam parceiros no período da entrevista. Sobre o uso de aplicativos de relacionamento, três relataram utilizar o *Tinder*, três o *Tinder* e *Grindr*, um o *Grindr* e oito não utilizavam essas plataformas.

A análise do diário de campo evidenciou que, apesar de distintos níveis iniciais de inibição, os participantes demonstraram progressivo conforto e abertura durante as entrevistas, reconhecendo o espaço como acolhedor para reflexão e ressignificação de suas vivências.

Interações dos jovens universitários nas relações afetivas-íntimas

As normas interpessoais orientam comportamentos e expectativas nas interações e nos relacionamentos íntimos, influenciando práticas afetivo-sexuais dos jovens universitários. Diferentemente das normas sociais mais amplas, elas operam no plano microsocial, estruturando negociações e assimetrias nas relações ⁽¹³⁾. Nesse plano, as masculinidades expressam-se na incorporação, reprodução ou tensão dessas normas nas práticas afetivas e sexuais, articulando estrutura de gênero e experiências subjetivas ⁽⁵⁾.

As narrativas indicam que o início das experiências afetivo-sexuais ocorreu de forma precoce, com média de idade de 14 anos, frequentemente com pares sem vínculo afetivo, em contextos marcados por assimetrias etárias, curiosidade e desconhecimento sobre práticas sexuais seguras.

Minha primeira relação sexual foi com 16 anos com a mulher mais velha, que não tinha relacionamento nenhum, foi mulher de festa assim, que eu conheci e aconteceu, tinha vontade porque era jovem e queria saber como era. (P 9)

Minhas experiências afetivas e sexuais começaram novo. Eu comecei com 14 anos a ter atitudes sexuais com a empregada da minha vó [risos]. Eu era novo, então não entendia muita coisa. Ela falava algumas coisas e eu ia, todo bobão, porque eu fui perder a maldade mesmo nessa idade de 14 anos. (P 13)

A respeito das primeiras experiências homoafetivas, também ocorreram de forma precoce, em contextos marcados por assimetrias etárias entre os parceiros, considerada a posteriori como pedofilia, o medo de exposição e ausência de espaços considerados seguros para a vivência da sexualidade. Esses episódios geraram sentimentos de medo e constrangimento, além de afastamento ou adiamento dessas vivências.

Eu tinha 13 anos e ele era mais novo um pouco, tinha 12. A gente tentou fazer uma coisa a mais e foi traumatizante. Na hora que a gente ia começar, meu irmão bateu na porta do quarto, eu fiquei com medo de ser pego. Pra eu viver e me permitir ter outro relacionamento com homem demorou, eu já tava com 20 anos e não tinha acontecido ainda. (P 8)

Eu fui ter a minha primeira relação com homem, eu tinha 15 anos. O cara era tipo, uns 10 anos mais velho que eu. Se ele for parar pra ver, é uma pedofilia. O cara tinha 32 anos, por quê? Porque eu sempre busco referências masculinas mais velhas. (P 11)

Foram descritos diferentes tipos de relacionamento, incluindo vínculos afetivos estáveis e relações casuais. Alguns mencionaram a manutenção de encontros recorrentes sem compromisso formal, enquanto outros descreveram experiências sexuais com múltiplos parceiros, sem repetição com a mesma pessoa ou definição clara de vínculo afetivo.

Eu tenho geralmente fixas, uma ou outra, raramente. Tem uma recentemente que eu fico várias vezes, mas são casuais. Enquanto eu não achar uma mulher adequada pra namorar, os relacionamentos casuais que eu tenho, eu busco não progredir com isso. (P 9)

Já fiquei várias vezes na minha vida com homens diferentes. Fiz sexo com homens diferentes, até despertou um sentimentozinho, mas foi frágil. Eu tenho um costume de ficar com uma pessoa e fazer sexo com ela, mas eu não repito com a pessoa. Como eu nunca namorei, pra mim isso é um aspecto complicado de definir, eu não tenho muito elucidado. (P 12)

O uso de aplicativos de relacionamento, como *Tinder* e *Grindr*, apresentou-se como recorrente entre parte dos jovens universitários para a realização de encontros pontuais e manutenção da casualidade. Os relatos expõem a situações de risco físico e emocional, incluindo encontros com pessoas desconhecidas, incongruências entre perfis, além de episódios que suscitaram medo e insegurança durante os encontros.

Eu gosto de usar o tinder, mas é meio complicado, você só arranja pessoa doida. Eu fiquei com a uma menina que me prendeu no porão da casa dela, mas não aconteceu nada, ela só saiu pra tomar banho [risos]. (P 13)

Eu já usei muito o grindr e já teve situações que eu falei assim: “Meu deus, poderia ter morrido”. Um cara que mostrou uma foto, quando fui lá no carro, era uma pessoa diferente, eu senti medo do início ao fim, porque era uma pessoa estranha, desconhecida e eu não consegui sair dali. (P 12)

Apesar das experiências casuais, as narrativas mostram que, nos relacionamentos formais, há valorização da monogamia, com recusa a configurações de poliamor ou relacionamentos abertos. Há preferência por relações exclusivas, visto que alguns jovens associam múltiplos parceiros a ciúmes e conflitos interpessoais.

Meus tipos de racionamento sempre foram monogâmicos, só eu e uma pessoa só. Nunca abri relacionamento, eu não gosto desse tipo de relacionamento. Eu acho que é mais pela questão que não ia prestar e daí ia dar ciúme, dar merda. (P 4)

Eu sou monogâmico, nem vem com negócio de poliamor. Tá repreendido, acho que eu não tinha estrutura mental pra isso. (P 8)

No contexto das relações monogâmicas, há experiências que favorecem a resignificação de concepções sobre masculinidade, com menção à quebra de padrões tradicionais. Entre jovens homossexuais, esses relacionamentos foram descritos como espaços de aprendizado e caracterizados como experiências positivas.

Eu acho que meu relacionamento atual veio muito pra quebrar minha visão do que era ser homem. Eu tinha muito medo de me relacionar, muito pela questão da autoestima, por conta desse padrão do que é ser homem. Minha namorada chegou pra quebrar isso. (P 15)

Meu relacionamento atual, já estou chegando a 11 meses, mas posso dizer que só coisas boas. Tenho aprendido muito com o companheiro, meu companheiro também tem aprendido muito comigo, nada que atrapalhe o nosso relacionamento, e no geral a gente se dá muito bem e saudável. (P1)

Apesar de experiências positivas, as narrativas indicam a ocorrência de situações de violência em interações e relacionamentos informais, incluindo vínculos casuais. Emergiram relatos de controle e ciúmes, bem como episódios de violência sexual reconhecidos apenas posteriormente.

Eu tive uma relação, que não chegou a ser um relacionamento sério, mas que nesta fase foi marcada por muito controle da parte da pessoa, muitos ciúmes e controle que acabou fazendo com que eu distanciasse da pessoa. (P 6)

Eu pedia pra parar e a pessoa não escutava, que pra mim hoje, enxergando friamente, é um estupro, porque eu não tava gostando. Mas, eu continuava, porque não queriam parar, então eu não tinha essa voz, pra mim eu era só um corpo que tava ali pra ser usado. (P 7)

Mesmo quando há reconhecimento de situações de violência, determinados comportamentos tendem a ser relativizados e naturalizados nas relações afetivas. Foram mencionadas atitudes como falar alto, xingar e ciúmes como práticas consideradas comuns ou inerentes aos relacionamentos.

Não teve nenhum momento de agressão ou nada disso. Falar alto e xingar acontece com todo casal. (P 9)

Ciúmes eu acho que deve ter aquele ciúme saudável, de afeto. Quando você demonstra interesse pelo seu parceiro, mas não aquele ciúme muito tóxico, mas ciúme de demonstrar cuidado, ciúmes bons. (P 6)

Dimensões subjetivas sobre si, masculinidades e relações íntimas

À luz dos roteiros intrapsíquicos, as experiências afetivo-sexuais dos jovens universitários revelam processos subjetivos de atribuição de sentidos, elaboração de expectativas e compreensão de si nos relacionamentos íntimos. Nesse nível, normas socioculturais são internalizadas e ressignificadas, orientando escolhas e formas de vinculação ⁽¹³⁾. As masculinidades configuram-se, assim, como construções subjetivas atravessadas por expectativas de desempenho, controle emocional e reconhecimento, influenciando a sexualidade e a identidade dos jovens ⁽⁵⁾.

As narrativas indicam que as vivências de universitários, especialmente homossexuais e bissexuais, envolveram processos de reconhecimento e aceitação de si, bem como questionamentos sobre identidade de gênero e orientação sexual, com relatos de reflexão, compreensão da própria sexualidade e construção de maior segurança identitária.

Depois do entendimento que a bissexualidade não era um problema, que eu não poderia me sentir envergonhado, por conta de ser quem eu sou, por conta de eu senti atração por quem eu sinto, diversas áreas se abriram, pude entender a comunidade em que eu estava inserido, pude entender as relações. (P 1)

Falei: “Calma aí, eu tenho que pensar se de fato eu nasci assim ou em algum momento da vida escolhi ser assim”. Então me fez questionar se de fato eu gostava de me relacionar com homens ou não. Hoje eu sou mais seguro com a minha sexualidade, entendo que eu nasci assim, é isso que eu quero. (P 11)

Em continuidade aos processos de reconhecimento e construção identitária, as narrativas evidenciam que os jovens têm dificuldades na expressão de emoções, sentimentos e vulnerabilidades, com menção a estratégias de gestão emocional baseadas em isolamento e repressão afetiva, incluindo dificuldades para lidar com ciúmes, choro e comunicação emocional nas relações interpessoais.

Quando eu tinha problemas, me fechava, isso deixava ela [namorada] mal. Isso já acarretou brigas e até discussões, porque a forma como eu lido com sentimentos é me isolando. (P 3)

Eu não consigo lidar com ciúmes porque, esse negócio de sentimento é um pouco complicado. Às vezes eu sou uma pessoa muito fria, reprimo muitas vezes minhas emoções, chorar eu não consigo. Desde novo eu sou uma pessoa muito fechada. (P 13)

De modo articulado a essas dificuldades, observa-se que a percepção de si como homem por alguns acadêmicos esteve vinculada a estratégias de imposição, controle e autoritarismo, além da valorização de

atributos corporais e simbólicos, como branquitude e status acadêmico, mobilizados como recursos para obtenção de respeito, reconhecimento social e aceitação nas relações afetivas.

Eu sou um homem gay, tenho um jeito um pouco bruto. Pra ter respeito eu entendi que eu tinha que gritar, que mandar, ser autoritário, porque isso pra mim é ser homem, é estar no controle, é ter poder. (P 11)

Por eu ter um aspecto assim branco, com aparência meio playbozinho, acaba sendo um aspecto que para muitas mulheres seria o ideal. Eu acho que o curso interfere muito na aceitação das mulheres. (P 9)

As narrativas também indicaram a valorização de comportamentos masculinos associados à provisão, cuidado e proteção, vinculados à expectativa de oferta de segurança emocional e financeira nas relações afetivas.

Eu creio que seja interessante o cara prover mais entendeu ?! Levar pra jantar, pagar as contas. Eu acredito que seja interessante e essas outras questões de cavalheirismo. (P 2)

Dentro do relacionamento o homem deve dar segurança pra mulher, no sentido de afetividade. Se for no caso de um casamento também, no requisito financeiro, no sentido de dar uma segurança, uma proteção. (P 14)

De modo complementar, as narrativas também indicaram comportamentos masculinos considerados inadequados, associados a formas de violência física e psicológica, incluindo práticas de controle, autoritarismo e dominação nas relações afetivas. Esses comportamentos foram descritos como incompatíveis com concepções de masculinidade consideradas aceitáveis pelos jovens.

Os homens que agredem as esposas é algo que me dá raiva, é algo que revolta. Uma pessoa que tem esse tipo de atitude, eu já nem julgo tanto como ser um homem. (P 4)

Um relacionamento em que o homem queira comandar, mandar na mulher, controlar os sentimentos, as vestimentas da mulher, os horários. Então o patriarcal seria o comando do homem, como o centro da relação, mas da maneira que não é saudável, que eu considero. (P 10)

Nesse processo, houve questionamentos sobre referências de masculinidades, sobretudo entre jovens homossexuais e bissexuais, com críticas a modelos tradicionais e menção à ausência de referências consideradas seguras ou desejáveis.

Eu não tenho um modelo de masculinidade, do que é ser homem, que eu olhe e que seja real, que eu me espelhe. Eu sinto que tenho a necessidade de criar um modelo novo de masculinidade, mas que nem eu conheço porque não me foi apresentado, me causa muito medo. (P 7)

Esse padrão de homem heterotop, não é isso que eu enxergo como masculinidade não. É uma masculinidade completamente frágil, onde se tem essa repulsa pela cor rosa, principalmente na questão política de que “o homem de direita que é o defensor da família, do agro. (P 15)

DISCUSSÃO

O início das experiências afetivo-sexuais de jovens universitários revela uma trajetória heterogênea, marcada por vulnerabilidades como idade precoce, ausência de vínculo afetivo e conhecimento limitado sobre práticas seguras. Essas condições, evidenciadas nas narrativas de iniciação precoce, assimetrias etárias e medo de exposição, refletem como a curiosidade e a associação da sexualidade à virilidade moldaram a significação dessas experiências, reforçando a necessidade de abordagens educativas e preventivas.

Esse cenário de vulnerabilidade se aproxima da literatura, a qual indica que a iniciação sexual masculina brasileira ocorre, em média, aos 13 anos, permeada por transformações corporais e pressões normativas, gerando conflitos subjetivos e fragilidades afetivas ⁽²⁰⁾. Em convergência, um estudo evidenciou que a iniciou sexual esteve entre os 12-16 anos, podendo ser associado a influências socioculturais, que estimula a precocidade. Apesar de não existir um consenso sobre a idade ideal, leva-se em consideração a vulnerabilidade para comportamentos de risco ⁽⁷⁾.

No caso de jovens homossexuais e bissexuais, essas experiências também foram precoces, mas atravessadas por silenciamento e medo de exposição, refletindo vigilância familiar e adiamento de vivências homoafetivas. Essa situação evidencia a persistência de estruturas cisheteronormativas, que dificultam o reconhecimento de si e a expressão da sexualidade, e aumenta a pressão para desempenho sexual associado à masculinidade hegemônica ^(6,20).

A partir dessas experiências iniciais, percebe-se que as relações casuais ganham relevância nas trajetórias afetivo-sexuais dos jovens universitários. Estudos evidenciam esses comportamentos aos riscos associados a múltiplas parcerias e maior experiência sexual ^(7,22), articulando ausência de vínculos afetivos, autonomia, prazer e flexibilidade dos vínculos. Esses achados dialogam com transformações contemporâneas na intimidade, marcadas por práticas não institucionalizadas e negociação de expectativas entre parceiros ⁽²²⁾.

Dentro desse contexto, o uso de aplicativos de relacionamento por acadêmicos, como *Tinder* e *Grindr*, emerge nas narrativas como facilitadores dessas interações afetivas-íntimas, oferecendo espaços de socialização e experimentação sexual. Essas práticas podem ampliar comportamentos impulsivos e práticas de risco, tanto para heteros quanto para LGBTs, como múltiplos parceiros, baixa adesão ao uso de preservativos e consumo de substâncias, aumentando vulnerabilidades físicas e emocionais ⁽²³⁻²⁴⁾.

Apesar da ampliação das práticas não monogâmicas no Brasil, a monogamia ainda permanece como modelo dominante entre os jovens universitários, associada a exclusividade e fidelidade. Os achados indicam que os jovens ainda priorizam relações monogâmicas, mesmo em meio a experiências casuais, reforçando a influência de normas sociais e culturais na regulação dos comportamentos íntimos ⁽⁹⁾. Essas transformações coexistem com valores tradicionais, sugerindo que os jovens transitam entre referenciais normativos herdados e novas formas de viver os vínculos afetivo-sexuais ⁽²²⁾.

No entanto, mesmo em experiências descritas como saudáveis, a violência em relações casuais se manifesta por meio de assimetrias de poder, controle e objetificação do corpo, sendo a violência psicológica mais recorrente e a coerção sexual frequentemente naturalizadas ^(9,25). O conceito de Violência nas Relações

de Intimidade (VRI) ou Violência por Parceiro Íntimo (VPI) amplia essa compreensão ao abranger práticas ou ameaças de violência em relações íntimas, independentemente da orientação sexual ⁽²⁵⁻²⁷⁾.

A fluidez dos vínculos afetivo-sexuais contemporâneos, frequentemente marcados pela ausência de continuidade e compromisso, pode favorecer a ocorrência de diferentes formas de violência nos relacionamentos ⁽²⁶⁾. Apesar do reconhecimento de algumas práticas como situações violentas, observa-se que outras vivências de violência são naturalizadas, essa condição se articula principalmente à dificuldade em reconhecer práticas abusivas, que atravessam diversas modalidades relacionais e muitas vezes se manifestam de forma sutil ^(9,25,27).

Apesar de não ser evidenciado nas narrativas sobre as consequências diretas dessas situações de violência nas relações, estudos apontam que tais manifestações transcendem o que é meramente visível ou tangível. A complexidade desse fenômeno reside na sua expressão em dimensões físicas, psicológicas, sociais e acadêmicas, o que dificulta a interpretação dos envolvidos sobre a vivência e a perpetração das situações de violência nas relações íntimas de jovens universitários ⁽⁸⁾.

Além das dimensões relacionais que envolve desde as interações das primeiras relações as vivências das relações no âmbito acadêmico, os resultados evidenciam processos subjetivos na construção das masculinidades, marcados por diferentes referenciais que influenciam expectativas, práticas e significados atribuídos às relações íntimas.

Nas experiências de jovens homossexuais e bissexuais, esse percurso envolve o reconhecimento de si, questionamentos sobre orientação sexual, processos de autoaceitação, evidenciando a influência das normas de gênero na legitimidade atribuída às identidades não heterossexuais. Nesse contexto, o debate sobre gênero e sexualidade aparece como relevante entre universitários, considerando que essa fase é marcada por processos de construção da subjetividade, da sexualidade e do posicionamento social ⁽²⁸⁾.

Assim, tais processos identitários também se manifestam na gestão emocional masculina, marcada por autocontrole emocional e repressão afetiva, o que futuramente pode impactar não apenas as relações íntimas e a resolução de conflitos, mas a saúde mental. Em consonância, um estudo com universitários africanos evidencia que homens são socializados a não expressar tristeza ou vulnerabilidade e a evitar buscar ajuda, por receio de serem percebidos como fracos ⁽²⁹⁾.

Em diferentes situações, esses achados indicam que normas de gênero rígidas produzem silenciamento emocional, dificultando a comunicação e a construção de vínculos afetivos. Estudos internacionais sugerem que essa restrição expressiva pode intensificar o sofrimento psíquico, manifestando-se por formas não tradicionais de depressão, como raiva, isolamento, uso de substâncias, sentimentos de fracasso e vergonha, dificultando o reconhecimento e a identificação clínica do sofrimento masculino ⁽³⁰⁾.

Os jovens P 11 e P 9, associaram comportamentos masculinos a poder, autoridade e reconhecimento social, alinhando-se a atributos vinculados ao modelo hegemônico, como força, controle, competitividade e heterossexualidade normativa ⁽⁵⁾. Esses elementos refletem a persistência de valores tradicionais, ainda

amplamente reproduzidos na sociedade brasileira, mesmo entre jovens com maior escolarização e acesso a discursos críticos sobre gênero ⁽¹⁰⁾. Fenômenos contemporâneos, como o movimento “*red pill*”, evidenciam a reatualização desses ideais em espaços digitais, reforçando estereótipos de virilidade, honra e dominação ⁽¹¹⁾.

Por outro lado, alguns participantes ressignificaram atributos tradicionalmente associados à masculinidade hegemônica, como provisão e responsabilidade, atribuindo-lhes sentidos afetivos e relacionais. Embora esses comportamentos remetam ao ideal do homem provedor e protetor, os jovens expressaram rejeição às práticas de violência e controle sobre as mulheres, evidenciando tensões entre permanências normativas e tentativas de construção de masculinidades mais equitativas ⁽¹⁰⁾.

Nesse processo, observa-se uma tensão entre a reprodução de padrões tradicionais e a busca por formas de masculinidade alinhadas às experiências e trajetórias pessoais. Essa ambivalência indica tentativas de ruptura simbólica e a construção de masculinidades críticas, capazes de questionar hierarquias de gênero e promover reconfigurações subjetivas da identidade masculina.

Mesmo diante da pluralização das masculinidades, a hegemonia de estereótipos tradicionais ainda gera insegurança e conflitos identitários entre jovens que não se enquadram no modelo dominante ⁽¹⁰⁾. Nesse sentido, os relatos evidenciam tanto a internalização de normas hegemônicas quanto tentativas de ruptura simbólica, mostrando que a construção das masculinidades é um processo dinâmico, atravessado por pressões sociais, expectativas normativas e experiências subjetivas ⁽¹²⁾.

Os resultados mostram que os roteiros interpessoais e intrapsíquicos se articulam na construção das masculinidades, revelando tensões entre normas hegemônicas, experiências relacionais e buscas por formas de masculinidade mais alinhadas às trajetórias individuais. A amostra, limitada a cursos da área da saúde e a uma instituição pública, e a ausência de narrativas sobre raça, paternidade, deficiência ou identidades trans, restringem a generalização e a compreensão de masculinidades em contextos mais plurais.

Nesse contexto, a Enfermagem assume papel estratégico na promoção da saúde integral de jovens universitários, articulando atenção, educação em saúde e políticas de prevenção, especialmente na saúde sexual e reprodutiva. As intervenções podem incluir promoção de reflexões críticas sobre masculinidades, incentivo à expressão emocional, mediação de espaços de acolhimento e prevenção da violência interpessoal, fortalecendo a promoção de masculinidades saudáveis, equitativas e a redução de desigualdades no campo da saúde.

CONCLUSÃO

A análise das expressões de masculinidade nos roteiros interpessoais e intrapsíquicos mostrou como jovens universitários constroem sentidos sobre afetividade, sexualidade e intimidade, evidenciando a articulação entre normas de gênero e processos subjetivos de elaboração de si. Essas construções não são

homogêneas nem lineares, atravessadas por tensões entre modelos hegemônicos, experiências relacionais e reflexões críticas sobre o que significa “ser homem” nos vínculos afetivo-sexuais.

No plano interpessoal, normas relacionais e modelos tradicionais de masculinidade continuam a orientar práticas e expectativas, influenciando escolhas entre relações estáveis e casuais e a naturalização de vulnerabilidades e violência. Ao mesmo tempo, os relacionamentos podem funcionar como espaços de negociação e ressignificação, nos quais diálogo, cuidado e reconhecimento mútuo tensionam padrões rígidos de gênero.

No âmbito intrapsíquico, os jovens reelaboram referências sociais em narrativas subjetivas que orientam autoimagem, gestão emocional e expectativas relacionais. As masculinidades são internalizadas de forma ambígua, associando poder, provisão e controle a críticas e questionamentos, especialmente entre jovens homossexuais e bissexuais, em contextos marcados por heteronormatividade e ausência de modelos legitimados.

De forma geral, os roteiros interpessoais e intrapsíquicos atuam de maneira articulada na produção, reprodução e ressignificação das masculinidades, evidenciando a complexidade da subjetivação masculina na juventude universitária. O estudo reforça a importância de estratégias educativas e espaços reflexivos na Enfermagem para promover relações mais conscientes, seguras e equitativas.

REFERÊNCIAS

1. Capulo S, Maldonado L, Silva Junior GM. Juventudes, a universidade é para todos? A importância do engagement estudantil no ensino superior, aspectos da realidade para a não evasão. *Observatório de la Economía Latinoamericana*. 2024;22(7):e5761. doi: <https://doi.org/10.55905/oelv22n7-134>
2. Bonai D, Severo RCBS. Juventudes e masculinidades gays: revisitando alguns estudos. *Rev Diversidade Educ*. 2025;12(2):317–43. doi: <https://doi.org/10.14295/de.v12i2.17974>
3. Butler J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2018.
4. Fagundes TCPC. Masculinidades saudáveis x masculinidades tóxicas. *Rev Bras Sexualidade Humana*. 2023; 34:1–9. doi: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v34.1076>
5. Connell RW. Masculinidades. 2nd ed. Cambridge: Polity Press, 2005.
6. Valério A, Castro DP, Florêncio T. Reflexões sobre masculinidades. *Rev Perspectivas*. 2022; 1-6. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/834/402>
7. Peixoto HA, Spindola T, Melo LD, Fonte VR, Barros LM, Arreguy-Sena C. Jovens universitários e a vulnerabilidade masculina às infecções sexualmente transmissíveis. *Enferm Foco*. 2024;15:e-202432. doi: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2024.v15.e-202432>
8. Guerrero Ramirez AM, Ramirez Chavarría, Y, Rodríguez Bonilla, MC, Rojas, DM. Manifestaciones de la violencia en el noviazgo: una revisión integrativa. *Rev Enferm Actual Costa Rica*. 2022;(42):104-124. Disponível em: <https://www.scielo.sa.cr/pdf/enfermeria/n42/1409-4568-enfermeria-42-104.pdf>
9. Sardinha SSF. Relacionamentos abusivos. *Rev Ciênc Jurídicas Soc Aplicadas*. 2023;6(1):14–35. Disponível em: https://uninet.com.br/wp-content/uploads/Ciencia-Juridicas-Sociais-Aplicadas-Jan_Jun_2023.pdf#page=15
10. Santos F, Mota, CP, Silva, JLL, Messias, CM, Mouta, RJO, Pereira, AV. Entre mitos e verdades: representação da masculinidade. *Tempus Actas Saúde Coletiva*. 2024;14(4):216–34. Disponível em: <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/2723/2524>

11. Cardoso FA, Amorim MA, Sulz JA. “Crise da masculinidade”: retóricas da ofensiva antigênero e o antifeminismo de Estado. *Rev FAEEBA*. 2023;32(72):97–115. doi: <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2023.v32.n72.p97-115>
12. Peña-Axt JC, Arias-Lagos L, Sáez-Ardura F. Masculinidades tradicionais en las universidades chilenas: manifestaciones y afirmaciones en contextos académicos. *Multidisciplinary J Gender Stud*. 2022;11(2):172–99. doi: <https://doi.org/10.17583/generos.8569>
13. Gagnon JH, Simon W. *Sexual conduct: the social sources of human sexuality*. New Jersey: Aldine Transaction, 1973.
14. Cordeiro FNCS, Cordeiro HP, Duarte Pinto LOA, Sefer CCI, Santos-Lobato EV, Mendonça LT de, *et al*. Estudos descritivos exploratórios qualitativos: um estudo bibliométrico. *Brazilian Journal of Health Review*. 2023;6(3):11670-11681. doi: <https://doi.org/10.34119/bjhrv6n3-259>
15. Minayo, MCS. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Cien Saúde Colet*. 2011;17(3). Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/analise-qualitativa-teoria-passos-e-fidedignidade/8357?id=8357>
16. Bertaux D. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. São Paulo: Paulus; 2010.
17. Bockorni, BRS.; Gomes AF. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*. 2021;22(1):105-17. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/empresarial/article/view/8346/4111>
18. Brasil. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2012. [citado em 2026 FEV 05]. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>
19. Brasil. Ministério da Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2016. [citado em 2026 FEV 05]. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf>
20. Araújo WJS, Bragagnollo GR, Galvão DLS, Brandão Neto W, Camargo RAA, Monteiro EMLM. Male adolescents' early sexual initiation. *Texto Contexto Enferm*. 2023;32:e20220285. doi: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2022-0285en>
21. Melo LD de, Spindola T, Arreguy-Sena C, Krempser P, Brandão J de L, Costa CMA, *et al*. Sexual behavior according to undergraduate students. *Rev Bras Enferm*. 2023;76(6):e20220786. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0786>
22. Risk EN, Piran M, Abadio de Oliveira W, Antônio dos Santos M. Relações afetivo-sexuais: Concepções e Representações de Jovens Universitários de Classes Médias. *Psico*. 2023;54(1):e39108. doi: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39108>
23. Tavares MKB, Melo RLP de, Evangelista DR, Silva JBNF. Educação sexual e vulnerabilidade de usuários de aplicativos, comparações a partir da orientação sexual. *Acta paul enferm*. 2022;35:eAPE01397. doi: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO01397>
24. Brasil MHF, Queiroz VC de, Dantas ARA, Santos J da S, Silva BE da, Ferreira GRON, *et al*. Uso de aplicativos de relacionamento entre universitários: estudo de método misto. *Rev. enferm. UERJ*. 2025;33(1):e85803. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/85803>
25. Matta TF, Taquette SR, Rodrigues NCP. Percepção de jovens LGBT sobre violência. *Rev Bras Est Homocultura*. 2022;5(17):201–23. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/14347/11743>
26. Souza GKO de, Carvalho RC de, Souza S de L, Lima J dos S, Almeida VRS de, Nery G da S. Violência nas relações de intimidade entre jovens universitários: reflexões teóricas à luz da análise bioecológica. *Ciênc saúde coletiva*. 2025;30:e05642024. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-812320242911.05642024>
27. Melo RA, Almeida TKP, Fernandes FECV. Violência no namoro. *Rev Ibero-Am Est Educ*. 2022;17(3):1641–58. doi: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i3.15482>
28. Cano MT, Brancaleoni APL. Gênero e sexualidade. *Rev Ibero-Am Est Educ*. 2022;17(2):1181–96. doi: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i2.14662>

29. Sikweyiya Y, Mahlangu P, Jewkes R, Brooke-Summer C, Gibbs A, Dartnall E, *et al.* Help-seeking avoidance among college men. BMC Public Health. 2025;25:1091. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s12889-025-22252-y>
30. Noel JK, Morais MA, Nosal AG, Gately KA, Ramsland Short K, Rosenthal SR. Measuring Restrictive Masculinity: Development and Implementation Within University Students. Social Sciences. 2025; 14(2):106. doi: <https://doi.org/10.3390/socsci14020106>

6. Conclusão

A articulação entre o método das Narrativas de Vida e a Teoria dos Roteiros Sexuais permitiu compreender que as masculinidades entre jovens universitários não são categorias estáticas, mas processos em construção marcados por profundas contradições. A pesquisa evidencia que o comportamento desses jovens nos relacionamentos íntimos é o resultado de conflitos constantes entre os modelos herdados e as tentativas individuais de criar novas formas de afeto.

Os resultados demonstram que o cenário atual é de uma verdadeira crise das masculinidades. No plano dos roteiros socioculturais, instâncias como a família e a religião ainda impõem padrões rígidos, mas o ambiente universitário surge como um espaço que gera reflexão ao encarar o esgotamento desses modelos. Ficou evidente que muitos jovens vivem um embate interno: reconhecem a necessidade de romper com a masculinidade padrão, mas ainda enfrentam o peso do controle social e do conservadorismo presente do território.

A análise dos roteiros interpessoais e intrapsíquicos aprofundou essa percepção ao revelar como esses conflitos se traduzem em práticas de cuidado e gestão emocional. Os relacionamentos íntimos funcionam como o principal palco de disputa, onde o desejo por vínculos baseados no diálogo e na equidade colide com resquícios de dominação e vulnerabilidade. Essa ruptura com o padrão hegemônico não ocorre de forma linear; ela gera inseguranças e tensões subjetivas, especialmente entre jovens homossexuais e bissexuais, que precisam subverter roteiros heteronormativos para validar suas próprias existências.

Um ponto determinante desta investigação é que o ingresso no ensino superior funciona como um divisor de águas nas trajetórias masculinas. A universidade, ao promover o contato com a diversidade e com novos referenciais teóricos e sociais, coloca em xeque as certezas trazidas do ambiente familiar. Esse deslocamento provoca uma reavaliação dos modos de viver a intimidade, sinalizando que a construção de identidades masculinas mais saudáveis depende diretamente da capacidade do jovem de questionar as expectativas de controle e poder que lhe foram ensinadas.

Por fim, a dissertação reforça que a universidade deve ser reconhecida como um território estratégico para o enfrentamento das desigualdades de gênero. Conclui-se que as instituições de ensino e as políticas voltadas à juventude precisam fomentar espaços que acolham essas crises e facilitem o rompimento com modelos tóxicos. Somente através da reflexão crítica e do apoio institucional será possível consolidar masculinidades que priorizem

a autonomia, o respeito e a saúde emocional, transformando as relações íntimas em espaços de real transformação social.

Embora os achados ofereçam uma compreensão aprofundada sobre as crises e rupturas nas masculinidades contemporâneas, o estudo apresenta limitações que devem ser ponderadas. A amostra, restrita a discentes de uma única instituição pública no interior da Bahia e concentrada em cursos de uma área específica, recorta um perfil universitário que goza de certas mediações teóricas e sociais.

Além disso, a ausência de narrativas que aprofundassem marcadores como raça/etnia, deficiência, paternidade e identidades trans limita a compreensão de como esses atravessamentos podem intensificar ou diversificar os conflitos com a masculinidade padrão. Tais lacunas indicam que os deslocamentos aqui observados refletem um estrato específico da juventude, sugerindo a necessidade de investigações futuras que contemplem maior interseccionalidade e diversidade de cenários institucionais.

Referências

- ABREU, T. de O. **Representações sociais de jovens universitários sobre infecções sexualmente transmissíveis e sua relação com as práticas de prevenção**. 2021. 101 f. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Enfermagem, 2021.
- ALMEIDA, I. *et al.* Gendered perspectives on intimate partner violence: a comparative study of general population, students and professionals' beliefs. **Social Sciences**, v. 12, n. 9, p. 528, 2023. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-0760/12/9/528>
- ALMEIDA, E. L. de; CARVALHO, M. E. P. de. Elementos centrais e periféricos da representação social de masculinidade de estudantes do interior de Pernambuco. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 247–272, 2022. DOI: <https://doi.org/10.14393/CEF-v35n1-2022-13>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/67112>.
- ALSAWALQA, R. O.; ALRAWASHDEH, M. N. The role of patriarchal structure and gender stereotypes in cyber dating abuse: a qualitative examination of male perpetrators' experiences. **The British Journal of Sociology**, v. 73, n. 3, p. 587–606, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1111/1468-4446.12946>
- AMARAL, M. M.; BOCK, A. M. B. Significações de jovens gays ricos e pobres sobre a masculinidade na escola. **Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, v. 9, n. 2, p. 176–196, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34024/olhares.2021.v9.11103>.
- ARAÚJO, W. C. O. Recuperação da informação em saúde: construção, modelos e estratégias. **Revista Convergências em Ciência da Informação**, Aracaju, v. 3, n. 2, p. 100–134, 2020.
- ARENT, M. Gênero, desejo e erotismo: um caso de comparação entre “clubes de mulheres” em Buenos Aires e no Rio de Janeiro. **Cuadernos de Antropología Social**, v. 34, p. 69–92, 2011.
- ASSUNÇÃO E SILVA, J. H. C.; TILIO, R. Análise do discurso sobre sexualidade de jovens em relacionamentos estáveis e não estáveis. **Psicologia Argumento**, v. 40, n. 108, 2022. DOI: <https://doi.org/10.7213/psicolargum40.108.AO09>
- BAPTISTA, R. F. A representação das masculinidades no livro didático da educação de jovens e adultos. **Educação: Teoria e Prática**, v. 30, n. 63, p. 1–18, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18675/1981-8106.v30.n.63.s13460>. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/13460>
- BARÃO, M. *et al.* **Atlas das juventudes: evidências para a transformação das juventudes**. Rio de Janeiro: Instituto Veredas, 2021. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2021/11/ATLAS-DAS-JUVENTUDES-2021-COMPLETO.pdf>
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. 2. ed. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. São Paulo: Paulus, 2010.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105–117, 2021. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/empresarial/article/view/8346/4111>

BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Consulta pública**: Caderno de Atenção Básica de Saúde dos Homens recebe contribuições até 16 de outubro. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2025/setembro/consulta-publica-caderno-de-atencao-basica-de-saude-dos-homens-recebe-contribuicoes-ate-16-de-outubro>

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens. Brasília, 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.944, de 27 de agosto de 2009**. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1944_27_08_2009.html.

BRASIL. Tribunal de Contas da União (TCU). **Revisão de políticas públicas para equidade de gênero e direitos das mulheres**. Brasília: Tribunal de Contas da União, 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANO, M. T.; BRANCALEONI, A. P. L. Gênero e sexualidade. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 2, p. 1181–1196, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i2.14662>.

CARDOSO, A. R.; ZIMMERMANN, T. R. Reflexões sobre masculinidade e gênero: expressões em grafitos escolares. **Revista Crítica Histórica**, v. 12, n. 24, p. 328–348, 2021. DOI: <https://doi.org/10.28998/rchv12n24.2021.0014>.

CARVALHAES, R. de S.; CÁRDENAS, C. M. M. “Namorar é só sofrência”: violências na relação afetivo-sexual de adolescentes de uma escola na região Costa Verde, Rio de Janeiro,

Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 7, p. 2719–2728, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.09242021>

CASTRO JÚNIOR, A. R. *et al.* Análise de conceito sobre juventudes: compreensão da pluralidade dos sujeitos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 77, n. 4, p. 1–11, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/YKxTytr9rcmQNXbBHVNYmrS/?format=pdf&lang=pt>

CONNELL, R. W. **Masculinidades**. 2. ed. Cambridge: Polity Press, 2005.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**, v. 19, n. 6, p. 829–859, dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1177/0891243205278639>

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Cofen delibera criação de Grupo de Trabalho em Enfermagem na Saúde do Homem**. Brasília, 30 set. 2025. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/cofen-delibera-criacao-de-grupo-de-trabalho-em-enfermagem-na-saude-do-homem/>

CORTEZ, C. M. **Acesso e permanência da população negra no ensino superior público: enfrentamentos necessários na Unesp de Rio Claro**. 2022. 188 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/0a87f20d-0fe5-48b0-9c1b-564cc95f5319/content>

COSTA, L. L. V. *et al.* Gênero e violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes. **Interação em Psicologia**, v. 27, n. 3, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5380/riep.v27i3.87183>

FERRARI, W. *et al.* Violências nas trajetórias afetivo-sexuais de jovens gays: “novas” configurações e “velhos” desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 7, p. 2729–2738, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.07252021>

FRANCO, B. E.; PARRA, J. A. C. Masculinity in universities: state of the art. **Masculinities and Social Change**, v. 10, n. 1, p. 77–108, 2021. DOI: <https://doi.org/10.17583/MCS.2021.5487>

FRANCO, B. E. C.; PARRA, J. A. C.; ZAPATA, I. C. P. Las masculinidades vivenciadas en un grupo de estudiantes universitarios varones del sur occidente colombiano. **Revista Ártemis**, v. 36, n. 1, p. 232–256, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2023v36n1.66454>

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GAGNON, J. H.; SIMON, W. **Sexual conduct: the social sources of human sexuality**. New Jersey: Aldine Transaction, 1973.

GAGNON, J. H.; SIMON, W. Sexual scripts. **Society**, v. 23, n. 6, p. 53–60, 1984.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GLUTTER, F. S. *et al.* Representação da masculinidade de homens acadêmicos e sua implicação para o campo da saúde. **Nursing (Edição Brasileira)**, v. 24, n. 273, p. 5311–5324, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36489/nursing.2021v24i273p5311-5324>.

GUIMARÃES, J. “Abriu minha mente”: transitando entre a infância e a adolescência. **Etnográfica**, v. 27, n. 2, p. 341–364, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.13629>.

HALL, C. D. *et al.* Actives, passives and power: heteronormative gender norms and their implications for intimate partner violence among men who have sex with men in Tajikistan. **Culture, Health & Sexuality**, v. 22, n. 6, p. 630–645, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13691058.2019.1623913>

HUANG, Y. *et al.* The impact of father-son relationship on suicidal ideation in Chinese gay and bisexual men: the mediating role of masculinity and self-esteem. **BMC Psychology**, v. 13, n. 1, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40359-025-03709-6>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: população por idade e sexo. Rio de Janeiro, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e Estados**: Jequié. Rio de Janeiro, 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da Educação Superior 2023**: notas estatísticas. Brasília: Inep, 2024

KHUMALO, S. *et al.* Intersections between masculinities and sexual behaviors among young men at the University of KwaZulu-Natal, South Africa. **SAGE Open**, v. 11, n. 3, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/21582440211040114>

LANTIERE, A. E. *et al.* Men’s involvement in sexual and reproductive health care and decision making in the Philippines: a systematic review. **American Journal of Men's Health**, v. 16, n. 4, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/15579883221106052>

LOPES, M. N.; RIBEIRO, P. R. C.; VARGAS, J. R. Temos nossas cores, nossas forças e nossa arte: um olhar para masculinidades juvenis contemporâneas visibilizadas em seis vídeos de rock e rap. **Diversidade e Educação**, v. 12, n. 1, p. 498-523, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v12i1.17365>

MAIA, J. M. *et al.* Who are the students enrolled in a federal public university? **Research, Society and Development**, v. 11, n. 1, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/24169>

MARINHO, D. F. S. *et al.* Sexuality and influential aspects from the perspective of university students. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, e16101220071, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i12.20071>

MELLO, L. D. *et al.* Sexual behavior according to undergraduate students: cross-cultural nursing and intersectional framing. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 76, n. 6, e20220786, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0786>

MENDES, C. **Fluxograma PRISMA para revisão integrativa**. 2022. Disponível em: <https://camilamendes.com.br/fluxograma-prisma-para-revisao-integrativa/>

MENDONÇA, F. V. K. M.; DINIZ, M.; MAIA, M. R. Gênero e sexualidades no contexto da universidade pública: estudo de caso do Projeto Vidas – UFOP. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 7, e021027, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8659104/22710>

MENDOZA, A. L. R. *et al.* Representaciones sociales de la masculinidad sobre la violencia hacia las mujeres en universitarios. *Revista Punto Género*, n. 21, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5354/2735-7473.2024.75172>

MENEZES, V. M. O. de; SANTOS, R. S. dos. Juventude, educação e trabalho no Brasil (2012-2022). **Tempo Social**, v. 35, n. 3, p. 137-160, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2023.215306>.

MGOPA, L. R. *et al.* Cultural and clinical challenges in sexual health care provision to men who have sex with men in Tanzania. **BMC Public Health**, v. 21, 713, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-021-10696-x>

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2014.

MONTEIRO, R. R. R.. **Vulnerabilidades vividas por jovens universitárias em suas relações afetivas íntimas**. 2021. 87 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

NEVES, S.; CORREIRA, A.; BORGES, J. Crenças de género e práticas de violência no namoro entre estudantes universitários em Portugal. **Journal of Human Behavior in the Social Environment**, p. 1-14, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/10911359.2023.2267615>

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OCAMPO, M. C. H.; POSADA, P. A. B.; MORA, E. A. Deshominem, homens contra a corrente: uma pesquisa-criação em torno da reflexão das masculinidades não hegemônicas. **Questões de Gênero: de igualdade e diferença**, n. 19, p. 546–567, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18002/cg.i19.8281>

OLEGÁRIO, M. da L.; MARQUES JÚNIOR, K. N. De casa para a escola: itinerários existenciais e as experiências escolares de jovens gays estudantes do ensino médio. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 16, n. 9, p. 17344-17363, 2023. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.9-210>

OLIVEIRA, P. P. de. **A construção social das masculinidades**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OPAS/OMS). **Estratégia e plano de ação para a saúde do adolescente e do jovem: relatório final**. Washington, D.C., 2019.

PAGE, M. J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **Journal of Clinical Epidemiology**, v. 134, p. 178-189, 2021.

PAIVA, V. **Fazendo arte com camisinha: sexualidades jovens em tempos de Aids**. São Paulo: Summus, 2000.

PALUMBO, M.; LÓPEZ, O. El papel de la familia en la construcción de masculinidad(es) en cis varones estudiantes de la FES Iztacala. **Inter Disciplina**, v. 11, n. 30, p. 313-336, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22201/ceiich.24485705e.2023.30.85573>

PEÑA-AXT, J. C.; HENRÍQUEZ, V. B.; BREVIS, H. R. Masculinización de lo público: percepciones sobre la utilización del espacio público en universidades chilenas. **Urbe – Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 15, e20220177, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.015.e20220177>

REED, L. A. *et al.* The association between stereotypical gender and dating beliefs and digital dating abuse perpetration in adolescent dating relationships. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 36, n. 9, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30261802/>

RISK, E. N. *et al.* Affective-sexual Relations: Conceptions and Representations of Middle Class Young University Students. **Psico**, v. 54, n. 1, e39108, 2023. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39108>

RIVERA, A.; SCHOLAR, J. Traditional masculinity: A review of toxicity rooted in social norms and gender socialization. **ANS Adv Nurs Sci.**, v. 43, n.1, p 1-10, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31299692/>

SALES, S. R.; SILVA, L. C. S. **Juventudes e relações de gênero**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

SÁNCHEZ-SICILIA, A.; RONCALLO, P. U. La masculinidad en el proceso de niño a adulto como experiencia liminal permanente. **Quaderns de Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 1-20, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1634>

SANTOS, A. P. da S.; BRITO, L. T. de. Diálogos com as masculinidades por meio da perspectiva intercultural e da coeducação na educação física escolar. **e-Mosaicos**, v. 12, n. 29, 2023. DOI: <https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2023.74987>

SANTOS, N. P. dos; IRIART, M. F. Pesquisando masculinidades juvenis em um contexto escolar: desafios metodológicos. **Cadernos do Aplicaçãõ**, v. 34, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/2595-4377.111217>

SARDINHA, S. S. F. Relacionamentos abusivos. **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas**, v. 6, n. 1, p. 14–35, 2023. Disponível em: https://unignet.com.br/wp-content/uploads/Ciencia-Juridicas-Sociais-Aplicadas-Jan_Jun_2023.pdf#page=15

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SENA FILHO, J.M. de. **Conhecimento, atitudes e práticas de universitários relacionados às infecções sexualmente transmissíveis**. 2022. 156 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Enfermagem) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2022.

SENKEVICS, A. S.; CARVALHO, M. P. D. Juventude e acesso ao ensino superior: sobre o não lugar de vestibulando. **Educação em Revista**, v. 39, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469841621>

SILVA, I. M. M.; ANGERAMI, A. Masculinidades e homossexualidade na perspectiva de jovens estudantes. **Diversidade e Educação**, v. 7, n. 2, p. 178-196, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v7i2.9631>

SILVA, R. A.; MENEZES, J. A. Jovens estudantes da periferia urbana de Garanhuns/PE: discursos relacionados à sexualidade. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 26, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20210007>

SPINDOLA, T. et al. Práticas sexuais e o comportamento de jovens universitários frente à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. **Enferm. Glob**, v.19, n.58, p.120-130, 2020. Disponível em: https://scielo.isciii.es/pdf/eg/v19n58/pt_1695-6141-eg-19-58-109.pdf

SPINOLA, M. C. R. Fatores associados a iniciação sexual precoce de adolescentes em Santarém, Pará. **Sanare - Revista De Políticas Públicas**, v. 19, n. 1, p. 36-47, 2020. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1385/713>

SOUZA, D. C. de. Violência por parceiro íntimo entre homens que se relacionam com homens. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003264982>

SOUZA, D. C.; SILVA, M. A.; BEIRAS, A. Violência íntima entre homens que se relacionam com homens: revisão da literatura. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.71775>

SOUZA, V. R. dos S.; MARZIALE, M. H. P.; SILVA, G. T. R.; NASCIMENTO, P. L. Translation and validation into Brazilian Portuguese and assessment of the COREQ checklist. **Acta Paulista de Enfermagem**, 2021. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631>.

TAQUETTE, S. R. *et al.* Teen-dating violence: conception of adolescents in a Brazilian metropolis. **J Inj Violence Res**, v. 12, n. 2, p. 153–160, 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7487130/>.

THORPE, S.; KUPERBERG, A. Social motivations for college hookups. **Sexuality & Culture**, v. 25, n. 2, p. 623-645, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12119-020-09786-6>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB). **Sagres acadêmico:** relação de alunos ativos. Jequié: UESB, 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB). **UESB em dados 2021-2023.** Jequié: UESB, 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB). **UESB 40 anos:** conhecimento para uma vida plena. Jequié: UESB, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNESCO). **Juventude no Brasil.** 2024. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/youth-brasil>

VALÉRIO, I. D. *et al.* Prevalence, co-occurrence, and associated factors of intimate partner violence among Brazilian university students. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 9, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.14712023>

VERÍSSIMO, A. V. R. *et al.* Prevalence and factors associated with dating violence among public school adolescents. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2022.20210170.en>

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WARE, S. Black heterosexual college men's masculinity dimensions, protective behavioral intentions, and sexual risk behaviors. **Journal of American College Health**, v. 72, n. 7, p. 2156-2163, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/07448481.2022.2103704>

ZABALGOITIA, M. Retóricas del meme masculinista. Universidad digital y antifeminismo en tiempos de pandemia. **Mitologías Hoy**, n. 25, p. 68-90, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/mitologias.834>

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO SENHOR, CONVIDAMOS o senhor para participar de uma pesquisa científica.

Por favor, leia este documento com bastante atenção e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine na linha “Assinatura do participante”, no ponto 8.

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

- 1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Sara de Jesus Santos
- 1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: Aline Vieira Simões

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

2.1. TÍTULO DA PESQUISA

Expressões das masculinidades nos comportamentos de jovens universitário nos Relacionamentos íntimos

2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):

Apesar do aumento significativo das pesquisas nos últimos anos sobre masculinidades, grande parte se destaca para saúde mental, adolescentes em fase escolar e homens envolvidos com violência doméstica e conjugal. Havendo uma lacuna nos estudos que abordam as expressões das masculinidades nos comportamentos de jovens universitários. Ademais, a participação em um grupo de pesquisa e iniciação científica motivaram o estudo, visto que, nas ações de pesquisa e extensão, foi evidente que os universitários apresentavam comportamentos com características em comuns relacionados ao seu processo de construção das masculinidades. O fato de torna-se facilitadora em círculos de construção de paz também subsidiou a realização da pesquisa, a medida que muito se tem estudo e trabalhado com os homens acusados de cometer violência contra a mulher, mas pouco se é enfatizado sobre outros ciclos vitais aos quais esse homem passa, estando sob forte influência de diversos determinantes, que orientam seus comportamentos.

2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

Compreender as expressões das masculinidades nos comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos. Objetivos específicos: Evidenciar os fatores que influenciam os comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos; Analisar os roteiros sexuais que orientam os comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos; Discutir as expressões das masculinidades dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos.

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

3.1 O QUE SERÁ FEITO:

Será realizado uma entrevista aberta, iniciada com um questionário para levantamento sociodemográfico, em seguida será conduzida pela seguinte questão “Conte-me sobre seus comportamentos nos relacionamentos íntimos? a mediação ocorrerá por meio de filtros para direcionar as narrativas aos objetivos propostos.

3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

A entrevista será realizada em local privativo e seguro dentro da Instituição de Ensino Superior, sendo a data e o local de escolha do participante, mediante acordo com o pesquisador.

3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

Por tratar-se de uma metodologia que utilizada as narrativas de vida como base, a duração das entrevistas varia de acordo a cada participante, contudo podem chegar em média 30 a 50 min, depende do envolvimento do participante em narrar sua história de vida. .

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo: ☒ MÍNIMO ☐ MODERADO ☐ ALTO

NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

Desconforto ou constrangimento ao responder o questionário ou a pergunta disparadora. Pode desencadear a vontade de chorar por relatar momentos específicos

4.1 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

Os questionários e os áudios gravados são armazenados em drive com e-mail de acesso exclusivo do pesquisador, não há menção de nomes na gravação em áudio e no formulário impresso. As transcrições são realizadas pela própria pesquisadora com auxílio de ferramentas para transcrição online. Caso haja desconforto no momento da entrevista ela será finalizada, e retomada caso o participante sinta-se confortável. Caso necessite de auxílio psicológico, será realizado uma comunicação efetiva e sigilosa com o programa de assistência estudantil da instituição, para viabilizar os meios de atendimento psicológico.

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

A oportunidade de narrarem sua própria história de vida, tomando-os protagonistas da pesquisa, a medida que gerará possibilidade de reflexão e sensibilização sobre suas próprias ações e comportamentos.

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

Os relatos darão subsídios para continuar traçando e aprofundando os estudos a respeito dos homens e das masculinidades, visto as lacunas existentes. Trazendo a possibilidade de integrar os participantes e outros jovens nas discussões de maneira crítica e construtiva. Além da viabilidade de promover reflexões profundas e gerar momentos informativos com os jovens, contribuir para construção gradual de masculinidades, mas alternativas.

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: Nenhum dos dois. A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas e se você acabar gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: Você pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: Não. Você só precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R: Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: Nenhum.

6.7. O que acontecerá com os dados que você fornecer nessa pesquisa?

R: Eles serão reunidos com os dados fornecidos por outras pessoas e analisados para gerar o resultado do estudo. Depois disso, poderão ser apresentados em eventos científicos ou constar em publicações, como Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações, Teses, artigos em revistas, livros, reportagens, etc.

6.8. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: Em geral, não. O(A) pesquisador(a) tem a obrigação de garantir a sua privacidade e o sigilo dos seus dados. Porém, a depender do tipo de pesquisa, ele(a) pode pedir para te identificar e ligar os dados fornecidos por você ao seu nome, foto, ou até produzir um áudio ou vídeo com você. Nesse caso, a decisão é sua em aceitar ou não. Ele precisará te oferecer um documento chamado "Termo de Autorização para Uso de Imagens e Depoimentos". Se você não aceitar a exposição ou a divulgação das suas informações, não o assine

6.9. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídas.

6.10. Qual a "lei" que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R.: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Há, também uma cartilha específica para tratar sobre os direitos dos participantes. Todos esses documentos podem ser encontrados no nosso site (www2.uesb.br/comitedeetica).

6.11. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: Sara de Jesus Santos Endereço: Av. José Moreira Sobrinho, s/n, (UESB), Jequiezinho, Jequié/BA. Fone: (73 3528-9727 / E-mail: sr_sr2@hotmail.com	Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB) Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091. Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepiq@uesb.edu.br Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 17:00
---	--

8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

☐ em participar do presente estudo;

☐ com a participação da pessoa pela qual sou responsável

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Jequié ____/____/____

Assinatura do participante

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

Jequié ____/____/____

Assinatura do Pesquisador

Assinatura da Orientador

APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados

Participante Nº _____

Data: ____/____/____

Início: _____ h Término: _____ h

1. Perfil Sociodemográfico

Idade: _____ anos

Cidade natal: _____

Curso: () Enfermagem () Medicina () Odontologia () Fisioterapia ()
Farmácia

Semestre/ Ano letivo: _____

Cor/raça: () Preta () Parda () Amarela () Vermelha () Branca

Religião: () Cristão () Católico () Sem religião () Afro-brasileiras () Outra: _____

Orientação sexual: () Heterossexual () Homossexual () Bissexual () Pansexual
() Transexual () Queer () Interssexual () Assexual () Outro

Estado civil: () Solteiro () União estável () Casado () Divorciado

Se tem algum tipo de relacionamento, há quanto tempo: _____

Tem algum outro tipo de relação no momento: _____,
há quanto tempo: _____

Uso de aplicativo de relacionamento: () Sim, _____ () Não

2. Entrevista

“Conte-me sobre seus comportamentos nos relacionamentos íntimos”

Filtros: ensinamentos sobre ser homem (família, amigos, escola, igreja, cultura e outros); referências masculinas que influenciam suas atitudes nos relacionamentos (família, amigos, mídia, religião e outros.); pressão social sobre comportamentos masculinos; início das experiências afetivas e sexuais; comportamentos que considera masculinos dentro dos relacionamentos; formas de lidar com sentimentos (afeto, intimidade, raiva, frustração e outros); conflitos vivenciados nas relações íntimas (ciúmes, controle, brigas, traição e outros); maneiras de demonstrar ou reprimir emoções nas relações; relação com outros homens e impacto nos vínculos afetivos; sexualidade, práticas sexuais e influência da masculinidade nesses contextos; tipos de relacionamentos (monogâmicos, casuais, fixos e outros); aplicativos de relacionamento e comportamentos associados; convivência com mulheres e papéis de gênero nos relacionamentos; inseguranças como homem nas relações; vivências como homem na sociedade; influência dos saberes universitários nos relacionamentos.

APÊNDICE C - Historiograma

Participante	Historiograma
P1	23 anos, graduando em farmácia, bissexual, namora há 11 meses. Compartilha suas vivências afetivas e sexuais iniciadas ainda na adolescência. Reconhece a influência da família, dos amigos e da universidade na construção de sua masculinidade, apontando a ausência paterna como um fator importante. Afirma experiências positivas e saudáveis em seus relacionamentos. Mostra-se tranquilo durante toda a entrevista, mantendo contato visual. Ao final relata ter narrado situações que nunca compartilhou com ninguém e se sentiu acolhido.
P2	21 anos, graduando em Fisioterapia, heterossexual, solteiro. Apresenta a influência da família nos referenciais masculinos centrados na ideia do homem provedor e conquistador. Relata vivências afetivo-sexuais marcadas por relações casuais, dificuldades em expressar sentimentos e inseguranças, principalmente ligadas à provisão financeira. Reflete as pressões sociais sobre a masculinidade desde a infância. Mostrou-se um pouco tímido, mas relata ter narrado situações que nunca compartilhou com ninguém.
P3	22 anos, graduando em Fisioterapia, heterossexual, solteiro. Constrói sua masculinidade a partir da convivência com mulheres e da negação de comportamentos do pai ausente. Relata dificuldades em expressar sentimentos e tendência ao afastamento emocional. Apesar de já ter se relacionado, mantém poucas relações afetivas-íntimas. Reconhece a masculinidade tóxica presente na universidade e defende a resignificação de valores masculinos. Tímido, mantém pouco contato visual, mas relata ter gostado de participar da entrevista.
P4	24 anos, graduando em Enfermagem, heterossexual, namora há 4 meses. Relata a construção da sua masculinidade baseada em ensinamentos familiares tradicionais e princípios bíblicos evangélicos, especialmente sobre sexualidade. Enfatiza a pressão social para corresponder ao ideal masculino padrão. Apresenta inseguranças ligadas à situação financeira, aparência e expressão emocional. Refere manter um relacionamento atual tranquilo. Mostrou-se muito envolvido e sorridente durante a entrevista.
P5	19 anos, graduando em Odontologia, heterossexual, namora há 2 anos. Construiu seu referencial de masculinidade com outros homens da família, diante do repúdio à ausência paterna. Relata dificuldades sociais na infância e adolescência, que influenciaram nas poucas vivências afetivas e sexuais, destacando o único relacionamento que mantém como valioso para seu amadurecimento. Reconhece inseguranças e o papel do homem como protetor e comprometido na família. Apresentou-se tímido inicialmente, contudo revelou-se muito divertido e comunicativo ao decorrer da entrevista.
P6	25 anos, graduando em Farmácia, homossexual, solteiro. Reconhece sua masculinidade influenciada pela família, especialmente pelo pai. Contudo, enfrenta pressões sociais por sua orientação sexual e comportamentos afeminados, reprimindo-os em virtude da família. Mantém relações casuais, mas tem inseguranças para iniciar e manter os vínculos. Busca amadurecer afetivamente e ampliar suas vivências com apoio dos amigos. Apesar de demonstrar em diversos momentos não saber o que narrar, relata ter se sentido muito confortável, podendo narrar situações nunca compartilhadas.

P7	25 anos, graduando em Enfermagem, homossexual, união estável há 5 meses. Apresenta a construção da masculinidade influenciada pela religião evangélica, inserido em um contexto familiar conservador. Relata pressões desde a infância para corresponder a um ideal masculino hegemônico. Destaca dificuldades nas relações afetivas, apesar de vivenciar atualmente uma união estável. Aponta inseguranças relacionadas à ausência de referências masculinas positivas, à rejeição familiar e à busca por aceitação social. Revela a busca por uma masculinidade autêntica, rompendo com os padrões tradicionais. Extremamente comunicativo e envolvido com a narrativa.
P8	24 anos, graduando em Odontologia, homossexual, solteiro. Relata a construção da masculinidade marcada pela influência dos pais com princípios da religião evangélica. Desde a infância enfrentou pressões por ser um homem gay, o que gerou conflitos internos e experiências afetivas reprimidas. Passou a explorar relações causais na universidade, influenciado por novos ambientes e amigos. Apesar das inseguranças, projeta um futuro com liberdade, afetos verdadeiros e desejo de formar família. Comunicativo, mantém contato visual e ao final relata a relevância da pesquisa.
P9	26 anos, graduando em Medicina, heterossexual, solteiro. Reconhece as influências da cidade pequena, família e religião católica na formação de sua masculinidade tradicional. Apesar das pressões sociais e culturais sobre o que é ser homem, não se percebe afetado. Suas vivências sexuais e afetivas iniciaram ainda na adolescência, já teve dois relacionamentos fixos, atualmente mantém duas relações casuais, mas tem projetado encontrar a mulher “ideal” para construir uma família tradicional. Mostrou-se muito centrado e objetivo na sua narrativa.
P10	27 anos, graduando de Medicina, heterossexual, solteiro. Relata que a construção de sua masculinidade é influenciada por uma família tradicional e religião evangélica. Reconhece pressões sociais na faculdade por comportamentos mais liberais, mas afirma manter seus valores conservadores, valorizando os princípios bíblicos nos relacionamentos. Teve dois relacionamentos, mas atualmente não mantém relações sexuais. Projeta um futuro pautado em um relacionamento monogâmico, alinhado aos seus princípios. Tranquilo, sorridente e objetivo nas suas narrativas.
P11	24 anos, graduando em Fisioterapia, homossexual, solteiro. Reconhece a influência da cidade pequena, criação conservadora e da figura paterna na construção de sua masculinidade. Relata conflitos entre sua identidade gay e as expectativas familiares tradicionais, gerando insegurança e dificuldade de expressar sentimentos. Compartilha vivências afetivas e sexuais casuais desde a adolescência, sendo potencializado pelo uso de aplicativos de relacionamentos. Projeto o ideal de estabilidade financeira e reconhecimento profissional, para ter valorização e respeito. Muito expressivo e comunicativo durante a narrativa.
P12	29 anos, graduando em Medicina, homossexual, solteiro. Reconhece a influência da mídia, mulheres da família, amigas e ausência paterna na construção de sua masculinidade, marcada por conflitos entre identidade gay e expectativas sociais tradicionais. Relata pressões e preconceitos desde a infância, com experiências afetivas e sexuais iniciadas na adolescência. Demonstra manter muitos vínculos causais e a dificuldades em manter relacionamentos duradouros, refletindo a influência da sociedade gay e dos aplicativos de relacionamento. Apesar de inicialmente não estar muito envolvido com a narrativa, aos poucos conseguiu expressar-se e mostrou-se contente.

P13	27 anos, graduando em Farmácia, heterossexual, solteiro. Reconhece a influência de homens da família na construção da masculinidade, mas destaca que o pai ausente não é uma referência positiva. Relata experiências afetivas e sexuais iniciadas cedo, com predominância de relações casuais e dificuldade em estabelecer vínculos duradouros. Os relacionamentos anteriores, a universidade e os aplicativos de relacionamento potencializam as vivências sociais, servindo como aprendizado e crescimento pessoal. Extremamente comunicativo, expressivo e sorridente, demonstra-se muito envolvido e participativo.
P14	25 anos, graduando em Enfermagem, heterossexual, namora há 1 ano e 8 meses. Destaca a influência materna e os ensinamentos religiosos católicos, como primordiais para seus comportamentos afetivos e sociais. Relata a ausência de uma referência paterna positiva na construção da sua masculinidade. Reconhece que há fortes pressões sociais para o homem, apontando a universidade como um potencial, mas que não influencia em suas relações. Vive atualmente em um relacionamento saudável, com projeções para casamento, família e filhos. Mostrou-se muito envolvido e comunicativo durante a entrevista.
P15	19 anos, graduando em Odontologia, bissexual, namora há 8 meses. Reconhece a influência da mãe e da avó, da mídia, literatura e da religião católica na construção de sua masculinidade, enfatizando a ausência paterna nos ensinamentos. Traz críticas às pressões sociais e à masculinidade tradicional, o que contribuiu para a repressão dos seus sentimentos, início tardio das relações sexuais, menos amizades masculinas e conflitos com a sexualidade. Atualmente mantém uma relação que considera saudável com uma mulher. Apresentou-se ansioso durante a entrevista, mas manteve-se comunicativo e interessado.

APÊNDICE D– Perfil sociodemográfico dos participantes

Ent.	Idade	Cor/Raça	Religião	Curso / Semestre	Orientação sexual	Estado civil	Vínculo afetivo-sexual
P 1	23 anos	Preta	Sem religião	Farmácia / 2°	Bissexual	Solteiro	Namorando
P 2	21 anos	Preta	Católico	Fisioterapia/ 6°	Heterossexual	Solteiro	Ficando
P 3	22 anos	Branca	Cristão	Fisioterapia /2°	Heterossexual	Solteiro	Sem vínculo
P 4	24 anos	Preta	Cristão	Enfermagem/ 1°	Heterossexual	Solteiro	Namorando
P 5	19 anos	Parda	Cristão	Odontologia / 3°	Heterossexual	Solteiro	Namorando
P 6	25 anos	Parda	Cristão	Farmácia / 10°	Homossexual	Solteiro	Sem vínculo
P 7	25 anos	Branca	Sem religião	Enfermagem / 6°	Homossexual	União estável	União estável
P 8	24 anos	Parda	Sem religião	Odontologia / 9°	Homossexual	Solteiro	Sem vínculo
P 9	26 anos	Branca	Católico	Medicina /4° ano	Heterossexual	Solteiro	Ficando
P 10	27 anos	Parda	Cristão	Medicina /4° ano	Heterossexual	Solteiro	Sem vínculo
P 11	24 anos	Preta	Católico	Fisioterapia / 8°	Homossexual	Solteiro	Sem vínculo
P 12	29 anos	Parda	Cristão	Medicina / 2° ano	Homossexual	Solteiro	Sem vínculo
P 13	27 anos	Parda	Católico	Farmácia / 8°	Heterossexual	Solteiro	Sem vínculo
P 14	25 anos	Preta	Católico	Enfermagem / 5°	Heterossexual	Solteiro	Namorando
P 15	19 anos	Preta	Católico	Odontologia/ 4°	Bissexual	Solteiro	Namorando

ANEXOS

ANEXO A- Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EXPRESSÕES DAS MASCULINIDADES NOS COMPORTAMENTOS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS EM SEUS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS

Pesquisador: SARA DE JESUS SANTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 86663325.0.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.434.335

Apresentação do Projeto:

Texto retirado do PB de Informações Básicas:

A juventude é uma fase de transição marcada por intensas mudanças e influências sociais que moldam seus comportamentos, muitas vezes associadas a padrões culturais e desigualdades de gênero. Nesse contexto, sob a perspectiva das masculinidades que se expressam de diversas formas, os homens jovens apresentam durante sua construção um complexo processo social, moldado por normas culturais que impactam os comportamentos e os relacionamentos íntimos, podendo tanto promover autonomia quanto reforçar limitações e controle. **Objetivo:** Compreender as expressões de masculinidades nos comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos. Utilizou-se a Teoria dos roteiros sexuais ou *Scripts Sexuais* de Gagnon e Simon como referencial teórico. **Método:** trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, tendo como referencial metodológico a Narrativa de vida de Daniel Bertaux, na perspectiva etnossociológica. O presente estudo irá ocorrer em uma universidade estadual pública do estado da Bahia. Os participantes da pesquisa serão acadêmicos do curso de enfermagem, fisioterapia, medicina, odontologia e farmácia, sendo a amostra composta por 30 jovens universitários. Este estudo será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB) fundamentados nas resoluções nº 466/2012 e nº 510/ 2016 do Conselho Nacional de Saúde. Este estudo é relevante por abordar os comportamentos de jovens universitários em relacionamentos

Endereço: 1º andar módulo Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP) da UESB, Avenida
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

Íntimos, considerando as lacunas na literatura sobre a construção da masculinidade. Além disso, destaca como essas normas impactam negativamente os próprios homens, limitando a expressão emocional e dificultando vínculos saudáveis. Por fim, busca promover reflexões críticas e ações educativas para sensibilizar os jovens, incentivando mudanças graduais e mais conscientes em suas condutas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Compreender as expressões de masculinidades nos comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos.

Objetivos Secundários:

Evidenciar os fatores que influenciam os comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos;

Analisar os roteiros sexuais que orientam os comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos;

Discutir as expressões das masculinidades dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS-

Desconforto ou constrangimento ao responder o questionário ou a pergunta disparadora. Pode desencadear a vontade de chorar por relatar momentos específicos.

BENEFÍCIOS- A oportunidade de narrarem sua própria história de vida, tornando-os protagonistas da pesquisa, a medida que gerará possibilidade de reflexão e sensibilização sobre suas próprias ações e comportamentos. Os relatos darão subsídios para continuar traçando e aprofundando os estudos a respeito dos homens e das masculinidades, visto as lacunas existentes. Trazendo a possibilidade de integrar os participantes e outros jovens nas discussões de maneira crítica e construtiva. Além da viabilidade de promover reflexões profundas e gerar momentos informativos com os jovens, contribuir para construção gradual de masculinidades, mas alternativas.

(Textos sobre riscos e benefícios retirados das Informações Básicas da PB).

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



Continuação do Parecer: 7.434.335

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa de dissertação referente ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES), Departamento de Saúde, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Informações Básicas do Projeto 14/02/2025 12:33:46 ok

Declaração de Pesquisadores 14/02/2025 12:31:57 ok

Folha de Rosto 13/02/2025 10:43:54 ok

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência 05/02/2025 16:45:16 ok

Projeto Detalhado / Brochura Investigador 05/02/2025 16:45:04 ok

Orçamento 05/02/2025 16:33:49 ok

Cronograma 05/02/2025 16:29:49 ok

Recomendações:

Ver Conclusões no tópico abaixo

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Projeto não apresenta óbices éticos. Portanto, se encontra apto para as fases de execução.

Durante a execução do projeto e ao seu final:

1- anexar na Plataforma Brasil os respectivos relatórios parciais e final, de acordo com o que consta na Resolução CNS 466/12 (itens II.19, II.20, XI.2, alínea d) e Resolução CNS 510/16 (artigo 28, inciso V). Caso a pesquisa tenha duração de até um ano, torna-se suficiente o envio apenas do relatório final.

2- Emendas - Para realizar alterações de qualquer sorte (acrescentar membros/assistentes, alterar um instrumento ou inserir um campo de coleta, mudar aspectos metodológicos, etc) em projetos já aprovados, você precisará submeter uma EMENDA para avaliação do CEP. As instruções para tanto estão nas páginas 67 a 78 do Manual do Pesquisador da Plataforma Brasil. Atente-se para que as emendas não façam mudanças profundas, que descaracterizem o projeto em execução. Logo, pequenas alterações textuais podem ser informadas nos relatórios.

Endereço: 1º andar módulo Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP) da UESB, Avenida
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.205-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjc@uesb.edu.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA**



Continuação do Parecer: 7.434.335

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião realizada no dia 10/03/2025 por videoconferência, autorizada pela CONEP, a plenária do CEP UESB acatou o parecer do(a) relator(a).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2479085.pdf	14/02/2025 12:33:46		Acelto
Declaração de Pesquisadores	Compromisso_geral_.pdf	14/02/2025 12:31:57	SARA DE JESUS SANTOS	Acelto
Folha de Rosto	Folhaderoosto_.pdf	13/02/2025 10:43:54	SARA DE JESUS SANTOS	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/02/2025 16:45:16	SARA DE JESUS SANTOS	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DISSERTACAO.pdf	05/02/2025 16:45:04	SARA DE JESUS SANTOS	Acelto
Orçamento	Orcamento.pdf	05/02/2025 16:33:49	SARA DE JESUS SANTOS	Acelto
Cronograma	cronograma.pdf	05/02/2025 16:29:49	SARA DE JESUS SANTOS	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JEQUIE, 11 de Março de 2025

Assinado por:
Carla Patrícia Novais Luz
(Coordenador(a))

Endereço: 1º andar módulo Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP) da UESB, Avenida
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br